

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

PRISCILA TAVARES DOS SANTOS

**A LUTA COM A TERRA NO PROJETO DE ASSENTAMENTO CHE  
GUEVARA (RJ):**

**produção e transmissão de conhecimentos entre assentados.**

Niterói,

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

PRISCILA TAVARES DOS SANTOS

**A LUTA COM A TERRA NO PROJETO DE ASSENTAMENTO CHE  
GUEVARA (RJ):**

**produção e transmissão de conhecimentos entre assentados.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

**Linha de Pesquisa do orientador:** Mudança e Reprodução Social no Campesinato.

**Projeto do orientador:** Sistema de produção sucroalcooleira: transformações sociais, agentes produtivos e trajetórias familiares.

Niterói,

2011

## **Banca Examinadora**

---

Profa. Orientadora ó Dra. Delma Pessanha Neves  
Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Iran Pereira Veiga Junior  
Universidade Federal do Pará

---

Profa. Dra. Eliane Cantarino O'Dwyer  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Pedro Fonseca Leal  
Universidade Federal do Oeste do Pará

À Dilma Lúcia Arêas Dias  
(*in memoriam*)



•O temor do Senhor é o princípio da sabedoria e o  
conhecimento do Santo é prudência.ö  
(Provérbios 9:10)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, razão e motivo de minha existência, sem o qual não teria chegado até aqui.

A meus pais ó Luiz Sérgio e Mírian - pelo incentivo e valores fundamentais à minha formação; e às minhas irmãs ó Jéssica e Clícia - pelo carinho, mas também pelo estímulo e confiança que me propulsionaram a investir na formação acadêmica. Ao meu cunhado Cesar pela firme presteza, principalmente nos momentos em que os recursos tecnológicos falhavam e era preciso lutar contra o tempo.

A Tia Dilma, a quem *in memoriam* dedico este trabalho, meus eternos e sinceros agradecimentos pelas incansáveis e constantes palavras e gestos de encorajamento desde os anos iniciais de minha formação intelectual.

Registro ainda minha imensa gratidão à amiga-irmã Michelle, por me ensinar, com sua experiência, que, mesmo diante das dificuldades que a vida nos apresenta, não devemos desistir. Agradeço ainda pelos inúmeros momentos de alegria proporcionados durante esses anos de amizade, pelo sólido apoio, pela paciência frente minha ausência, mas especialmente por tornar minha vida mais leve, por compartilhar comigo sua família e por ter dado um novo e verdadeiro sentido a esta palavra (amizade) que muitos falam, mas poucos conhecem e podem desfrutar desta dádiva de Deus.

Um agradecimento especial a minha orientadora, Delma Pessanha Neves, amiga e companheira desde a graduação, fiel colaboradora para que eu completasse mais essa etapa na minha formação acadêmica, depositando em mim sua confiança. Minha dívida e admiração são incomensuráveis pelo ilustre papel enquanto educadora e pesquisadora.

À professora Eliane Cantarino O'Dwyer pelas valiosas discussões durante as aulas e pelas contribuições apresentadas no momento da qualificação, mas também pelo estímulo expresso por relação de amizade, anterior à minha vinculação institucional enquanto discente. Também agradeço a professora Ana Claudia Cruz da Silva pelas sugestões e críticas apresentadas na qualificação do projeto de dissertação.

Agradeço ainda a todos os meus amigos de antes e de agora pelo apoio e solidariedade nesta empreitada: Ana Paula, Beatriz, Daiane, Fabrício, Fernanda, Flávia, Leonardo, Luanda, Pamella, Renata, Roberta e Tatiana.

À equipe do CIEP 248 de quem recebi apoio importantíssimo à concretização de mais esta etapa em minha formação acadêmica: aos colegas docentes (Andressa, Camila, Delcinéa, Douglas, Fátima, Flávio e Jandira), aos coordenadores pedagógicos e funcionários administrativos e, em especial, às diretoras Ana Cláudia, Ana Carmen e Rosali.

Para a realização do trabalho de campo, contei com a ajuda de meu colega e aluno deste Programa, Rodrigo Pennutt da Cruz. Muito obrigada por manter afastado de mim os õperigosö daquelas terras, atitude tão companheira demonstrada durante os dias em que estivemos em Marrecas, que ainda se estendeu durante os meses de análise e sistematização dos dados aqui apresentados.

Aos assentados rurais do Projeto de Assentamento Che Guevara, pela disposição e confiança que depositaram em mim, ao compartilharem aspectos de suas vidas. Um agradecimento especial ao Davi e ao Sr. Alcy, pela hospitalidade com que me receberam durante os dias em que estive em trabalho de campo. Todos vocês são merecedores da minha admiração. Meus singelos agradecimentos.

Agradeço ainda, pelo apoio institucional que recebi para realização deste trabalho: aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA); a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão de bolsa.

## RESUMO

SANTOS, PRISCILA TAVARES DOS. *A ãluta com a terraã no Projeto de Assentamento Che Guevara (RJ): produãõ e transmissã de conhecimentos entre assentados*. 2011. 178f. Dissertaãõ (Mestrado em Antropologia) ó Programa de Põs-Graduaãõ em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterõi, 2011.

Neste texto de dissertaãõ, sistematizo reflexões sobre processos de produãõ e transmissã de saber prãtico construãdo por agricultores, visando incorporar produtivamente área de terra degradada. Para esta anãlise, pauto-me em estudo de caso de assentados rurais no Projeto de Assentamento Che Guevara (Campos dos Goytacazes, RJ), que corresponde à área de terra da extinta Fazenda Marrecas, antes explorada para o cultivo da cana de aãúcar pela Usina Baixa Grande. Assumindo a diversidade de possibilidades que este agente pode se dedicar, seja na posiãõ de agricultor, na de criador de animal, bem como na constituiãõ da posiãõ de assentado ou, para alguns, a de líder local, ofereãõ uma reflexãõ sobre as diferentes formas de conhecimento para gestãõ de recursos naturais. A importãncia da questãõ ultrapassa o estudo de caso em pauta, tendo em vista ser freqüente, entre assentados, a incorporaãõ produtiva de parcela de terra exaurida e degradada. Na contramãõ de estudos pontuais sobre a temãtica da produãõ de saber, mas também da visãõ de agentes interventores que demonstram preconceito e desconhecimento em relaãõ aos saberes pelos quais os trabalhadores se pautam e constroem sua inclusãõ no assentamento, procuro trazer à reflexãõ este sistema de saber e o papel dos assentados na apropriaãõ de patrimõnios fundiãrios de fato abandonados por empresas agrãcolas capitalistas, visto exigir grandes investimentos para reconstituãõ de propriedades destruãdas.

**Palavras-chave:** Saber prãtico. Assentamento rural. Gestãõ de recursos naturais. Reforma Agrãria.

## ABSTRACT

In this text of dissertation, I systemize reflections on production processes and transmission of practical knowledge constructed for farmers, aiming to productively incorporate degraded land area. This analysis is based on in the study of case of seated farmers in the Project of Settlement Che Guevara (Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro), that he corresponds to the land area of the extinct Marrecas Farm, before explored for the culture of the sugar cane of Baixa Grande refinery. Assuming a diversity of possibilities that this agent can dedicate itself, either in the position of agriculturist, the one of animal creator, as well as in the constitution of the seated position of or, for some, of local leader, I offer a reflection on the different forms of knowledge for management of natural resources. The importance of the question exceeds the study of case in guideline, in view of being frequent, between seated, the productive incorporation of weatherbeaten and degraded land parcel. In the opposition of prompt studies on the thematic one of the production to knowledge, but also of the vision of interventors agent who demonstrate to preconception and unfamiliarity in relation to knowing to them for which the workers based on and construct its inclusion in the nesting, look for to bring to the reflection this knowledge system and the role of the seated ones in the appropriation of agrarian patrimonies in fact abandoned by capitalist agricultural companies, to demand great investments for reconstitution of destroyed properties.

**Key-words:** Practice knowledge. Rural settlement. Natural resources management. Land reform.

## LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1 - Localização espacial e orientação produtiva, Fazenda Marrecas, Campos dos Goytacazes (década de 1960)	32
Mapa 2 - Distribuição dos lotes e das áreas de reserva, PA Che Guevara	36
Mapa 3 - Localização de Marrecas, Campos dos Goytacazes, RJ	37
Mapa 4 - Principais canais de drenagem implantados pelo DNOS até o final da década de 1960	39
Mapa 5 - Localização e distribuição espacial dos produtores, segundo sistemas produtivos, por lote, PA Che Guevara	72
Figura 1 ó Ciclo agrícola anual da cana de açúcar	77
Figura 2 ó Ciclo agrícola anual do aipim	83
Figura 3 ó Ciclo agrícola anual do quiabo	90
Figura 4 ó Organização espacial do <i>terreiro</i>	103

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Valado seco, lote 23, PA Che Guevara	55
Foto 2 ó Estrada da Caixa D'água, PA Che Guevara	55
Foto 3 ó Construção de alvenaria típica dentre as famílias de assentados, PA Che Guevara	56
Foto 4 ó Quebra-vento de gaiolinha, Estrada da Caixa D'água, PA Che Guevara	56
Foto 5 ó Quebra-vento de eucalipto, lote 21, PA Che Guevara	57
Foto 6 ó Antiga área de brejo, detalhe para a coloração avemelhada dos aguapés torrados pelo sol, PA Che Guevara	57
Foto 7 ó Peixe sassamutema morto pela falta de água no valado, Capão Redondo, PA Che Guevara	58
Foto 8 ó Canteiro preparado, aguardando o momento do plantio, lote 50, PA Che Guevara	58
Foto 9 ó Plantio perdido em solo arenoso, lote 42, PA Che Guevara	59
Foto 10 ó Vegetação rasteira característica de solo salitrado, lote 50, PA Che Guevara	59
Foto 11 ó Assentado caminhando sobre <i>Tabua</i> , lote 42, PA Che Guevara	60
Foto 12 ó Valado poluído, lote 21, PA Che Guevara	60
Foto 13 ó Sistema de captação de água da chuva, em detalhe recipiente seco, lote 37, PA Che Guevara	61
Foto 14 ó Vista da entrada da segunda agrovila, Estrada da Caixa D'água, PA Che Guevara	61
Foto 15 ó Casa de ex-trabalhador da usina, ocupada por assentado, Estrada da Caixa D'água, PA Che Guevara	62
Foto 16 ó Ninheira para pintos, detalhe para variedades de galinhas, lote 54, PA Che Guevara	62
Foto 17 ó Instalações do <i>terreiro</i> desativado, lote 40, PA Che Guevara	63
Foto 18 ó Diversidade de galinhas caipiras, lote 54, PA Che Guevara	63
Foto 19 ó Galinhas garnisé, lote 24, PA Che Guevara	64
Foto 20 ó Palha da cana deixada para adubar e proteger o solo da seca, lote 71, PA Che Guevara	64

Foto 21 ó Solo do Capão Redondo e suas manchas de vegetação, PA Che Guevara	65
Foto 22 ó Pés de limão, detalhe para praga nas folhas, lote 39, PA Che Guevara	65
Foto 23 ó Pé de pinha perdido com falta de água, em detalhe fruto aberto, lote 40, PA Che Guevara	66
Foto 24 ó Ruínas da tubulação da Casa de Bomba construída para fins de irrigação das fazendas, PA Che Guevara	66
Foto 25 ó Volante destinado a abertura e ao fechamento das comportas do antigo sistema de irrigação, PA Che Guevara	67
Foto 26 ó Área alagada da reserva permanente, Capão Redondo, PA Che Guevara	67
Foto 27 ó Leito do Canal Andreza, PA Che Guevara	68
Foto 28 ó Leito do Canal do Wagner, PA Che Guevara	68



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de usinas na região canavieira do Rio de Janeiro	30
Tabela 2 - Projetos de assentamento rural e ano de sua criação, Campos dos Goytacazes, RJ (Década de 1990)	33
Tabela 3 - Famílias assentadas segundo tamanho do lote e sexo, PA Che Guevara, 2010	35
Tabela 4 - Variedade de sistemas produtivos segundo tempo de permanência do produtor no lote, PA Che Guevara	71
Tabela 5 - Número de assentados por tempo de permanência no assentamento, segundo capacidade produtiva dos lotes	107
Tabela 6 - Produtos agrícolas produzidos por assentados, segundo tempo de permanência no assentamento	108
Tabela 7 - Criação de animais por assentado, segundo tempo de permanência no assentamento	109

## LISTA DE SIGLAS

Asflucan ó Associação dos Plantadores de Cana

Capex - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CPT ó Comissão Pastoral da Terra

Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

ELC - Estatuto da Lavoura Canavieira

Fapema - Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão

Fetag-RJ - Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio de Janeiro

Fiderj - Fundação Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social

IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool

IBGE ó Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Mirad - Ministério da Reforma Agrária e do Desenvolvimento Agrário

Mova-Brasil - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PA Che Guevara - Projeto de Assentamento Che Guevara

PDA - Plano de Desenvolvimento Sustentável do Assentamento Che Guevara

PNRA ó Política Nacional de Reforma Agrária

Proálcool - Programa Nacional do Alcool

Projir - Projeto de Irrigação e Drenagem do Norte Fluminense

Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UFF ó Universidade Federal Fluminense

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A produção de saber prático entre assentados rurais	16
CAPÍTULO I - A constituição do Projeto de Assentamento Che Guevara	27
CAPÍTULO II ó Os diferenciados ambientes sociais do trabalho de campo	42
II.1 - Condições sociais de pesquisa	42
II.2 - Primeiro cenário	44
II.3 - Segundo cenário	52
CAPÍTULO III - Sistemas produtivos recorrentes	69
III.1 - Cana de açúcar	74
III.2 ó Aipim	81
III.3 ó Quiabo	87
III.4 ó Criação de gado	93
III.5 ó Criação de galinha	99
CAPÍTULO IV ó As múltiplas formas de gestão do lote	106
IV.1.a) Agricultores vindos de fora da região de Marrecas	109
IV.1.b) Agricultores do povoado de Marrecas e ex-trabalhadores da usina	120
IV.1.c) Assentados que desempenham funções não-agrícolas originários de regiões externas a Marrecas	127
IV.1.d) Assentados que desempenham funções não-agrícolas originários de Marrecas	133
CAPÍTULO V ó O reconhecimento social dos <i>experts</i> locais: especialidades distintas	137
V.1 - A família de <i>inteligentes</i> criadores de galinhas	140
V.2 - O <i>inteligente</i> produtor de cana de açúcar	154
Considerações finais	169
Referências	174
Glossário	177

## INTRODUÇÃO: A produção de saber prático entre assentados rurais

Neste texto de dissertação sistematizo reflexões sobre processo de produção e transmissão de saber prático construído por agricultores, visando incorporar produtivamente área de terra por eles reputada como degradada. Para esta análise, pautome em estudo de caso de assentados rurais, considerando tanto aqueles que anteriormente se dedicavam a atividades agrícolas, quanto os que se vinculavam a outros setores produtivos (construção civil, marcenaria, costura e mecânica etc).

O assentamento Che Guevara, *locus* deste estudo, corresponde à transferência de área de terra da Fazenda Marrecas, antes explorada para o cultivo<sup>1</sup> da cana de açúcar da Usina Baixa Grande, extinta em 1999. Este assentamento<sup>2</sup> se integra um conjunto de outros tantos, construídos no mesmo processo de insolvência de usinas e de alguns produtores de cana. É um dos resultados de processos de redistribuição territorial desencadeado pelos trabalhadores aglutinados em sindicatos (Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio de Janeiro - Fetag-RJ) e porta-vozes de movimentos sociais (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST), após a dissolução da usina de açúcar de Baixa Grande. Dentre os bens transferidos e que foram desapropriados, aqui destaco os desdobramentos na Fazenda Marrecas.

Tendo conhecido anteriormente a região do assentamento e visitado alguns lotes, pude voltar-me à leitura de alguns textos de autores que se dedicaram ao estudo de assentamentos rurais no país. Pela singularidade das questões reconhecidas, decidi examinar os modos de construção do saber prático entre os assentados rurais. Assumir questão, entre outros aspectos, é reconhecer que esses agentes investem na criação de alternativas para superar constrangimentos e limitações a que, recorrentemente, estão submetidos. Adotando a diversidade de possibilidades, seja na posição de agricultor, de criador de animal, de assentado ou de líder local, espero refletir sobre as diferentes formas de conhecimento para gestão de recursos naturais. A importância da questão ultrapassa o

---

<sup>1</sup> Diversas são as definições apresentadas pelos autores para esta categoria. Contudo, para efeitos desta análise, adoto-a como forma de agrupar os produtos, quando estes, ainda no pé, avançam pelas fases sucessivas do ciclo vegetativo até que, completada esta etapa, possam ser consumidos mediante o ato da colheita.

<sup>2</sup> Para efeitos de análise, assentar pressupõe a instalação, o registro de assentados de modo que, o assentado seja firmado. Adoto a grafia Assentamento para referir-me ao espaço territorial, *locus* de aplicação da Política Nacional de Reforma Agrária ó PNRA.

estudo de caso em pauta, tendo em vista ser freqüente, entre assentados, a incorporação produtiva de parcela de terra por esses agentes considerada exaurida e degradada<sup>3</sup>, no caso em apreço, pelo sistema agroindustrial. Boa parte das reflexões decorre de minha instigação dos agentes locais a realizarem o exercício da contraposição do tempo de hoje, em que estão assentados, àquele em que possuíam outras formas de vinculação produtiva, seja como trabalhador assalariado ou como ajudante.

O reconhecimento de que agricultores são dotados de saber específico nem sempre leva tais questões em consideração. Na medida em que ia percorrendo os lotes, percebia o estado de degradação dos recursos, principalmente a partir da pobreza da composição florística, da coloração do solo e da água nos leitos. Além disso, na contramão de estudos transversais sobre a temática da produção de saber, questionadores do alcance da reforma agrária<sup>4</sup> pelo despreparo técnico dos assentados para o papel, mesmo quando os assentados se encontram em áreas altamente inadequadas ao desenvolvimento de sistemas produtivos, procurarei exatamente trazer à tona este sistema de saber e o papel dos assentados na reapropriação de patrimônios fundiários.<sup>5</sup> Os agentes interventores demonstram assim desconhecimento e preconceito em relação aos saberes pelos quais os trabalhadores se pautam e constroem para inclusão no assentamento.

Contudo, não adio a este debate. Pretendo chegar à compreensão do modo como os assentados constroem alternativas diversas para permanecer nesta paisagem degradada, mediante a construção de linhas de fuga, e assim sobrevivendo com suas famílias. A própria paisagem no assentamento reflete as transformações materializadas no espaço, expressões da herança de um tempo de sobreexploração dos recursos naturais com fins capitalistas.

Cabe ressaltar que as condições adversas nas quais esses assentados operam dotam-nos de conhecimentos para gerir, sob risco de inviabilidade, os projetos de manutenção do lote e de sobrevivência de seu grupo familiar. Tais adversidades não lhe são condição peculiar. Diversos autores têm demonstrado a péssima qualidade do solo e ressaltado os

---

<sup>3</sup> Degradação, conforme definição apresentada pelo Aurélio, é entendida como processo de mudança das condições biofísicas que provocam alterações na fauna e na flora natural, com perda de biodiversidade. A Lei 6.938/81 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, em seu Art. 3, parágrafo II, entende degradação da qualidade ambiental como alteração adversa das características do meio ambiente. Para efeitos analíticos, adoto definição legal, principalmente porque, sobre os assentados, recai a necessidade de licenciamento ambiental, conforme a Resolução Conama 289/2001. Neste quadro de proposições, atribui-se aos assentamentos potencial de impacto e dano ao ambiente.

<sup>4</sup> Para uma análise do processo de reforma agrária no Brasil, ver Neves (2005).

<sup>5</sup> A Embrapa (2007) elaborou uma classificação dos solos, numa escala estadual, mas que permite um conhecimento mais aprofundado acerca da qualidade do solo no município de Campos dos Goytacazes.

recursos limitantes à efetivação e sucesso dos projetos de assentamento rural no país. (Leite, 2004)

Para reverter esse quadro de degradação, torna-se necessário um grande investimento por parte do assentado. Investimentos tanto em adubação do solo com matéria orgânica e insumos químicos (fertilizantes e adubos), como em irrigação e restauração da vegetação nativa, principalmente a ciliar e da área de reserva.

Em 1996, o Censo Agropecuário revelou que no país existiam 161.556 famílias beneficiadas pela Reforma Agrária, distribuídas em 1.460 projetos de assentamento rural. Dessas famílias beneficiadas, a grande maioria já trabalhou na agricultura (cerca de 57.8%), mas desses, apenas 16,3% tinham a posse da terra. Nesse sentido, os projetos de assentamento rural no país representam uma transformação não apenas na configuração espacial, mas mudanças nas relações sociais e na forma de uso da terra e das práticas de produção agropecuária, correspondendo a investimentos pontuais de recuperação do patrimônio fundiário. (Bergamasco, 1997)

Ortiz (1971) também coloca em questão o apriorismo de alguns modelos de análise sobre os agricultores e que terminam por atribuir-lhes a imagem de irracional, desmotivado e de desprovido de condições para seu auto-sustento, quando de fato operam em condições desfavoráveis e contribuem para diminuir alguns quadros de degradação ambiental.

O sistema de desqualificação atribuído aos assentados é ainda apresentado por Neves (1997). Como afirma, esses agentes são entendidos pelos mediadores das políticas públicas como ignorantes, sem instrução e carentes de meios de sobrevivência, além de acusados de indolentes e portadores de um desejo comum de perpetuação de sua condição de subalterno e de dependente. Assim, os assentados vêm sendo rotulados como recebedores do suprimento dos benefícios do poder público, porque percebidos a partir da defasagem e da manutenção do etnocentrismo dos agentes mediadores das políticas públicas. Embora, os assentados sejam acusados de não acumularem saber sobre processos, mesmo que agrícolas necessários à realização das atividades no lote; eles são muitas vezes constrangidos, pela imposição legal<sup>6</sup>, ao assumirem o papel de agentes da preservação de

---

<sup>6</sup> Sobre este aspecto, a Resolução Conama 289 de 25 de outubro de 2001 (DOU 21/12/2001), cujo efeito legal desejado é o de fazer cumprir a função sócio-ambiental da propriedade de terra, estabelece, em seu artigo 3º, a obrigatoriedade de os projetos de assentamento de reforma agrária no país passarem pelo processo de licenciamento ambiental. Este procedimento legal é uma exigência a qualquer atividade ou empreendimento de reconhecido potencial poluidor ou degradador do meio ambiente. Assim, institui-se que os projetos de assentamento rural ficam subordinados aos órgãos estaduais de Meio Ambiente e ao IBAMA, no âmbito federal.

reservas; ou são legitimados para recuperação e restauração dos recursos naturais de áreas degradadas transferidas para assentamento.

Quero então contribuir na reflexão da problemática, demonstrando que, a despeito de os agricultores serem pensados a partir da negação de um conhecimento, pelo contrário, eles são construídos a partir de sua origem, como trabalhador (rural ou urbano) revelando outros princípios de configuração do espaço social de produção de saber. Todavia, o estudo do processo de constituição desse sistema de desqualificação permite, por contraposição, entender outros conhecimentos formulados como objeto de investimentos para alcançar hegemonia.

Os estudiosos que vêm se dedicando à temática valorizam o saber tradicional de populações classificadas como tradicionais, que realizam a prática do extrativismo, deixando de lado as peculiaridades de outros sistemas populares de produção de saber. Ora, o conhecimento relaciona-se (e por ele se transforma) ao contexto cultural e ecológico no qual os agentes se mobilizam. Assim, práticas produtivas de apropriação e de gestão dos recursos naturais são dependentes do meio ambiente, mas não somente deles, porque transformados segundo posição dos agentes na estrutura social, de acordo com princípios que lhes são próprios e mediante a atribuição de significados e sentidos diversos. (Leff, 2002)

Para romper com os efeitos da concorrência pela hegemonia do saber agrônômico, invisto no reconhecimento do saber local, considerando os modos de produção de conhecimento prático numa situação de assentamento rural. Portanto, este estudo está marcado por um ponto de vista que valoriza os fatores situacionais que estimulam a reflexão e a retenção de conhecimentos. Esta particularidade de construção de método de pesquisa também leva em conta os diferentes modos de agir desses agricultores. Meu objetivo é compreender como o conhecimento é construído por tais apropriadores da terra, considerando contrastivamente aqueles apreendidos no contexto do trabalho assalariado no sistema agrocanavieiro, ao final do processo, com base em complexo sistema de irrigação; e outro quando o solo, já exaurido pelos abusos técnicos adotados por esse sistema, foi transferido diante da falência da usina. O eixo analítico valorizado está referenciado pela mudança na disponibilidade de recursos naturais e, conseqüentemente, dos meios econômicos referentes aos meios de vida, para construir a posição de assentado e gestor produtivo do lote.

São fundamentais, para esta perspectiva, os estudos sobre os modos de produção e transmissão de conhecimento entre assentados rurais para gestão dos recursos naturais, principalmente com vistas à construção de parcerias para a execução de políticas públicas que se coadunam com os interesses desses agentes; mas também com a preservação do meio ambiente. Como as transformações naturais não são dadas *a priori*, invisto no estudo do processo de mudança de trabalhador assalariado a assentado rural. Pretendo igualmente entender como o segmento de assentados, que anteriormente ao processo de assentamento, estava integrado a outros sistemas econômicos e regionais, dotados de diferentes saberes a respeito do trabalho agrícola, se constituiu na posição de agricultor. Entre os assentados, admite-se que os ãde foraõ não contavam, em sua experiência como trabalhador, com o conhecimento da prática agrícola. Levando em conta a trajetória individual dos assentados, tomo-as para entender como, sob o prisma da diversidade de experiências, um corpo de saberes é coletivamente construído e operado.

### **O saber como tema do conhecimento antropológico**

O estudo do sistema de saberes mediante análise de categorias de entendimento é temática constitutiva do campo acadêmico da antropologia social moderna. (cf. Cardoso de Oliveira, 1988) A construção da disciplina que inicialmente se dedicou ao estudo de sociedades primitivas e tradicionais contou com a contribuição de autores que se identificavam com o apriorismo das categorias, quanto daqueles que se dedicavam a negar a subordinação da razão teórica à prática. Assim, as categorias eram concebidas como dispositivo universal da mente, como possuidoras de conteúdo variável entre as diferentes culturas, compondo a ãossatura da inteligência. (Durkheim, 1977; Cardoso de Oliveira, 1988) Contudo, em se tratando da transmissão de saber prático, poucos autores se dedicaram ao estudo de processos equivalentes.

Da perspectiva de Durkheim (1977), o saber prático só pode ser compreendido se tomado em suas articulações, se configura como combinação de relações *sui generis* que ultrapassam o somatório de partes que a integra. É mediante o exercício da observação, mais especificamente a comunicação social, a partir de situações de cooperação e relações interindividuais, que os fenômenos sociais coletivamente constituídos são manifestados



como dignos de reflexão na vida coletiva. Desse viés, o conhecimento prático deve ser compreendido pelas diferentes maneiras de agir e pensar que emanam de uma ordem moral que excede os limites individuais, visto que é coletivo. (Durkheim, 1977) O sistema prático de ação e reflexão, porque regido por fenômenos reais tornados inteligíveis, pode ser externalizado pelos agentes sociais. Sendo assim, este mesmo saber, para ser colocado em ato, é igualmente dependente da ação para ser criado. Como afirma o autor: ãa ordem não pode produzir seu efeito senão após ser ouvida e compreendida.ö (Durkheim, 1977: 30) É a consciência que esses agentes possuem de suas atitudes frente às situações sociais que nos permite chegar à compreensão dos princípios reguladores de suas práticas.

Do ponto de vista de Lévi-Strauss, o saber é construído a partir de um universo situado para além do plano prático dos agentes; ele não é fruto de um processo de acumulação fortuita de fenômenos naturais que vão sendo acumulados pelo espectador. (Lévi-Strauss, 1962) A construção da consciência do concretoö pressupõe um processo ativo de observação e requer uma metodologia que ponha em teste hipóteses (tanto para rejeitá-las quanto para confirmá-las), sob processo incansável de experimentação. Lévi-Strauss (1962) critica a elaboração de sistemas classificatórios construídos em função da utilidade prática de objetos valorizados pelos chamados primitivos, por serem entendidos como aprioristicamente dados, visto que coisas e fatos que os integram só podem ser considerados pela perspectiva do seu fim prático. A estrutura desse sistema de conhecimentos, majoritariamente sobre plantas e animais, compunha um *corpus* ordenado, atóricico, exatamente porque fundado em interesses individuais. Para este autor, o processo de produção de conhecimento vai ganhando sentido na medida em que os conceitos e significados, quando confrontados a uma nova realidade, vão sendo reordenados; ou seja, ãos fins transformam-se em meiosö. (Lévi-Strauss, 1962: 36) Nessa perspectiva, não há uma produção de novos saberes, mas um rearranjo de modo a possibilitar a apropriação de novos recursos e a dotar de categorias que permitam construir outras perspectivas.

A análise do saber prático mediante compreensão das situações sociais é postura também defendida por Berger e Luckmann (1985). Para eles, o saber prático é um *continuum* produzido a partir da realidade social e assim se realiza porque é apreendido, experimentado, tanto coletiva quanto individualmente, e transmitido por discursos, lembranças reconhecíveis por membros do grupo, conferindo sentido às condições de vida de seus portadores.

Referenciando-me aos autores citados para compreender os modos de produção de um corpo de saber prático por um grupo social, ressalto as condições situacionais, nas quais saberes tradicionais e seu reordenamento diante de novos problemas são enfrentados no cotidiano; e também valorizo a importância do saber acumulado pelo agricultor para a manutenção e reprodução do grupo familiar.

No Brasil, poucos autores se dedicaram a estudar unidades familiares de produção agrícola, focalizando a questão da produção de saber. Quando ocorre, a análise é quase sempre tangenciada. Todavia, o saber prático é reconhecido como elemento fundamental na transmissão da propriedade da terra, como assentado ou como herdeiro. A transmissão patrimonial é diferenciada porque o sistema de posições na unidade familiar, pautado na divisão de papéis segundo definições de gênero e ciclo de vida, distingue o aprendizado do corpo de conhecimentos necessários ao desempenho do cargo correspondente.

A respeito dos agentes envolvidos com o processo de produção de conhecimento prático entre agricultores, Seyferth (1974), para compreender as propriedades do sistema econômico frente aos efeitos do processo de industrialização e urbanização em comunidade camponesa no vale do Itajaí-Mirim, demonstrou que esses agentes estão abertos a uma multiplicidade de saberes e modos de fazer, correspondentes, no caso em que ela se pautou, à categoria camponês-operário. Sob condições de subordinação e de expropriação de suas terras e conseqüente acúmulo nas mãos de grandes proprietários de terra, a autora demonstra as alternativas encontradas pelos pequenos produtores para fugirem à proletarianização.

Reconstruindo as condições presentes no momento da chegada dos alemães no começo do povoamento do vale, a autora ressalta que um novo corpo de saberes práticos foi imposto aos agricultores, provocando um conflito em torno do uso da terra. Nesse contexto, o sistema de conhecimento que esses emigrantes possuíam era classificado como inadequado às condições locais. Outrossim, as dificuldades impostas pela composição do solo (arenoso e calcáreo) levaram à devastação das áreas de floresta por queimadas para plantio de café, fazendo com que os pequenos produtores reordenassem suas práticas e elaborassem um novo conjunto de saberes práticos.

Seyferth (1974) demonstra que, não obstante a condição de emigrantes, os agentes sociais possuem um sistema de conhecimento que está diretamente relacionado ao manejo de instrumentos técnicos adequados ao preparo do solo, visando torná-lo produtivo. Demonstra ainda que, para solucionar problemas gerados pelo desconhecimento dessas

técnicas, canais de circulação do sistema de saberes, mediante a textualização escrita, foram criados pela administração da vila (jornais, manuscritos, revistas).

A respeito das especificidades relacionadas à transmissão de um corpo de conhecimento socialmente reconhecido e possibilitador da obtenção do *status* de produtor agrícola, o estudo de Moura (1978) oferece especial contribuição. Ao pesquisar as condições de transmissão da propriedade da terra e da herança entre camponeses residentes em bairro rural de São João da Cristina, Margarida Maria Moura (1978) demonstra que a terra é condição *sine qua non* para a aquisição do modo de ser camponês independente. Esse aspecto encontra-se ainda atrelado ao reconhecimento de um saber necessário ao manejo apropriado do solo e assegurador da sobrevivência dos demais membros do seu grupo. Portanto, saber que ultrapassa o manejo dos recursos para adequá-los aos valores morais que ordenam a gestão dos recursos familiares.

Moura (1978) considera a questão da transferência da herança como aspecto fundamental para a constituição da posição do sucessor. Reconstitui as redes possíveis de transmissão da herança (da terra e do saber), as quais perpassam verticalmente as relações entre pais e filhos ou, horizontalmente, relações de compra e venda. As primeiras são estabelecidas em espaços específicos (casa/roçado), segundo gênero e faixa etária dos familiares que coabitam um mesmo sítio. Assim, às filhas cabe acompanhar as mães nas atividades domésticas; aos filhos, seguir os pais no cuidado com a terra e o cultivo da roça. A contribuição da autora é fundamental para delimitar espaços de transmissão da condição social de agricultor, ressaltando o aspecto prático e experimental de um corpo de conhecimento que *in acto* é construído e reproduzido.

Tomando essa mesma questão, Brandão e Ramalho (1986), ao relacionarem posse e uso da terra com organização e modificação da família camponesa, com o sistema de relações intrafamiliares e os princípios ideológicos do sistema de parentesco, também afirmam que a questão da transmissão da posse da terra tem a ver com o reconhecimento do novo *status* que os agentes passam a ocupar no grupo familiar. Segundo eles, esse rearranjo de posições é decorrente da construção de novas redes de transmissão do conhecimento necessário ao manejo e ao uso dos recursos. Sobre este aspecto, afirmam que a organização de sistemas de poder e controle da ação social, ao lado da distribuição das possibilidades de acesso aos meios de produção estão estreitamente relacionadas aos modos de organização da família, de grupos domésticos ou de unidades de produção. E, conseqüentemente, ao reconhecimento do sistema de saberes adquiridos em ato, situação

em que ocorre a transmissão do cargo e do saber correspondente. De acordo com o ponto de vista dos autores, existe uma hierarquia social relacionada aos processos de transferência desse corpo de conhecimentos, segundo os diferentes reordenamentos das relações dos homens entre si e destes com os recursos naturais.

Sobre os espaços sociais e físicos reconhecidos como aqueles valorizados para a produção e transmissão de saber prático, Beatriz Herédia (1979) demonstra, mediante análise do sistema casa-roçado, que a divisão do espaço físico corresponde também à divisão de gênero, esta marcada pelo reconhecimento de um sistema de saberes próprios e considerados adequados: se masculino, pelo trabalho de provisão do alimento; se feminino, pela ajuda na complementação da alimentação principal. Do mesmo modo, são orientadas as relações entre pais e filhos, isto é, segundo esta mesma lógica. Na visão da autora, entre os fatores em jogo neste espaço multivocal, ganha destaque o sistema de classificação que os pequenos produtores dessa região construíram para os produtos, principalmente os destinados ao consumo; mas também os critérios de classificação que, nesta perspectiva, variam de acordo com os diferentes momentos que compõem o processo produtivo. (Herédia, 1979)

Para refletir sobre o sistema de posições inerentes ao processo de produção de conhecimento prático entre agricultores, valho-me ainda da contribuição de Neves (1981). A autora, ao se dedicar ao estudo do sistema de categorias e de relações sociais, oferece ao leitor um quadro intercambiante entre as posições ocupadas pelos produtores em suas diferentes práticas. Demonstra que, no âmbito do sistema de relações e posições, esses agentes são por vezes reconhecidos pela irracionalidade, pela criação de uma multiplicidade de estratégias e alternativas que possibilitem sua reprodução social, independentemente da diferenciação. O que se coloca em destaque é um corpo de conhecimento que lhes permite o controle dos fatores de produção. Nesses termos, a unidade familiar é o campo de aplicação deste saber que lhes possibilita a ampliação do patrimônio e também viabiliza o acesso à terra cultivável. Indica ainda que, ao se submeterem a imposições tecnológicas como resultado da condição de subordinação ao sistema capitalista, os produtores de cana são levados ao abandono de certas práticas e expropriados de saberes acumulados por gerações, saberes que foram necessários ao cultivo da terra.

Outro importante estudo a respeito das condições de produção de saber prático de agricultores foi desenvolvido por Woortmann e Woortmann (1997), que destacam a

importância de se compreender as redes sociais que contribuem para a construção do saber. Tomando como objeto de estudo o processo de trabalho agrícola de camponeses nordestinos, os autores buscaram revelar a lógica interna de organização do espaço e dos modos de articulação dos produtos agrícolas no cultivo da terra.

Nessa perspectiva analítica, o processo de constituição de um saber local fundamenta a prática entre os agricultores, formando ecossistemas construídos com base em modelos de saber e de conhecimento da natureza, tal como uma espécie de *öciência* do concreto. (Woortmann e Woortmann, 1997) Os autores, sistematicamente considerando as incoerências e controvérsias de gestão do mundo, incorporam as estratégias elaboradas pelos agricultores em situação adversa, situação que qualificam como *öcrise reveladora*, caracterizada pelas condições extrema de seca. Nessa abordagem, o *sítio* é o local revelador do saber prático que é verbal e experimental, em conformidade aos interlocutores do trabalho que neste espaço é realizado. Esse trabalho é produto de um projeto que visa dar conta de todas as etapas de ação: do ideal ao concreto. Assim, o espaço agrícola é marcado por um modelo de apreensão apriorístico que mentalmente é testado e experimentado pelo agricultor, antes mesmo da colocação em prática do trabalho. Para Woortmann e Woortmann (1997) os elementos desse sistema cognitivo de apreensão da natureza só podem ser realizados se estiverem em acordo com o corpo de conhecimentos práticos que os idealizam e pela cultura que lhes dá significado.

Considerando a transmissão e reprodução desses conhecimentos, incorporam novos elementos que são, pelo aprendizado, transmitidos mediante um método pedagógico que acompanha o iniciante no exercício do próprio trabalho. Assim, é um saber-fazer que é transmitido pelo trabalho e no próprio trabalho. Nesse contexto, o processo de transformação da terra é iniciado mediante um trabalho braçal que propulsiona as etapas seguintes, estas informadas por um saber que se acumula e se atualiza. Os autores revelam o aspecto da especificidade do exercício do agricultor enquanto parte de um saber sistemático, que permite percebê-lo como produtor de categorias de apreensão do real, concomitantemente ao entendimento do processo de trabalho. Como afirmam, o trabalho da terra é aquele da produção de cultivos e de culturas e *öcada* cultura tem procedimentos técnicos, formas de saber e construções simbólicas específicas. (Woortmann e Woortmann, 1997: 15)

No que tange às formas de reprodução social desses assentados, torna-se fundamental compreender os significados dos usos dos recursos que ainda estão

disponíveis e sua relação com a natureza. Torna-se também necessário o registro dos modos como esses agentes manifestam e reproduzem interesses diversos, principalmente aqueles relacionados à preservação da natureza local. Trazer à tona a memória sobre o processo histórico de evolução das práticas produtivas e do processo de deteriorização dos recursos naturais, mediante a provocação dos assentados e o impulsionamento a uma reflexão crítica. Como um resgate ao passado para entender as formas possíveis de sobrevivência futura.

Considerando essas contribuições, a relevância da análise por mim proposta reside no fato de o saber sobre recursos naturais ser a questão fundamental pela qual assentados rurais orientam suas práticas. O domínio desse saber e a inserção em redes locais de respectiva transmissão e intercâmbio permitem a eles a constituição de sua individualidade e de seu posicionamento no grupo, segundo os critérios de pertencimento estabelecidos e reconhecidos no interior do mesmo. Compreender as condições dinâmicas que possibilitam a reprodução social de famílias de agricultores é admitir que este conhecimento é construído socialmente, razão pela qual constitui elemento chave para a manutenção e reprodução social desses assentados. Diante disso, investindo no entendimento desses múltiplos processos de construção do saber prático, reconhecendo iniciativas daqueles que apostaram no sucesso do processo de assentamento, suponho poder contribuir para uma reflexão menos preconcebida no campo de debate sobre reforma agrária, quase sempre pautado na desqualificação dos assentados pelo não-saber.

Sendo assim, espero contribuir para os estudos sobre assentamentos rurais no país mediante a análise contextualizada dos processos de produção e transmissão de conhecimento em um ambiente exaurido por corresponder aos objetivos da agroindústria canavieira.

## CAPÍTULO I - A constituição do Projeto de Assentamento Che Guevara

Os projetos de assentamento rural no Brasil constituem manchas que sinalizam territórios da reforma agrária. Não respondem a critérios administrativos ou regional preexistentes, tampouco podem ser explicados a partir de uma política nacional. Comprometidos com os efeitos produzidos pelos assentamentos, Leite *et al.*, (2004) afirmam que se trata de um processo dinâmico que, para ser compreendido, é necessário ter em mente as condições existentes tanto no passado quanto no momento da constituição do assentamento e as trajetórias percorridas pelos agentes até que sua constituição como assentados rurais. (Leite *et al.*, 2004) Trata-se de um processo de *õdesenraizamentoõ* e *õreinraizamentoõ*, no qual assentados rurais são deslocados não apenas do ponto de vista físico, mas também social. (Neves, 1997: 21) Assim, os assentados rurais são agentes sociais que incorporam e recriam novas condições de vida, estruturadas a partir do reordenamento de suas condições sociais.

Em análise sobre o processo de constituição dos assentamentos rurais no país, Leite *et al.*, (2004) afirmam que, até 1990, sucederam-se desapropriações aleatórias que acompanhavam processos sociais conflituos de luta pela terra. Os números apresentados pelos autores giram em torno de 900 núcleos de assentamentos, 515 efetivados nos quadros da PNRA; 137 vinculados aos Programas de Colonização, e 224 resultantes de outras ações estatais. Como apresentam, até o final desta década, totalizavam no Brasil 4.373 assentamentos rurais em 23.852.219 hectares de terra. Apesar desses números, estes não foram suficientes para produzir efeitos na estrutura fundiária do país, ficando muito aquém das exigências do *õmodelo ideal de assentamentoõ*. (Leite *et al.*, 2004: 40)

Enfatizam ainda que a diversidade das famílias é um aspecto sobressalente nos diversos assentamentos rurais espalhados pelo país, diversidade que converge para a formação dessa nova categoria *õ assentados*. Assim, os assentados rurais passam a ser alvo de políticas públicas nesses territórios sob gestão do Estado. Destacam ainda que os estudos que até então vêm sendo realizados têm a preocupação em verificar, na maior parte dos casos, o sucesso ou o fracasso desses projetos. Segundo afirmam, as temáticas valorizadas por esses estudiosos giram em torno dos aspectos econômicos, mas também dos produtivos, dos efeitos sobre o meio ambiente, da distribuição territorial e da participação política. Nessa perspectiva, os assentamentos devem ser entendidos tanto

como ã ponto de chegadaã quanto ã ponto de partidaã no processo de luta pela posse da terra.<sup>7</sup> (Leite *et al.*, 2004: 28-29) Essa ambigüidade permite colocar em cena atores sociais até então esquecidos pelo caminho da integração social ou impulsionar aqueles que buscam implementar novos projetos de sociabilidade.

De acordo com informações citadas por Lamego (2007), no começo da ocupação da Baixada Campista, no início da década de 1730, a exploração da pecuária era atividade ilimitada nas pastagens naturais. Contudo, devido à precariedade da qualidade do pasto, tornou-se necessária a introdução de capim d'angola, principalmente no barro das aluviões à margem do Paraíba. A criação de gado, nesse período, concentrava-se nas mãos dos grandes senhores que controlavam e limitavam o acesso à terra à plebe, o que aconteceu por aproximadamente 100 anos. Como aponta o autor, a cultura de cana seria então atividade secundariamente estabelecida na região, iniciada a partir da revolta de Benta Pereira que, ao ceder à Coroa a capitania, divide a planície. Assim, o ã ciclo da pecuáriaã, com a invasão das terras pelos canaviais, vê-se forçado a reduzir o número de reses. (Lamego, 2007: 125)

A produção de cana de açúcar é uma das atividades mais antigas no município de Campos dos Goytacazes, mormente em Marrecas, espaço geográfico no qual se insere o Projeto de Assentamento Che Guevara ó PA Che Guevara. Segundo Neves (1997), a partir de estudo realizado em meados da década de 1980, a produção de cana que se desenvolvia no município distribuía-se de modo diferenciado entre pequenos, médios e grandes fornecedores de cana, mas se concentrando nas mãos de usineiros, que detinham cerca de 40% da produção total. Na década de 1970<sup>8</sup>, houve significativa expansão da área plantada, em resposta aos incentivos estatais, parte do Programa de Racionalização da Agroindústria Canavieira (1971/73) e do Programa Nacional do Álcool ó Proálcool (1975).

Antes do último processo de expansão da atividade agroindustrial, principalmente na década de 1970, nas fazendas, unidades econômico-espaciais de produção da cana, produzia-se não apenas para atender às exigências do mercado. Havia lavouras de subsistência mediante relação de *morada*. As famílias dos fazendeiros e de seus trabalhadores por ela obtinham alimentos, advindos da reconhecida *lavoura branca* e da criação de animais de pequeno porte e poucas cabeças de gado. A composição dessas

---

<sup>7</sup> Leite *et al.*, (2004) trazem à tona diversos autores que se dedicaram ao estudo dos assentamentos rurais e seus agentes sob diferentes olhares.

<sup>8</sup> Para efeitos dessa análise, não cabe retomar o processo de constituição das usinas, mas a expansão da década de 70 que redundou na extinção de várias usinas, razão pela qual os ex-trabalhadores vieram a se tornar assentados rurais.



lavouras era permitida enquanto complementação da remuneração do trabalhador e constituía forma de vínculo consensual quanto à subordinação de força de trabalho. Essa modalidade de relação corresponde à importante referência de condições de vida entre diversos trabalhadores que hoje se encontram como assentados. (Neves, 1997)

Sob vinculação com a produção canavieira, diversas foram as formas de resistência dos trabalhadores rurais; e também os mecanismos de reação às condições de exploração massiva, expressos em baixos salários, bem como a quebra de acordos, considerada desrespeito à dignidade do trabalhador. As reivindicações trabalhistas foram se acentuando paulatinamente, a partir da promulgação do Estatuto da Lavoura Canavieira - ELC (Decreto-lei 3.855 de 1941) e do Decreto-lei 6.969 de 1944. Em consequência, usineiros e fazendeiros investiram na extinção do *colonato*, processo paralelo à introdução de novos instrumentos mecanizados de trabalho. (Neves, 1997)

Com o reconhecimento legal do vínculo dos trabalhadores, principalmente a partir do ELC, em 1941, dos contratos entre usineiros e trabalhadores, moradores formalmente definidos, alguns trabalhadores chegaram a auferir o pagamento de indenizações em situação de ruptura dos contratos.

A produção de cana de açúcar vem sendo cada vez mais restrita devido à extinção de várias usinas. (**Tabela 1**) Na década de 1950, duas usinas foram desmanteladas no município de Campos. Como afirma Neves (1997), nesse contexto, o estado do Rio contava com 28 usinas açucareiras, estando 16 delas concentradas nessa região.<sup>9</sup> Essa região, conhecida como Região Açucareira de Campos, como apresenta a autora, corresponde ao espaço físico de predomínio da produção da cana na região Norte do Estado do Rio de Janeiro. O recente declínio no número das unidades de processamento da cana pode ser entendido como consequência das ações aplicadas pelo Plano de Expansão da Indústria Açucareira Nacional, ainda no começo dos anos de 1963. As ações se voltavam para elevar o limite para 100 milhões de sacos de açúcar, o que levou o estado do Rio a atingir a cifra de aproximadamente 9 milhões de sacos, assinalando um aumento de quase 12% da produção de açúcar. Essa produção foi superada pela do estado de São Paulo que, comparativamente ao Rio de Janeiro, era galgada a partir de menores custos. Mesmo com as dificuldades que se impuseram à lavoura de cana no município de Campos durante a década de 1970, a produção canavieira deu um salto de 41%, de acordo com os dados

---

<sup>9</sup> Segundo Neves (1997), o estado do Rio de Janeiro abrigava cerca de 30 usinas canavieiras no começo da década de 1930, das quais 21 localizavam-se no município de Campos.

apresentados por essa mesma autora.<sup>10</sup> Cabe ainda ressaltar que no começo da década de 1970, os interesses de usineiros e fornecedores convergiam em relação ao aumento da produtividade projetado pelas políticas de desenvolvimento agrícola estadual e nacional.

**Tabela 1 - Número de usinas na região canavieira do Rio de Janeiro**

Nome da usina	Período de atividade das usinas				
	1960/74	1975/95	1996 ó 2003	2004 ó 2010*	2011*
Barcelos	X	X	X		
Cambaíba	X	X			
Cambuci	X				
Carapebus	X	X	X		
Cupim	X	X	X		
Mineiros	X				
N. Horizonte	X				
Outeiro	X	X			
Paraíso	X	X	X	X	X
Poço Gordo	X	X			
Pureza	X	X	X		
Queimados	X	X			
Quissamã	X		X		
Santa Cruz	X	X	X		
Santa Isabel	X				
Santa Maria	X	X			
Santo Amaro	X	X			
Santo Antônio	X				
São Fidélis	X				
São João	X	X			
São José	X	X	X	X	X
Sapucaia	X	X	X	X	
Vitor Sense	X	X			
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>17</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>2</b>

Fonte: Dados sistematizados a partir do Sindicato dos Usineiros de Campos, Asflucan (Associação dos Plantadores de Cana) e Neves (1997).

\* Usinas em Campos dos Goytacazes.

<sup>10</sup> O processo de perda de capacidade competitiva da produção das usinas de Campos frente à de São Paulo foi analisado por Neves (1997)

No município de Campos<sup>11</sup>, na década de 1980, principalmente no distrito de Santo Amaro, a presença da usina de mesmo nome contribuiu para a formação de novos povoados e também para a expansão de um complexo residencial nos arredores das unidades agroindustriais. A constituição dessas vilas foi estimulada principalmente pela chegada de serviços municipal e estadual de transporte, de ensino e, posteriormente, do serviço de iluminação pública, mas também como resposta aos efeitos do processo de redistribuição territorial por loteamento das pequenas propriedades. (Neves, 1989; 1997)

Durante essa década (1980), no Estado do Rio de Janeiro, diversos projetos de fixação de trabalhadores rurais ganham cena, mormente a partir da transferência de terras de órgãos estaduais responsáveis pela aplicação da PNRA. Como afirma Neves (1997), iniciados na década de 1960, esses projetos alcançam seu êxito nos anos de 1980, quando, frente às alternativas de redefinição e aplicação dessa política, os trabalhadores conquistam seus direitos. No município citado, em relação aos demais projetos de assentamento rural no Estado, o projeto Novo Horizonte era o que abarcava maior área de terra voltada a incorporação de trabalhadores da agroindústria canavieira. (Neves, 1997: 14)<sup>12</sup>

Do mesmo modo, o acesso à terra pelos agentes aqui em foco só se tornou possível mediante a falência e desaparecimento da unidade produtiva e assim a ruptura dos vínculos sociais nesse campo firmados. Como demonstrado em estudos na região, antes da implementação desse sistema, os produtores que possuíam terras baixas mais próximas ao litoral sofriam com os efeitos nefastos das inundações e com o elevado teor de sal do solo. Segundo levantamento realizado por Neves (1997), durante essa década (1980), os produtores que possuíam as terras mais férteis tinham maiores facilidades para a adoção de instrumentos mecanizados, principalmente nos terrenos situados na Baixada Campista. De igual modo, as áreas litorâneas adjacentes foram posteriormente incorporadas à cultura canavieira, apesar do baixo teor de fertilidade do solo apresentado em relação aos terrenos da Baixada.

A partir da implantação do Proálcool, os estudos que vieram sendo realizados na região ocupada pelo plantio da cana apontavam para a necessidade de irrigação das terras,

---

<sup>11</sup> O município de Campos dos Goytacazes possui 14 distritos: Campos dos Goytacazes, Dorés de Macabu, Ibitioca, Morangaba, Morro do Coco, Mussurepe, Santa Maria, Santo Amaro de Campos, Santo Eduardo, São Sebastião de Campos, Serrinha, Tocos, Travessão de Campos e Vila Nova de Campos.

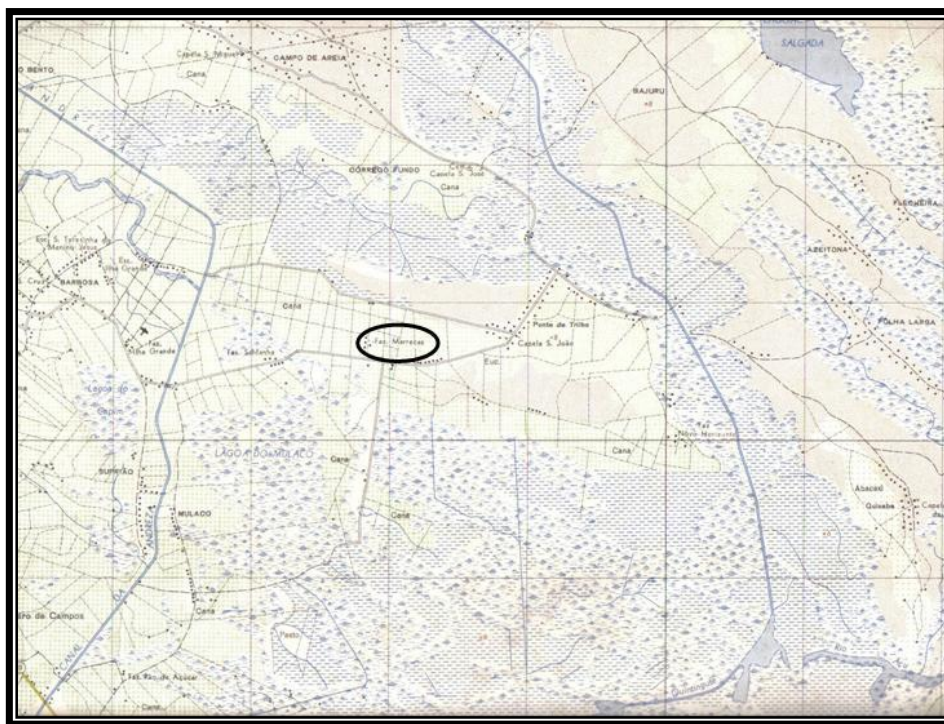
<sup>12</sup> O Projeto de Assentamento Novo Horizonte, com área de 4.335 hectares, assentou 400 famílias de ex-trabalhadores rurais, sob responsabilidade do Ministério da Reforma Agrária e do Desenvolvimento Agrário ó Mirad, num total de 1.937 famílias assentadas no Estado. (Neves, 1997)

demanda que foi atendida pelo Projeto de Irrigação e Drenagem do Norte Fluminense - Projir, sob coordenação do Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA. (Pessanha, 2004)

No final da década de 1980, com a falta de matéria prima e a necessidade de irrigação, a baixa produtividade dos canaviais, a queda do preço do açúcar no mercado externo e a falta de apoio estadual ao setor, muitas usinas do complexo agroindustrial encerraram as atividades. Como fruto desse processo de desmantelamento, produziu-se uma massa de desempregados que não podiam se valer de outras atividades que pudessem compensar os efeitos da crise.

Quando do funcionamento da usina Baixa Grande, a Fazenda Marrecas abrigava canaviais nos quais operavam aproximadamente 150 trabalhadores nas atividades sucroalcooleiras. Esse modelo de inserção contribuía para a reprodução e manutenção da condição social dos trabalhadores na região agroindustrial, na medida em que os filhos tinham assegurado o vínculo empregatício por referência paterna ou pelos anos dedicados à atividade laborativa. Essa fazenda incorporava 74 famílias e pertencia à Companhia Agrícola Baixa Grande, proprietária da então Usina Santo Amaro. Foi desapropriada, em 04/10/1999, por leilão com recursos advindos do Banco do Brasil. (**Mapa 1**)

**Mapa 1 - Localização espacial e orientação produtiva, Fazenda Marrecas, Campos dos Goytacazes (década de 1960)**



Fonte: Projir, 1982.

A tabela a seguir (**Tabela 2**) apresenta os projetos de assentamento rural que foram estabelecidos em Campos, estado do Rio de Janeiro, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra, para este mesmo período.

**Tabela 2 ó Projetos de assentamento rural e ano de sua criação, Campos dos Goytacazes, RJ (Década de 1990)**

<b>Projeto de assentamento</b>	<b>Ano de criação</b>
Novo Horizonte	1987
Zumbi dos Palmares*	1997
Che Guevara	2000
Ilha Grande	2001
Antonio de Farias	2001
Terra Conquistada	2005
Dandara dos Palmares	2005
Santo Amaro	2005
Oziel Alves I	2006
Josué de Castro	2007

Fonte: Os dados foram elaborados a partir de Cruz (2010).

(\*) Assentamento localizado em dois municípios: Campos dos Goytacazes e São Francisco do Itabapoana.

Segundo Lubatti (1979), no final da década de 1970, a localidade de Marrecas, juntamente com Açú e Quixaba, compunham um espaço bastante homogêneo. As casas eram construídas muito próximas, de modo que suas cercas marcavam os limites entre esses três lugares; cada qual com sua capelinha, seu coreto e algumas vendas. Fora essas construções, o Rio Doce reforçava o limite físico entre a localidade de Marrecas e do Açú.

Nesse mesmo período, Lubatti (1979) identifica, percorrendo uma área de 30 km<sup>2</sup>, espécies da fauna e da flora da região de Marrecas. Como representantes da fauna terrestre cita: gambá, jacaré, lagarto, rã, cobra, tatu, cágado, irara; do grupo das aves: quero-quero, marreca, biguá, juriti, sabiá, sanhaçu, bem-te-vi, pica-pau, beija-flor, anu, saracura, socó, rolinha, bacurau, João-de-barro, garça e coruja-buraqueira; como representantes do grupo dos peixes: bagre, acará, traíra, robalo, piaba, cação, tainha, arraia, peixe-espada, dentre outros. A flora, segundo a autora, encontrava-se representada pelo jundu, palmeira-anã (guriri), maracujá-da-praia, cactos, caraguatá, bromélia, pitanga, salsa-da-praia, feijão-da-

praia, araçá, abaneiro (manga-da-praia), ingá, caju, goiaba, murici, piteira, gaiolinha, dentre outros.

Em estudo realizado anteriormente à implantação do assentamento, essa autora registrou chuvas intensas de curta duração durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro; temperaturas diárias em torno de 25° a 30°, caindo para 20° pela noite, com brisa leve soprando do mar. (Lubatti, 1979)

O assentamento Che Guevara tem como principal fonte hidrográfica a Bacia do Paraíba do Sul, que atravessa horizontalmente o município de Campos, mas que também representa uma fonte de recursos, tanto pesqueiros quanto energéticos e turísticos. Segundo informações levantadas pela Fundação Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social - Fiderj (1978), o lençol freático é de fácil captação devido à sua pouca profundidade. Em situação de trabalho de campo, entrevistados afirmam ser este um dos motivos das inundações em tempos de chuvas torrenciais. Com o assoreamento e desativação dos canais de drenagem e com a subida do nível do lençol nos dias de chuva, a água se acumula no solo, quer pela infiltração, quer pelos bloqueios à rede de escoamento. Percorrendo as estradas do assentamento, pode-se entender o impacto desses bloqueios. É notável a presença de bananeiras nos espaços que anteriormente compunham a rede de drenagem/irrigação e também, em tantos outros casos, o aterramento desses canais com vistas ao nivelamento do terreno.

O relevo predominantemente plano é cortado pelo Canal do São Bento e pelo Canal do Colégio ó durante a realização do trabalho de campo, assoreados e tomados pela vegetação - e outros tantos valados e valas<sup>13</sup>, construídos no período de tentativa de implementação do Projir.<sup>14</sup>

O processo de desapropriação da Fazenda Marrecas teve início ainda em 1997 e se estendeu até 2007, quando, devido aos problemas de insolvência que afetaram a produção agroindustrial no complexo Baixa Grande, o Incra constatou que aquelas terras deixaram de realizar sua função social. Neves (1997), em estudo sobre o processo de mudança da posição social dos trabalhadores da usina em pequenos produtores agrícolas, demonstra que o processo de desapropriação de terra da usina como resposta aos objetivos da PNRA, na medida em que se configura como resposta particular aos questionamentos levantados,

---

<sup>13</sup> O *valado* é parte de um sistema de captação de água construído pelos administradores da usina. Representa uma vala de nível abaixo do solo por onde a água desviada dos canais do Colégio, São Bento e Andresa chegavam até às fazendas. As *valas* são de menores proporções, mas destinam-se à mesma atividade.

<sup>14</sup> O Projir foi elaborado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)/Ministério de Indústria e do Comércio juntamente com a Sondotécnica.

coloca novos problemas para os agentes em questão. Após um ano, líderes do MST organizaram acampamento em torno das terras da fazenda, permanecendo nelas até que as ações se concretizassem e fosse realizado o sorteio para ocupação da terra. O acampamento foi instalado na fazenda Ilha Grande em 04 de janeiro de 1998 e, pelo projeto, puderam ser assentadas 74 famílias em lotes que variavam em torno de 9,208 a 18,703 hectares. (**Tabela 3**) Até que o Incra completasse o processo de divisão dos lotes, os líderes do MST estabeleceram uma divisão que provisoriamente definia 10ha para que as famílias acampadas pudessem dar início às atividades de produção agrícola voltadas ao sustento de seus membros. (Peixoto, 2001)

**Tabela 3 ó Famílias assentadas segundo tamanho do lote e sexo, PA Che Guevara, 2010**

Tamanho do lote (ha)	Sexo	
	Masculino	Feminino
De 0,9208 a 11,999	17	19
De 12,000 a 13,999	9	12
De 14,000 a 16,999	9	3
De 17,000 a 18,703	4	1
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>35</b>

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados disponibilizados pela Secretaria Municipal de Agricultura/Prefeitura Municipal de Campos.

(\*)Os beneficiados impossibilitados de gerir a terra transferem o título de posse para parentes diretos mais novos e portadores de recursos financeiros passíveis de aplicação no lote. Em outros casos, transfere-se apenas o direito de uso, mantendo-se a referência nominal.

As famílias beneficiadas pelo projeto são, em grande parte, provenientes de espaços externos à fazenda, tendo em vista que a construção do acampamento em torno do terreno da antiga fazenda foi uma iniciativa desprezada por muitos dos ex-trabalhadores. Os assentados rurais no PA Che Guevara, de acordo com dados obtidos em situação de entrevista, são oriundos dos estados da Bahia, Espírito Santo, bem como de municípios circunvizinhos ao de Campos dos Goytacazes, como São João da Barra e principalmente São Fidélis.

Anteriormente, muitos deles se dedicavam não somente à realização de atividades agrícolas, mas também a outras tantas, relacionadas a setores produtivos como, por exemplo, construção civil, marcenaria, mecânica e costura.

O assentamento Che Guevara, mediante decreto sem número publicado no Diário Oficial em 05 de outubro de 1999, foi criado em 31 de janeiro de 2000. Possui uma área total de 1.244,7476ha, onde, destes, 336.5067ha do território encontram-se destinados a reserva legal e permanente. (**Mapa 2**)

**Mapa 2 ó Distribuição dos lotes e das áreas de reserva, PA Che Guevara**



Fonte: Dados levantados a partir de trabalho de campo realizado em fevereiro e agosto de 2010. Mapa do assentamento retirado de Peixoto (2001).

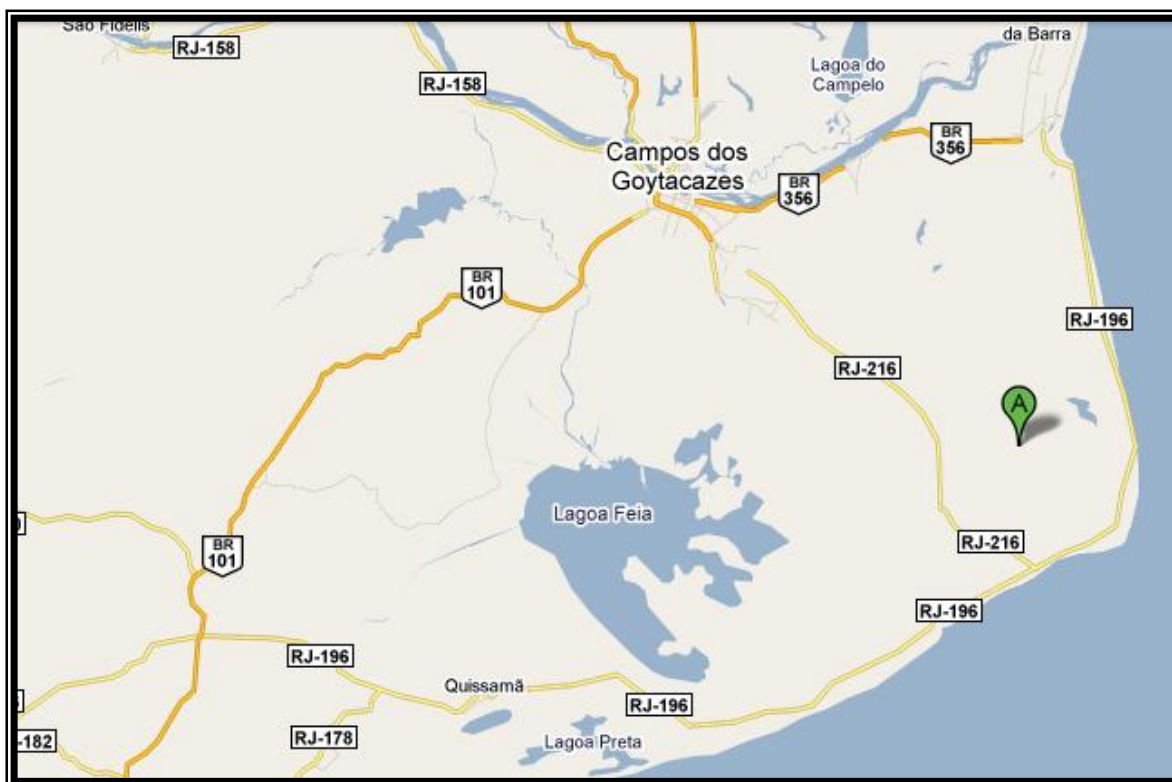
O nome atribuído ao PA é uma blague aos antigos proprietários da Usina Santo Amaro, De La Riva, família de cubanos que, no período da revolução liderada por Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, refugiaram-se nos Estados Unidos, seguindo posteriormente para a região de Campos dos Goytacazes.

Geograficamente situado pelas coordenadas de 21°45'23öS e 41°19'40öW (**Mapa 3**), o acesso à região de Marrecas, em Baixa Grande, aproximadamente 40 km após



Campos, dá-se mediante uma estrada entre canaviais, em direção à estrada que leva ao Farol de São Tomé.

**Mapa 3 - Localização de Marrecas, Campos dos Goytacazes, RJ**



Fonte: Google mapas. Acesso em 13 de julho de 2010.

As terras do PA encontram-se distribuídas por uma vasta planície de clima tropical quente e úmido, tendo por estação chuvosa os meses de verão. Informações recentes que constam do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Assentamento Che Guevara - PDA (2001) demonstram certa incongruência em relação aos dados pluviométricos registrados nos últimos anos para a região. Nesse documento, os meses de janeiro a março são aqueles nos quais se registram as maiores temperaturas anuais, em contraposição aos meses de junho e julho, mais frios. As maiores taxas pluviométricas são as iniciadas em novembro, estendendo-se até janeiro, enquanto o período de maior estiagem é o observado no mês de agosto.

Nicolite *et al.*, (2009) trazem dados que reforçam esse calendário e afirmam ainda que o trimestre que se estende de novembro a janeiro é o mais chuvoso da região, período

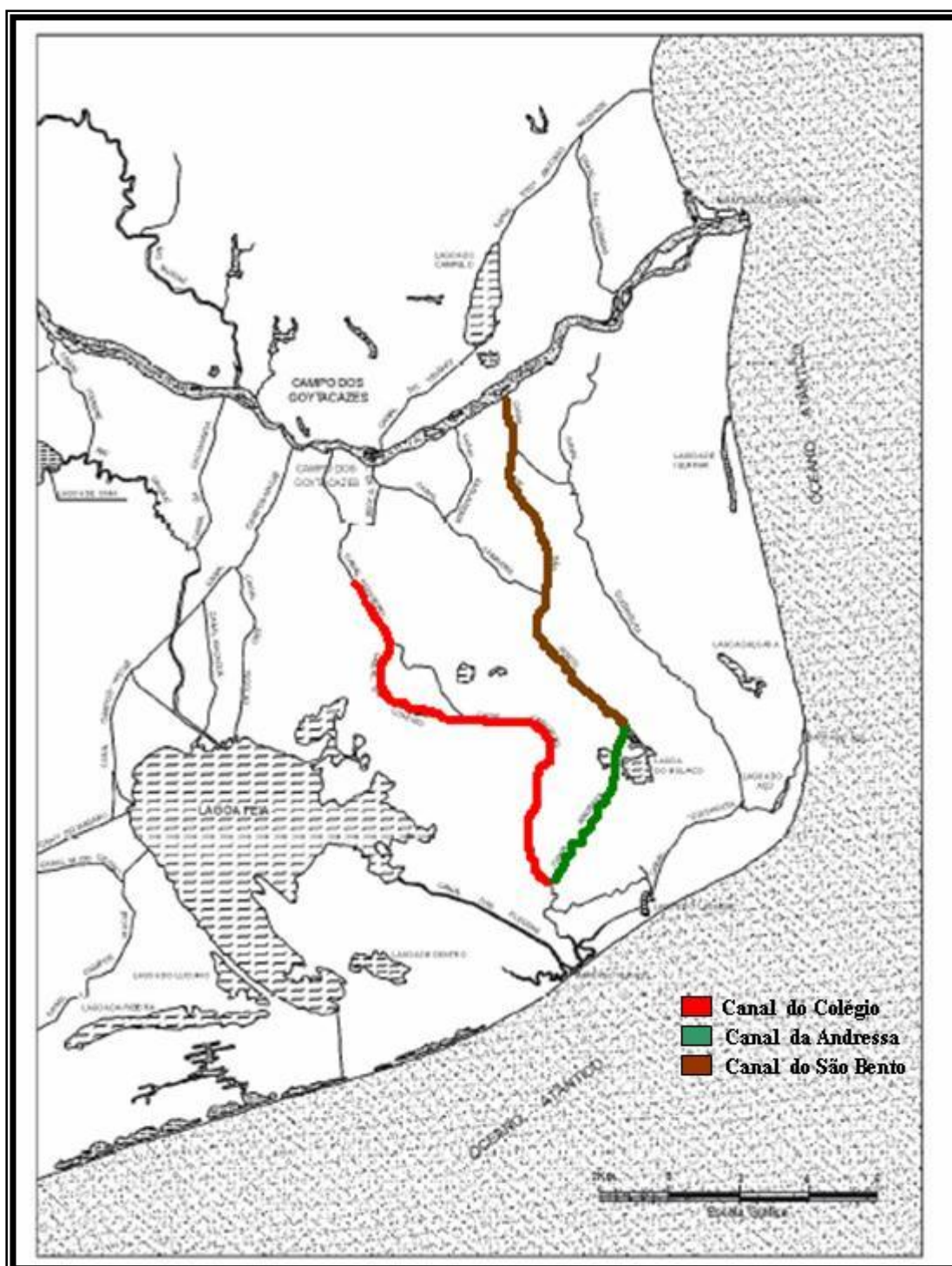
no qual tem maior frequência na incidência de cheias nos corpos hídricos abastecidos pelo Rio Paraíba do Sul, principalmente aqueles localizados na planície campista e em São João da Barra. Segundo eles, as taxas de vazão do rio foram reduzidas em cerca de 50% a partir da década de 1950, mediante processo que perdurou até a década de 1980. Essa redução é compreendida como decorrência dos inúmeros empreendimentos hidráulicos executados nesse período na região da Baixada Campista. (Costa, 1994 *op. cit.* Nicolite, 2009)

Ainda no que se refere ao aspecto dos recursos hídricos, Carneiro (2004), em estudo sobre os conflitos inerentes aos usos da água na Baixada Campista, afirma que a partir do segundo quartel do século XX, os cursos d'água na região foram geridos com vistas a responder a interesses políticos e econômicos. Segundo ele, lagoas, lagunas, brejos e áreas pantanosas foram drenadas e, assim, incorporadas ao conjunto de propriedades particulares responsáveis pela produção da cana de açúcar. (**Mapa 4**)

Como já destaquei, a produção agrícola no decorrer da gestão da usina fundava-se no cultivo da cana-de-açúcar, mas era complementada por cultura temporária, direcionada para o atendimento das necessidades de trabalhadores. Por outro lado, fora da usina, a atividade pecuária voltava-se à produção de carne e seus derivados para consumo e venda, tanto de bovinos quanto de galináceos, suínos, eqüinos, ovinos, muares, caprinos, codornas, coelhos, bubalinos e asininos. O pescado compreendia basicamente o camarão branco, a corvina e a sardinha.

No início de 2010, o que se observou mediante trabalho de campo, foi o predomínio do binômio cana-gado concomitantemente ao plantio de hortigranjeiros, frutíferas e criações de galináceos, suínos e caprinos para complementação da alimentação doméstica.

**Mapa 4 - Principais canais de drenagem implantados pelo DNOS até o final da década de 1960**



Fonte: Dados modificados a partir do mapa elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE citado por Carneiro (2002).

Em contraposição às informações contidas no PDA do assentamento (Peixoto, 2001), as práticas agrícolas acompanhadas durante a realização do campo demonstravam algum tipo de cuidado em relação à manutenção e à reposição das condições de fertilidade e produtividade do solo. Como relataram os agricultores em situação de entrevista, o vinhoto ó líquido residual do processamento da cana de açúcar pelas usinas ó apesar de extremamente ácido, era aplicado no solo porque servia como um repositório de matéria orgânica necessário ao processo de adubação do mesmo. O vinhoto que chegava era distribuído via *irrigadeiras*, construídas no tempo da usina para levar a água dos canais até às fazendas. Este mesmo líquido que antes foi utilizado com esses fins restauradores, durante a realização do trabalho de campo, configurava-se enquanto instrumento de acusação sobre aqueles que se apropriaram da prática agrícola, por contaminarem os mananciais hídricos dos quais necessitam de água para beber. A má qualidade da água no PA é facilmente percebida, tanto a partir do mal cheiro exalado quanto a partir da coloração marrom-esverdeada que apresenta nos *valados* e também nas *valas* que cortam muitos dos lotes percorridos na área. Lamego (2007) descreveu bem essa situação: òO próprio rio enorme que lhes dá peixe não lhes dá a água para beber. As águas de que servem os habitantes são de cacimbas, ou cisternas, por se conservar ali a do rio quase sempre salgada pelas baldeações da maré.ö

O diagnóstico dos solos da região do assentamento é inexistente e os dados divulgados no PDA encontram-se fundados em levantamentos realizados em 1982 pela Sondatécnica, elaborados para atender aos objetivos dos projetos de irrigação e drenagem postos em prática a partir de 1980. Sinaliza um solo aluvial, de areias quartzosas e hidromórficas, com fortes limitações devido à sua pouca fertilidade, sendo possível encontrar solos alagadiços nas regiões de várzeas e de solos mais baixos, bem como solos com alto teor de sal. Lamego (2007), estudando a região de Campos, descreve o solo da região ao sul do Paraíba como sendo de aluvião, ou seja, composto por sedimentos, tal como aquele onde se instalou a primeira usina regional de Barcelos.

No ano de 2010, como informaram os agricultores, o solo que cobre praticamente toda área do assentamento é de textura arenosa, o que facilita o escoamento da água e impede que ele seja aproveitado em sua totalidade. Essa condição não deixa que a água da chuva seja retida em um nível mais profundo do solo, aspecto este, do ponto de vista desses agentes, fundamental para que a planta se fixe e cresça com *força*. Além disso, informam eles que o solo é *salitrado* (com muito salitre) e apenas nas manchas de solo que

apresentam menor teor desse componente é possível a obtenção de algum recurso com valor no mercado ou até mesmo para subsistência.

De acordo com dados obtidos a partir da realização do trabalho de campo, a fauna, anteriormente rica em animais silvestres, tendo enfrentado intenso período de queimadas para plantio da cana e de devastação das matas ciliares, passou a ser representada por alguns exemplares de preás, pacas, tatus, cobras e lontras. Do mesmo modo, a cobertura vegetal que se alastrava pelos vastos campos cedeu lugar a uma pastagem pobre de capim patorá e o fura-chão, por exemplo. Em situação de entrevista, os assentados elaboram uma lista contendo inúmeras aves *nativas* que desapareceram desde a chegada deles no acampamento (no início de 1990) e identificam, além dos já citados, capivara, jacaré, gambá e aqueles habitualmente domesticados.

A área de preservação permanente corresponde a 6,7% da área total do assentamento, e está situada às margens dos canais de São Bento e do rio Colégio. A área de Reserva Legal, de 1.244,74 hectares, abarca uma região alagadiça com vegetação nativa. Ambas foram alvo de intenso processo de destruição, o que resultou num processo de assoreamento dos leitos dos canais e de eliminação de matas ciliares em quase toda extensão desses condutores hídricos.

Diante dos aspectos mais gerais anteriormente apresentados, no capítulo a seguir demonstro em que condições pude realizar o trabalho de campo, principalmente as entrevistas; mas também apresento os diferentes ambientes, tanto sociais quanto naturais, que me deparei quando da realização do trabalho de campo.

## **CAPÍTULO II ó Os diferenciados ambientes sociais do trabalho de campo**

õImagínese que de repente está en tierra, rodeado de todos sus pertrechos, solo en una playa tropical cerca de un poblado indígena, mientras ve alejarse hasta desaparecer la lancha que le ha llevado.õ (Malinowski, 1978: 2)

### **II.1 - Condições sociais de pesquisa**

Estar em trabalho de campo, participando de inúmeras redes sociais às quais os assentados se integram, permite ao pesquisador ambicionar à compreensão do espaço social daqueles agentes. (Geertz, 2009) Para chegar até o assentamento contei com a ajuda fundamental da orientadora ó Delma Pessanha Neves ó a qual, tendo em criança vivido na região e atuando como pesquisadora é também reconhecida por seus inúmeros trabalhos de pesquisa ali desenvolvidos. Ela apresentou-me ao então líder da Associação de Agricultores Assentados no PA (Sr. Davi, assentado rural no lote 23). Dando prosseguimento aos recursos para apresentação aos agentes sociais com os quais me engajaria para construir o objeto de investigação, pude contar ainda com o acompanhamento e mediação de Rodrigo Pennutt da Cruz que, desde agosto de 2009, vinha realizando pesquisa com vista à elaboração de monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais.

Os resultados aqui apresentados encontram-se inseridos em um contexto maior de pesquisa, como parte do projeto Sistema de produção sucroalcooleira: transformações sociais, agentes produtivos e trajetórias familiares, do qual integro a equipe de pesquisadores sob coordenação da orientadora. Este projeto é parte da linha de pesquisa Mudança e Reprodução Social no Campesinato, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF). Para realização da pesquisa, contei com apoio financeiro na modalidade de bolsista (ME) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ó CNPq, por um período de 12 meses.

A estada no PA Che Guevara durante o primeiro período contou com o apoio residencial do então presidente da associação. O período inicial dedicado ao trabalho de

campo, caso não contasse com essas condições, não teria permitido o acesso ao conjunto de informações que obtive. Além das relações com esses agentes e das entrevistas que puderam ser realizadas, foi-me possível consultar documentos como registros de reuniões da associação, fotos do começo do assentamento e outras anotações pessoais. As visitas de outros assentados à casa do Davi eram freqüentes e, na maior parte das vezes, chegavam a interromper o momento em que eu me dedicava às anotações no diário de campo. Tal fato me permitiu ter acesso a temas cotidianos, freqüentes nessas conversas informais, e também a informações não previstas e não gravadas. Em outros contextos de investigação, alguns assentados que disputavam pelo cargo de liderança da Associação, recusavam-se a prestar-nos esclarecimentos e até mesmo a receber-nos para entrevistas informais. Como exemplo, uma assentada que, tendo anteriormente recebido doações de livros da coordenadora do projeto para montar uma biblioteca no assentamento, impediu-nos de ter acesso ao local e ao material supostamente disponível para consulta.

No segundo momento, contei com a colaboração da família do sr. Alcy, assentado rural, mas com residência em Marrecas, para hospedar-me. Do mesmo modo, o apoio do Davi foi fundamental para que eu estabelecesse o contato e fizesse as entrevistas com os assentados. Também de grande importância foi sua colaboração no meu deslocamento pelas estradas do assentamento, emprestando-me seu veículo, uma bicicleta.

A presteza dos assentados que me receberam foi-me útil, principalmente no agendamento das entrevistas com os entrevistados. Apesar de ter ido em um período do ano em que esperava-se que estivessem na lida com a terra, muitos estavam trabalhando na cidade em outras atividades fora da agricultura.<sup>15</sup> Em fevereiro, muitos estavam em casas de praia aproveitando os dias de férias e com barracas nos locais de festa.

Entretanto, mesmo tendo planejado previamente ao campo a realização das entrevistas, por diversas vezes alterei a programação, inclusive substituindo entrevistados por outros. Pela manhã, a dificuldade de entrevistar as mulheres pode ser explicada pelo fato de estarem cuidando da casa e do quintal e preparando o almoço para o marido e filho(s) que estavam fora. Quando o lote situava em outro espaço que a residência, encontrar-me com o assentado ou algum de seus familiares era ainda mais difícil. As mulheres, quando não estavam muito ocupadas com os afazeres domésticos, à tarde dirigiam-se para o lote para ajudar a cuidar da criação e dos cultivos; enquanto os homens

---

<sup>15</sup> Agricultura baseia-se na associação de sistemas produtivos mediante a apropriação de parcela de terra, portanto, como afirma Heredia (1979: 70), é prática dependente da capacidade criativa dos agricultores para associação de produtos.

conseguiam dinheiro com trabalho fora. Em diversos casos, como os homens estavam trabalhando em outros locais e neles ficando a maior parte do tempo, muitas das vezes permanecendo durante a semana, as mulheres viam-se forçadas a cuidar da lavoura e dos animais. Alguns lotes que visitei em fevereiro e que tinham uma vasta variedade de produtos cultivados e também de criações, na segunda visita, pareciam-me abandonados. As mulheres, pelo esforço exagerado que eram obrigadas a realizar, abriram mão das atividades pelo cansaço ou porque o corpo adoeceu. Faltou mão de obra para cuidar do que lhes dava o que comer, a variedade alegada da *mesa da roça*. Assim, aipim, quiabo, abóbora, batata, couve, alface dentre outros cultivares que requeriam cuidados diários, foram deixados de lado. Igualmente, criações de galinha, porcos, patos também desapareceram neste último cenário de pesquisa.

Para se ter idéia das condições em que realizei o trabalho de campo e das situações diferenciadas que encontrei, apresento descrição etnográfica dos dois cenários de pesquisa.

O tom romântico que impregna a primeira parte do cenário, em contraposição ao aspecto mais sucinto e alarmante do segundo, reflete minha percepção do campo mas, do mesmo modo, expectativas e frustrações que nestes contextos diferenciados de trabalho de campo se apresentaram. O desencantamento frente ao lugar desconhecido propulsionou-me a percorrer aquelas terras; entretanto, na medida em que as conhecia, decepcionava-me diante das novas condições.

## **II.2 - Primeiro cenário**

Neste primeiro cenário, como destaquei, marcado pela seca, mesmo os assentados portadores de recursos financeiros para investir nos sistemas produtivos são impedidos de dar continuidade a seus projetos para se manterem no lote. Entretanto, a escassez de água que se estendia há vários meses não era o único fator limitante. As demais condições adversas que os assentados no PA Che Guevara enfrentavam serão descritas no item a seguir. A percepção desses cenários só me foi possível mediante a visita ao campo em dois momentos distintos: o primeiro durante o verão, época esperada das chuvas; o segundo durante o inverno. A variabilidade temporal entre períodos de seca e de chuva também são freqüentes em outras regiões do país, principalmente no Nordeste, onde os anos de secas e



de chuvas abundantes alternam-se de formas erráticas. Destaco também que, durante os meses do verão (dezembro a março), período de interrupção da colheita da cana, muitos assentados deslocam-se para a praia do Farol e cidades vizinhas para trabalharem em *barracas* de comercialização de bebidas, pescados e produtos artesanais (como é o caso das famílias que produzem esteiras de *tabua*).<sup>16</sup> Essa migração momentânea dos assentados, contudo é recorrente porque possibilita a manutenção de um projeto mediante a obtenção de recursos financeiros e coloca em circulação o capital, como demonstrado por Neves (1979) em sua dissertação de mestrado. Outra autora que se voltou ao estudo da migração sazonal dos trabalhadores foi Seyferth (1974). E, como um dos fatores que determinam a saída dos trabalhadores para fora de suas unidades produtivas é iniciar a exploração agrícola já com dívidas de financiamento a serem amortizadas. Segundo ela, a dificuldade para o pagamento e o desejo de melhorar a propriedade impulsionavam, mormente os homens adultos, a sair em busca do trabalho acessório. (Seyferth, 1974) Do mesmo modo como observado por Evans-Pritchard sobre os Nuer, o ritmo social é orientado a partir das relações que controlam o movimento das pessoas segundo o ritmo ecológico. Assim, os Nuer transitam entre *tot* (começo das chuvas) e *mai* (declínio das chuvas) na contagem do tempo. Contudo, essas divisões não são unidades exatas de tempo, mas correspondem a unidades vagas relacionadas às mudanças nas relações ecológicas e nas atividades sociais entre um estado a outro. (Evans-Pritchard, 1978)

Assim, nas cinzas daquela quarta feira de fevereiro de 2010, vejo-me na interseção prática das ruínas de um tempo de vida e das esperanças e frustrações, pela busca de ali se fundar outros modos de vida. Tempo de outrora, por vezes visto como rico e verdejante, não mais deixa florescer os campos diante da teimosa seca, que insiste em continuar. Pelas planícies do PA Che Guevara, assentados e suas famílias choram por suas perdas porque sequer uma gota de chuva caiu naquela região.

Percorrer estradas de terra, sob sol a pino, castigante e bronzeador da pele dos pesquisadores, incansáveis por entender o que fazia aquelas pessoas continuarem a lutar não mais pelo acesso à terra, mas com a terra. Compreender por que aqueles valados e

---

<sup>16</sup> Inúmeras entrevistadas relataram, em entrevista, que utilizam da *tabua vermelha* ou *branca* no processo de confecção de esteiras. A renda obtida é utilizada na complementação da casa e esse é um processo acompanhado pelos maridos ou companheiros desde o momento da colheita da *tabua* no brejo como durante o durante o processo de tear a *embira* no *cambito*. Este processo de produção de esteiras será retomado em outro capítulo. A produção de esteiras de *tabua* enquanto alternativa encontrada pelos assentados para enfrentar os limites impostos pelos recursos naturais foi questão analisada em artigo apresentado no IV Simpósio Reforma Agrária, Nupedor, Araraquara, 2010.

canais de irrigação estavam à mercê da provisão divina... ou o por quê daqueles traçados tortuosos e secos?

Dias exaustivos, embora gratificantes pelo reconhecimento e carinho que a mim e ao Rodrigo nos foram atribuídos, celebrados mediante cachos de banana, goiabadas, cafezinhos, sucos de graviola, peixe frito e sombra e copo de água fresca na sala, sem contar a paciência e atenção dedicadas a horas de conversa. Gestos simples, mas que produziam forças para seguirmos em frente na pesquisa.

A luta pela terra no assentamento Che Guevara está marcada por uma incessante luta com a terra e com a natureza, em busca de recursos que possam assegurar a sobrevivência dos seus residentes. Ao todo, 74 famílias de assentados distribuíam-se pelos lotes e habitavam casas arquitetonicamente tangidas por traçados humildes, erguidos com a mesma proporção dos recursos financeiros que até ali chegavam. Poucos eram os lotes que se destacavam por suas construções acabadas e erguidas mediante recursos da aposentadoria e de fontes de renda oriundos de circuitos externos ao assentamento.

Nos *terreiros* dos lotes, cães e galinhas competiam por sombra e alimento, em luta pela sobrevivência. Um ar de provisoriedade se espalhava e esse mesmo ar penetrava nossos pulmões, como que renovando as forças e nos empurrando para frente naquela estrada sem fim. Estradas solitárias, áridas, longínquas, cortando frontalmente lotes, margeados por gaiolinas (*Euphorbia tirucalli*)<sup>17</sup>, cercas vivas que delimitam as áreas estabelecidas pelo Incra. Uma vegetação, entremeada a arames e estacas de eucalipto, com galhos densamente entrelaçados, mas por isso serve de suporte a ninhos e abrigo para aves, que se atrevem a procurar por sementes e frutos que possam lhes servir de alimento. Assim, os lotes devem ser compreendidos enquanto espaço da autonomia e da aplicação de múltiplas temporalidades. E negar sua heterogeneidade é deixar de lado a arbitrariedade de seus limites na composição e organização do espaço. (Abélès, 1983)

Pelas estradas, imensos pés de eucalipto funcionam como barreira protetora ao vento, que pretende arrasar ainda mais as lavouras... Quebra-ventos vivos! Essas vegetações parecem criar um microambiente saudável às aves que gorjeavam ansiosas por uma nova estação. Ou ainda as gaiolinas que servem como saborosa fonte para animais que comem seus galhos, porque neles contem um líquido revigorante para sua força. A

---

<sup>17</sup> As gaiolinas foram mencionadas por Lubatti (1979) como òplantas características do lugarõ porque são amplamente utilizadas na região de Marreca, Açú e Quixaba como cercas. Nelas, os moradores fixam dois fios de arame farpado e, conforme os galhos vão crescendo, se entrelaçam a ponto de impedirem a passagem dos pássaros.

gaiolinha, arbusto do grupo das Euphorbiaceae, tem como característica, além da produção de látex, a adaptação ao clima quente e a perenidade de suas folhas crassas. Além disso, ao propagar-se facilmente, por estaquia, espalha-se compondo cercas cerradas, com no máximo cinco metros de altura.

Na medida em que adentrávamos pela estrada principal do assentamento, algumas aves saíam em disparada, assustadas com a presença dos pesquisadores-visitantes. Anuns pretos e brancos, sabiás, bem-te-vis, rolinhas e João-de-Barro ajudavam a dar vida ao ambiente. Quebravam o silêncio e coloriam o céu com as cores que a natureza pintava.

Rompendo as cancelas que protegiam os lotes, deparávamo-nos com lavouras abandonadas. Supúnhamos: Os agricultores devem ter sido vencidos pelo cansaço. A natureza estava vencendo nessa disputa. Mais tarde, compreenderíamos *a água até então não havia chegado!* Nem uma gota de água ali caiu e penetrou o solo, refrescando as raízes ó das mais rasas às mais profundas ó das plantas.

As *valas* e os *valados*, preenchidos quando transbordavam os açudes e caixas d'água, estavam esturricados. Só as andorinhas revoavam pelo céu azul e as cobras saíam de suas tocas, em busca d'água. A tão esperada chuva não veio ontem, não veio hoje, não veio no amanhã!

Como consequência, na maioria dos lotes, observávamos plantações inteiras perdidas. As canas estavam queimadas; os milhos escalpelados; as fruteiras sem frutos; os animais magros...! Nesse cenário, até as nervuras paralelinérveas das gramíneas haviam se curvado à força da seca. Tudo parecia não resistir. Pelas estradas, nem mesmo arvoredos para nos aprazerem com suas sombras. Ali, a natureza exigia dos assentados um grande esforço físico e material para ser vista verdejante. Aos fundos dos lotes, somente tabuas resistiam àquela condição e sobreviviam nas partes mais baixas dos terrenos, por isso inundados a maior parte do tempo. Nossos olhos se perdiam na imensidão daquele espaço!

Durante a década de 1970, os usineiros investiram na construção de canais de irrigação que levavam água e o vinhoto da cana às fazendas. Esses canais mostravam-se, na maior parte dos lotes visitados, secos e/ou assoreados ou ainda, em alguns casos, tomados pela *tabua* e utilizados para a plantação de bananeiras. A proximidade da *tabua* dos lotes facilitava a produção artesanal de esteiras pelos assentados, mas impedia o fluxo da água e impunha limites à sua colheita. Nesse novo microambiente avistávamos um assentado caminhando sobre o leito entremeado às folhas dobradas com a pisada de animais ou com a força da bota usada para percorrer as imediações do brejo. Com as

*tabuas* a água não atravessa pelas valas que alguns dos assentados haviam construído com as dragas e enxadas.

A água, que ainda resistia à evaporação, formava canais rasos poluídos, nitidamente visíveis naquele espaço. O cheiro da decomposição química feita por bactérias quimiosintetizantes era característico. Afinal, com a pouca oxigenação da água, esses seres proliferavam exalando o cheiro de podre. Beber, cozinhar, tomar banho, por exemplo, antes atividades corriqueiras, no assentamento tornavam-se precárias com o avançar do verão. Havia a natureza transferido o seu período característico de estiagem de agosto para aqueles dias?

A falta de água para irrigação, para dessedentização de animais e para os criadouros de peixes era mencionada pelos assentados como uma grande barreira para a manutenção social do grupo. Usando da criatividade e dos recursos que tinha disponível, um agricultor com idade já avançada, construiu um sistema de captação da água da chuva e de filtração da água de má qualidade que chega ao lote pelos canais. Nessa engenhoca, ele usava alguns barris de plástico, originalmente depósitos de *veneno para a lavoura*, alguns metros de tubulação PVC e recursos minerais diversos, como pedra brita, areia, cascalho e carvão. Para a construção desse sistema, contou com a ajuda de sua esposa para confeccionar uma espécie de bolsa de tecido que filtrava as impurezas mais visíveis da água que conseguiam captar.

Enquanto isso, na agrovila, a natureza era outra... Árvores remanescentes da devastada mata atlântica estavam ali representadas por famílias de leguminosas, arecáceas (palmeiras), mirtáceas, bombacáceas, malváceas, moráceas, rubiáceas, anarcadiáceas, dentre outras naturalmente adaptadas e resistentes à condição seca. Juntas compunham um corredor sombreado, preenchido por um vento suave que refrescava a pele daqueles que por ali passavam ou residiam. A agrovila era como um oásis em pleno deserto! Neste espaço, a natureza parecia ser mais dadivosa e fazia questão de mostrar que a esperança não tinha abandonado aqueles que ainda apostavam no sucesso do projeto de assentamento rural.

Os assentados que, por sorte ou influência, conseguiram se estabelecer nesta porção do assentamento, residem, por herança, nas casas dos ex-trabalhadores da antiga Fazenda Marrecas e obtêm, por decorrência, um solo que é mais fresco.

Comprometida com a pesquisa, continuava a busca por contato com possíveis entrevistados. A visita aos lotes, localizados e reconhecidos pela ilustração cartográfica

que dispúnhamos, iniciava-se ainda na beirada das estradas da Caixa D'Água ou do Capão Redondo.

Ao rompermos as porteiras para adentrarmos o lote, com características como que padronizadas no assentamento, um caminho não menos tortuoso nos conduzia até à porta das casas: quarto-sala-cozinha circundados, na maioria dos casos, por uma hortinha de plantas medicinais ou de temperos: boldos, salsas, saião, hortelã. Ao lado da casa, o espaço é dos animais de criação. Galinhas, patos, gansos misturavam-se a cachorros e gatos. O *terreiro* sem divisão, na maioria dos casos, deixava todos os animais misturados. A criação brigava pelas migalhas arremessadas pelos assentados ao chão; e apenas as galinhas empoleiravam-se nos pés de goiaba e de limão. Também fora da agrovila, as ruínas das casas dos usineiros e de seus ex-trabalhadores compunham a paisagem agreste.

Contudo, naqueles lotes onde os assentados vinham investindo há mais tempo, tanto por receberem aposentadoria ou pelos filhos e esposo estarem inseridos em outras redes fora deste espaço, a distribuição dos cultivos nos lotes seguia uma ordem aparentemente aleatória, mas que respeitava tão somente a localização, no subsolo, de barro molhado suficiente para criar mosaicos com as plantações. Observávamos *terreiros* densamente ocupados por galinhas de uma enorme e criteriosa variedade. O solo, mesmo *cansado*, ao ser revigorado com os insumos agrícolas, ainda servia de palco para a germinação dos produtos.

Nessas ilhas, as árvores frutíferas não deixavam de cumprir a sua função e serviam de alimento também para os pássaros, que mesmo não sendo tão grandes, pudemos observar sobrevoando o assentamento Che Guevara. Bandos de anuns pretos dando vôos rasantes, coletando sementes e frutos; grupos de 3 a 4 bem-te-vis em coro saboreando bananas, mamões, laranjas, pitangas e outros frutos; casais de sabiás tomando para si frutas maduras de mesma variedade; corujas buraqueiras em seus pares refugiavam-se do sol a pino em buracos no solo, deixados por outros animais, para ali se alimentarem das frutas e sementes. Joões-de-barro reviravam os *terreiros* em busca de restos alimentares humanos...

A disputa pela manutenção da vida entre os animais também se fazia presente! Natureza e humanidade se misturavam... ninhos construídos sobre postes de luz, dependurados nas porteiras. Entre gravetos, painas e barro cuidadosamente moldados e entrelaçados, observávamos estacas grosseiramente firmadas ao solo seco.

Encontrar alimento, fora desses espaços, para os pássaros, parecia-nos igualmente uma caminhada tão árdua quanto a que estabelecíamos percorrendo as planícies do

assentamento. Os pés de frutas (mamão, banana, limão, goiaba, abacate, genipapo, amora, jamelão, maracujá, pinha, amendoim dentre outras) ainda serviam como *habitat* e alimento para pragas naqueles oásis verdejantes no deserto escaldante deste sertão.

Os produtos cultivados nos lotes, como ressaltavam os produtores, jamais alcançaram índices tão baixos de produtividade, inclusive para a cana de açúcar (cultivo em diminuição no município desde a falência de diversas usinas).

Apesar da falta de chuva, em algumas situações, com a ajuda de bombas d'água, com a dragagem dos canais do Wagner, do Wilson e do Colégio, a rede de irrigação recebia sua diversidade ictiológica de acordo com o teor salino da fonte hídrica que lhe abastecia.

A nossa fatigante jornada diária de pesquisa entremeava-se à incessante rotina dos assentados no PA Che Guevara para manterem os ciclos sazonais. Ver gados cansados buscando, também no solo, um capim forte para manterem seus corpos, resistindo ao serem tangidos pela seca, instigava-nos, pesquisadores, a refletir sobre a vida lamentável de desperdício na cidade: encanamentos borrifando água, rios e lagoas poluídos, canais bloqueados pelo lixo, águas espumantes! Era inevitável não compararmos o que vivíamos com o que víamos naquele momento...

O calor aumentava com o avançar das horas e o corpo manifestava a falta de água produzindo cenários que se misturavam com a realidade. Ouvíamos o trepidar de motocicletas, o ronco de tratores e de bombas de irrigação misturando-se ao zumbido de abelhas, besouros, marimbondos perseguindo-nos pelas estradas solitárias.

No céu, a coloração escura que avistávamos de ímpeto sugeria-nos uma tempestade à frente naqueles dias, porém não passavam de queimadas no pasto. Essas queimadas serviam para impulsionar o solo a cumprir mais um calendário agrícola.

Depois de caminhararmos à pé aproximadamente duas horas sob aquele sol, avistamos o Capão. De longe, podíamos sentir o seu frescor e o ar úmido que dele advinha. O solo no Capão Redondo já não tinha mais a mesma aparência do caminho já trilhado. Era uma mistura de barro avermelhado e areia molhada. Essa composição edáfica parecia ser a resposta para a coloração verdejante do pasto e da robustez do gado que ali era deixado para engorda. Os assentados, que durante aqueles anos puderam estabelecer matrizes reprodutoras holandesas, desfrutavam, apesar das críticas, do pasto *forte* que crescera naquela área da reserva.

Durante o percurso da extensa estrada do Capão até chegarmos à Estiva do Cachorro, local apontado como limítrofe com o projeto de assentamento vizinho de Ilha Grande, sons de tiros nos deixavam de sobressalto. Pensávamos: era a desconformidade entre a criação legal e a caça criminosa de animais na área de reserva.

A área de preservação permanente corresponde a 6,7% da área total do assentamento, e está situada às margens dos canais de São Bento e do rio Colégio. A área de Reserva Legal, de 1.244,74 hectares, abarca uma região alagadiça com vegetação nativa. Percorrendo essa região era possível notar o intenso processo de destruição que resultou no processo de assoreamento dos leitos dos canais e na eliminação de matas ciliares em quase toda extensão desses condutores hídricos.

Como um portal que se abria a nossos olhos assustados, avistávamos tamanha discrepância de imagens, sons, sentidos. O equilíbrio da natureza nas terras do Capão parecia ser a lei maior. São quase 253 hectares de ar puro e natureza preservada!

Os lotes que faziam fronteira com tal espaço também refletiam essa realidade. Os valados cheios de água, de peixes... de vida! Tainha, traíra, acará, sulapa, sassá, bagre, tilápia e morobá são alguns representantes identificados. No Capão Redondo, os canais do São Bento, do Colégio e da Andreza transbordavam por suas margens, criando um brejo fértil.

Portanto, neste primeiro cenário, estava diante de constrangimentos colocados pelas condições naturais, mas que também eram relativamente compensados pela ida de alguns produtores, durante o verão, para as praias próximas.<sup>18</sup> Cabe ainda destacar que, tendo em vista os limites impostos pela condição da natureza à realização do trabalho, a questão da doença não aflorou durante a realização das entrevistas. Esse aspecto da liminaridade do processo de constituição do assentado é também marcado pela provisoriamente e pela ressocialização de novas regras de conduta e de elaboração de projetos quanto ao futuro. (Neves, 1997)

Entretanto, num segundo momento, as condições naturais apesar de não mais tão adversas, mas a estrutura das famílias para enfrentar o processo produtivo é colocada em cheque. Assim, os assentados sem a estabilidade dos meios de produção e diante da expansão do mercado de trabalho pela chegada do verão e também por fatores diversos, como as olarias, trabalho em casa de família e comércios, investem na saída momentânea

---

<sup>18</sup> Neves (1997) demonstra que esse movimento migratório para a praia é tradicional entre os trabalhadores, principalmente durante os meses do verão, quando não estão se dedicando ao corte da cana.

dos lotes. Para os assentados do PA Che Guevara, a referência à superação de condições adversas e caóticas, possibilita a reconstrução pela consolidação da ordem social.

Apresento, a seguir, o cenário que me deparei quando da realização do segundo trabalho de campo.

### II.3 - Segundo cenário

Ao retornar para o campo, desta vez sozinha, e agora numa nova estação, pois já se contavam os dias de agosto, o cenário outrora apresentado havia sido modificado. Pensava, questionando-me: vencidos pela seca do passado!? O que, além daquela terrível seca, poderia causar maiores prejuízos aqueles lutadores? O período do segundo trabalho de campo correspondia ao da colheita da cana. Alternativas para o assalariamento estavam em jogo, mas não só. Outros fatores entravam em cena.

Mesmo buscando diversas soluções, alguns assentados rurais sentiram-se acuados e forçados a abandonar seus lotes; em outros casos, para não perderem a terra, transferiram o direito de uso para os parentes jovens mais próximos, supostamente mais fortes e capazes de *tocar a terra*<sup>19</sup> e dela fazer gerar renda, mas também aqueles possuidores de bens que pudessem ser convertidos em recursos para aquelas terras sedentas por água.

Criações magras, árvores podadas... O espaço reservado aos cultivares encontrava-se dominado pelo mato brabo como num filme, o velho oeste foi vencido pelo bandido. Os assentados, muitos deles, abandonaram os lotes e foram em busca da solução para as dificuldades que a natureza ali lhes impunha. Lutar para sobreviver, mesmo que fora do assentamento, soava mais fácil do que labutar com a terra fraca e com a escassez de água. Aqueles que ainda resistem, sofrem paulatinamente a fim de continuarem vivos e manterem-se firmes na efetivação do projeto de assentamento iniciado há pouco mais de uma década.

Quando ainda sem cogitar a alternativa da transferência da terra, em outros contextos, manter-se no lote exigia tanto daquela natureza quanto dos assentados rurais, que colocava em risco o projeto por eles sonhado de manterem-se no lote. O quadro se

---

<sup>19</sup> Expressão utilizada pelos assentados para se referir ao conjunto de meios e recursos alocados para a gestão do lote.



agravava quando um dos cônjuges, mão de obra disponível na lida com a terra, adoecia e era forçado a interromper por definitivo o trabalho; de igual modo, quando o corpo já envelhecido, dava sinais de exaustão.

Outro agravante que atingia, neste momento, alguns dos lotes que, no primeiro período de campo eram considerados bem sucedidos pela produtividade que alcançavam, mas que também se mostravam modificados, tendo em vista a variedade dos cultivos e tamanho atingido pelas criações, eram as alterações enfrentadas na estrutura do grupo familiar. A mão de obra dos filhos direcionada para o cuidado com a criação e com a lavoura, principalmente a de quiabo, deslocou-se para a constituição de outras unidades familiares em espaços distintos e afastados de sua família de origem. Os investimentos maiores de tempo e recurso para o sustento da esposa e manutenção da casa impediam-nos de continuar no trabalho da lavoura no lote dos pais, colocando em risco o então projeto de assentamento. Também, neste novo cenário, os filhos, entrando na idade adulta, *rompiam as porteiras* do lote para galgar novos setores de trabalho. Estes, quando de grande porte como eram consideradas as empresas transportadoras de produtos para o Rio de Janeiro e as olarias em Campos, ofereciam, além do rendimento mensal, o 13º salário, as férias e os demais benefícios que a carteira de trabalho assinada pudesse naquele grupo representar. Com o dinheiro, mas sem a mão de obra gratuita dos jovens, as atividades no lote eram praticamente interrompidas, mesmo que houvesse a possibilidade de pagamento de trabalhador à diária, tendo em vista o alto custo deste serviço.

Tomando como questão o processo de aprendizagem do trabalho agrícola entre pequenos produtores rurais, Heredia (1979) demonstra que a saída dos filhos e sua socialização em outras redes, acentua a sua individualidade e recai no reconhecimento pelo pai da responsabilidade do filho. No caso dos assentados rurais, a fala *trabalham para si* ou ainda *casaram-se e saíram do lote* é explicativa desse processo de afirmação da individualidade do filho e da aquisição, por parte destes, de um sistema de saberes práticos fundamentais à reprodução social do seu modo de vida, mormente o trabalho com a terra.

Segundo perspectiva de Galeski (1979), as melhoras e as invenções elaboradas pela unidade de produção familiar refletem diretamente nas condições de vida da família, tendo em vista que a terra é a base da atividade ocupacional de seus membros, mas também considerada fonte de obtenção de renda e lugar de residência e de estabelecimento de laços de vizinhança.

Do mesmo modo, a construção da escola do assentamento e a injeção de recursos do Governo Federal mediante o projeto Mova-Brasil (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) criaram oportunidades de trabalho remunerado no assentamento e possibilidades de sustento da família sem exigir tanto esforço. O trabalho como merendeira e como professora na escola, distribuídos nos três turnos, fazia com que algumas atividades no lote, como criação de galinha e a plantação de quiabo e de hortaliças, fossem deixadas de lado pelas mulheres. Os esposos, agora, sem a ajuda fundamental para *tocar o lote*, não contavam mais com o amparo de suas mulheres. Os homens, sem auxiliares, não tinham forças para sozinhos *lutarem com a terra*. Da mesma forma, suas esposas, quando os maridos investiam em outras atividades que não a agrícola. Estas atividades eram, de igual modo, marcadas pela sazonalidade do calendário, como, por exemplo, a pesca.

Um novo cenário ia sendo formado: aquele de criações extintas, *terreiros* vazios e destruídos, de plantações interrompidas e árvores frutíferas podadas, de açudes secos, despovoados. Quem poderia imaginar que algo pudesse ser mais forte do que a natureza que ali vinha paulatinamente se justificando? Questionava-me ainda, enquanto registrava no diário de campo: Será que a instabilidade do projeto de assentamento era a única certeza que se poderia ter? O que faz com que uns agricultores tenham conseguido dar continuidade ao projeto de assentado e outros não?

Assim, o panorama do PA Che Guevara que se apresentou, durante aqueles dias ensolarados e secos de fevereiro, parecia ter dado lugar a um outro bastidor. Ali, não apenas os assentados, mas também a criação e os cultivares corriam risco. Um vai-e-vem, como em ciclo vicioso, anunciava o retorno ao início de tudo!

Os dias de campo no PA Che Guevara ficarão registrados não apenas nas linhas da dissertação e artigos, mas também guardadas como exemplo de homens que lutam com a natureza. Mesmo com essas situações, que eles percebem como limites, mas também apresentando as alternativas que eles em contraposição encontram, os assentados acreditam que dias melhores virão. É o *vai e vem* do processo de reordenação social no qual os assentados entram em cena.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Adoto, como perspectiva de análise, a noção de mudança social enquanto processo de construção e reconstrução de mundos sociais distintos, para a implementação de projetos e efetivação de interesses específicos dos agentes envolvidos no jogo de forças que permite as reordenações subjacentes ao processo de mudança. (Neves, 1981)

**Foto 1 - Valado seco, lote 23, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 2 ó Estrada da Caixa D'água, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 3 ó Construção de alvenaria típica dentre as famílias de assentados, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 4 ó Quebra-vento de gaiolinha, Estrada da Caixa D'água, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



**Foto 5 ó Quebra-vento de eucalipto, lote 21, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 6 ó Antiga área de brejo, detalhe para a coloração avermelhada dos aguapés  
torrados pelo sol, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 7 ó Peixe sassamutema morto pela falta de água no valado, Capão Redondo, PA  
Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 8 ó Canteiro preparado, aguardando o momento do plantio, lote 50, PA Che  
Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



**Foto 9 ó Plantio perdido em solo arenoso, lote 42, PA Che Guevara**



Foto de Rodrigo Pennutt da Cruz. Fevereiro de 2010.

**Foto 10 ó Vegetação rasteira característica de solo salitrado, lote 50, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 11 ó Assentado caminhando sobre *Tabua*, lote 42, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 12 ó Valado poluído, lote 21, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



**Foto 13 ó Sistema de captação de água da chuva, em detalhe recipiente seco, lote 37,  
PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 14 ó Vista da entrada da segunda agrovila, Estada da Caixa D'água, PA Che  
Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 15 ó Casa de ex-trabalhador da usina, ocupada por assentado, Estada da Caixa  
D'água, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 16 ó Ninheira para pintos, detalhe para variedades de galinhas, lote 54, PA Che  
Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



**Foto 17 ó Instalações do *terreiro* desativado, lote 40, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 18 ó Diversidade de galinhas caipiras, lote 54, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 19 ó Galinhas garnisés, lote 24, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 20 ó Palha da cana deixada para adubar e proteger o solo da seca, lote 71, PA  
Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



**Foto 21 ó Solo do Capão Redondo e suas manchas de vegetação, PA Che Guevara**



Foto: Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 22 ó Pés de limão, detalhe para praga nas folhas, lote 39, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 23 ó Pé de pinha perdido com falta de água, em detalhe fruto aberto, lote 40,  
PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 24 ó Ruínas da tubulação da Casa de Bomba construída para fins de  
irrigação das fazendas, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



**Foto 25 ó Volante destinado a abertura e ao fechamento das comportas do antigo sistema de irrigação, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 26 ó Área alagada da reserva permanente, Capão Redondo, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 27 ó Leito do Canal Andreza, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Foto 28 ó Leito do Canal do Wagner, PA Che Guevara**



Foto de Priscila Tavares dos Santos. Fevereiro de 2010.



### **CAPÍTULO III - Sistemas produtivos recorrentes**

A compreensão dos sistemas produtivos pressupõe a do conjunto de relações dos produtores com os meios de produção, as relações de trabalho e as relações de mercado, segundo o sistema de posições possíveis, isto é, constituídas em conformidade com aquelas relações. Por conseguinte, também com os projetos de vida e as alternativas de formação de poupança ou vinculação a outras atividades produtivas ou remunerativas. Nesta análise dos sistemas produtivos, elegi o privilegiamento do discurso de alguns produtores que comigo aceitaram participar de reflexões prolongadas e assim sistematizar os saberes; sistematização por mim relativamente caricaturada por efeitos de textualização. Essa distinção guarda arbitrariedades pela própria seleção, mas destaco que os saberes assim narrados são aceitos ou consensuais frente aos demais produtores. As referências comuns, todavia, não excluem a compreensão das alternativas de construção de adaptabilidades e diversidade de práticas, ora mais, ora menos eficazes, nem tão pouco o reconhecimento de debates e controvérsias. Trata-se apenas de assumir uma perspectiva analítica que, enfatizando o caráter hegemônico das reflexões, cumpre de certa forma a função de colaborar com certa patrimonialização do saber local ou dos assentados em foco.

Neste esforço de sistematizar e problematizar esse conhecimento para apropriação dos recursos naturais, ganha destaque a concepção de meio ambiente composto por grupos humanos, segundo diferenciados princípios de organização e modos de ser. Agentes que precisam enfrentar os desafios da vida para superar a iminência de improdutividade da natureza, em um processo subjetivo e interdependente de experiência entre percepção da natureza e da cultura, segundo o pressuposto de união de esforços e trabalho individualizado nos lotes.

Os fatores fundamentais, no caso deste assentamento, para entender as condições de possibilidade de constituição na posição de assentado, fazem se impor pelo estudo dos limites existentes para o uso dos fatores de produção. Limites intervenientes pelas condições de solo e de clima, pela distancia em relação aos mercados, neste caso, também as restrições de consumo entre os moradores dos povoados vizinhos. Os limites para o uso dos recursos são ainda decorrentes dos modos de exploração dos fatores de produção adotados pela administração da usina, que até recentemente explorava as atividades agrícolas na fazenda. Os administradores da usina, dotados de outra racionalidade,

contavam com o uso relativamente artificial do solo para explorá-lo na produção de cana de açúcar. Dessa base para decisão dos investimentos técnicos se incorporavam o uso de fertilizantes constituídos como subprodutos da cana (vinhoto), construção de canais de irrigação e mudança no sistema de distribuição da água na grande área, que séculos passados conformava mais expressivamente o estuário do Rio Paraíba do Sul. Tais investimentos técnicos corresponderam à eficácia provisória. Propiciaram, durante certo tempo, que a usina se mantivesse em condições de concorrência com as demais em termos de custo de produção. Entretanto, redundou na transferência de solos considerados exauridos e ambientalmente descaracterizados, patrimônio assim desvalorizado, ao qual os assentados tiveram acesso e tentam, por outros recursos, reordenar o aproveitamento produtivo e recompor algumas das reconhecidas perdas de propriedades do solo.

As alternativas da produção agrícola e pecuária possíveis aos produtores assentados no PA Che Guevara, no período do trabalho de campo, compreendiam uma gama limitada de sistemas produtivos, mas ainda variável segundo o tempo de permanência do produtor no lote. Todavia, com maior ou menor extensão, em diversos lotes foram encontrados cultivos dos seguintes produtos, para consumo próprio ou circulação no mercado: abóbora, aipim, quiabo, feijão, jiló, banana, cana, coco, figo, goiaba, graviola, laranja, limão, manga, melão, milho, pinha e eucalipto.

Beatriz Heredia demonstra que os produtos são classificados pelos produtores sob diferentes formas. Um dos sistemas diz respeito à orientação que os agentes atribuem ao produto: se para consumo ou para comercialização. No primeiro caso, se estão no roçado, os produtores distinguem as *verduras e legumes*; mas também podem ser reagrupados, segundo a participação na composição das refeições diárias. Se comercializados, os produtores estabelecem novas classificações, considerando sua venda direta ou a partir do seu processamento. (Heredia, 1979) Há bastante aproximação dos dois grupos pesquisados, embora os termos sejam relativamente distintos. Tomando as categorias adotadas pelos assentados engajados nesta pesquisa, elaborei a tabela seguinte, mas agregada às alternativas temporais de incorporação produtiva de cada tipo nas atividades produtivas do lote. (**Tabela 4**)

**Tabela 4 ó Variedade de sistemas produtivos segundo tempo de permanência do produtor no lote, PA Che Guevara**

Tempo de permanência	Sistemas produtivos				
	oleaginosas	frutas	raízes	forageiras	cereais
6 a 10		2		1	
11a 15	18	25	4	12	4

Fonte: Dados elaborados a partir de trabalho de campo realizado em fevereiro e agosto de 2010.

Entre os assentados, havia um grande número que mantinha a orientação produtiva referenciada à circulação mercantil dos produtos; e dedicava-se ao cultivo da cana e à criação de gado. Dentre estes, alguns agregavam à produção de quiabo e/ou de coco. Raros eram os casos em que os produtores não mantinham cultivos agrícolas ou abriam mão de quaisquer dessas alternativas. O **Mapa 5**, a seguir, representa a localização e a distribuição espacial dos produtores, segundo opções de sistemas produtivos.<sup>21</sup>

Vale à pena ressaltar que as variedades de produtos agrícolas e de animais para a criação são decorrentes da compra e de laços vicinais de solidariedade, mas também do conhecimento de uma rede de comercialização de proximidade. Sobre esse aspecto, Abélès (1983) afirma que as relações entre vizinhos, que se quer complementares, favorece a reintegração de práticas de troca e estimulam a atribuição de valores destinados às mercadorias que são eficazes, por causa da ausência de normas efetivas que possibilitam a instituição de um universo social onde os seus próximos tomam o lugar. A vizinhança representa, nesta perspectiva, um conjunto de constrangimentos objetivos, onde a regularidade das relações de sociabilidade não depende da fixação de uma ordem pré-estabelecida, tendo em vista a existência de formas de controle, de modo a não criar diferenciações de bens e de prestígios marcantes entre os vizinhos. Apesar das diferenças de bens, esta não cria diferença de prestígio.

Assim, os sistemas produtivos privilegiados por esses produtores podem em grande parte ser entendidos como respostas coletivas às condições socioeconômicas e ambientais nas quais se instalaram. Trazem à tona desafios generalizados, mas também decorrentes de outras formas de concorrência em jogo nesse contexto, inclusive entre os próprios assentados.

<sup>21</sup> Para efeitos desta análise, não levo em consideração a produção de coco, mas a incorporo no mapa para demonstrar os múltiplos sistemas desenvolvidos pelos produtores.

Antes de passar à análise dos sistemas produtivos, alguns outros aspectos devem ser considerados, porque fundamentais ao entendimento das relações específicas às unidades de produção, bem como às interferências externas. Essa articulação é indispensável ao entendimento dos princípios de gestão adotados.

A unidade de produção agrícola é um espaço de ações multidimensionais. A partir dos recursos que os produtores aglutinam, eles podem manejar os recursos naturais aí disponíveis; investir na inserção em rede de relações sociais pelas quais obtêm as variedades, insumos, instrumentos de trabalho e trabalhadores temporários, além das formas de obtenção de dinheiro e de integração ao mercado. O crédito pode ser obtido por agentes situados em redes de comercialização; e a poupança por agentes institucionais.

### Mapa 5 ó Localização e distribuição espacial dos produtores, segundo sistemas produtivos, por lote, PA Che Guevara



Fonte: Mapa adaptado a partir de Peixoto (2001), mas segundo dados obtidos durante trabalho de campo realizado em fevereiro e agosto de 2010.

A respeito da unidade produtiva, cabe ao produtor lidar com a terra mediante a aplicação de técnicas e ações específicas. Assim, o estudo do processo de produção e transmissão do conhecimento requer uma abordagem que leve em conta as especificidades do trabalho do produtor, não apenas em termos de atitudes e de valores, mas pautada no respeito a seus sistemas cognitivos. (Ortiz, 1971)

Esses saberes dos produtores são postos em prática considerando os diferentes ciclos produtivos, tanto dos animais quanto das plantas. À medida que esses produtores abrem-se à diversificação da produção, tornam-se portadores de princípios específicos de gestão dos recursos e de manutenção do projeto de assentado rural. Neste campo de ações, cabe destacar, para os cultivos, as fases de preparação do solo, do plantio, da *limpa* e colheita do produto; para as criações, as instalações, o manejo reprodutivo e sanitário, o tamanho e a qualidade do pasto.

As condições que permitem a integração do produtor ao mercado, baseadas no escoamento do produto, são estabelecidas a partir das possibilidades por ele encontradas na terra, mas dependentes dos contatos fora deste espaço. As relações externas às unidades familiares aparecem para o produtor como um novo campo de ação, composto por agentes e instituições creditícias que, em perspectiva positiva, funcionam como um mecanismo de *feedback*. Na medida em que os produtos vão para os circuitos de comercialização, ele também tem mais facilidade para acesso ao crédito.

Adotando esta postura analítica, neste capítulo, restringir-me-ei a apresentação de modelos de sistemas produtivos praticados nos lotes, tomando como objeto os produtos de orientação mais mercantil: cana de açúcar, aipim e quiabo; e também a criação de gado e galinha. Para a análise desses sistemas, pautar-me-ei na compreensão das relações com base nos seguintes fatores:

- Ações de manejo dos recursos naturais e de animais de criação.
- Comercialização e formas de integração ao mercado.

Percorrendo a organização dos dados por tais princípios de orientação prática, destaco o processo e as situações de produção e sistematização de saberes, mais facilmente explicitados quando aqueles princípios são postos em questão nas reflexões sobre o processo de trabalho.

Cabe também destacar que a aprendizagem do produtor e os saberes por ele construídos para se consolidar na posição orientam a gestão dos recursos naturais, a construção das redes sociais e a reconhecida consolidação na posição, mas serão abordados de forma mais específica no próximo capítulo.

### **III.1 - Cana de açúcar**

A cana-de-açúcar é uma cultura perene que abarca um período de quatro a seis anos, reconstituindo as *socas*. Dados fenológicos da planta indicam que ela alcança sua maturação no período seco, mas outros fatores como a fertilidade do solo, condições climáticas, controle de pragas e doenças, além das práticas de colheita influenciam seu regime produtivo e também o ciclo vegetativo.

Em termos ideais, o terreno deve ser plano, suportando-se uma ligeira inclinação. O solo deve ser profundo e fértil. Técnicas como o plantio em curva de nível e o terraceamento minimizam a erosão. A adubação é prevista em situações de inadequabilidade do solo. Neves (1981) aponta que, mesmo reconhecendo as vantagens dos adubos químicos, os produtores através da classificação da terra (em *boa, fértil* ou *ruim*) se contrapõem às medidas impositivas de utilização de insumos. O que está em jogo é, portanto, a valorização da terra a partir da dispensa de reforço ou complementação.

O preparo do solo inicia-se, no caso de áreas virgens, com o enleiramento, seguindo-se com a gradagem (por até quatro vezes, nos casos de renovação do canavial no final do período seco). Posteriormente, dá-se prosseguimento à aração; e, nos dias que antecedem ao plantio, devem ser feitos o nivelamento e o destorroamento do solo, para que sejam mantidas as condições de permeabilidade do solo.

As variedades de cana existentes se distinguem quanto à produtividade da planta, ao teor de açúcar (sacarose), às condições edafoclimáticas da região, à capacidade de rebrota, à ausência de florescimento ou fechamento e à resistência a pragas e doenças.

A estação anual do plantio da cana varia de acordo com a orientação produtiva: se destinada à alimentação animal, o plantio deve ocorrer logo que as chuvas tenham se firmado. A primeira colheita será após decorridos de 12 a 18 meses.

As mudas a serem plantadas devem ser originárias de canaviais com 8 a 12 meses decorridos do período do plantio, que deve ser realizado imediatamente após o corte, para não comprometer a germinação das gemas. Os *toletes* devem ser plantados em sulcos com cerca de 30cm de profundidade e espaçamento entre 90 e 140cm. A seguir devem ser cobertos com uma camada de 5 a 10cm de solo e dispostos de pé com pontas para não prejudicar o desenvolvimento da planta.

O corte é feito junto ao solo, retirando-se as extremidades (ponteiras). Durante a colheita, a cana deve ser cortada rente ao solo, porque se cortada em alturas mais elevadas, coloca-se em risco a rebrota a partir das gemas basais e grau de sacarose. No momento do corte, as folhas secas devem ser retiradas e deixadas nos espaços entre linhas para cobrir o solo e servir de barreira às plantas invasoras, mas também reter a umidade.

No assentamento, o cultivo de cana vem sendo realizado por praticamente todos os produtores, apesar das condições edáficas desfavoráveis. Nos momentos em que estive no assentamento, dos 74 lotes que o compõem, em apenas 12 (aproximadamente 16%) não foi encontrado esse cultivo. Os solos nos quais esse sistema produtivo pode ser implantado variam de regiões baixas passíveis de alagamento no período em que as chuvas são abundantes, a regiões mais altas de solo seco. No primeiro caso, buscando driblar essa condição topográfica adversa, o produtor estabelece o plantio na porção mais alta do terreno, mas reconhece-se a tolerância ponderada da cana à água. No segundo caso, o sucesso do cultivo exigirá do produtor investimentos em irrigação da lavoura. O cultivo da cana é impossibilitado nos casos em que os produtores possuem o lote no qual a área está constantemente alagada. Esse aspecto é também destacado por Neves (1981) quando os produtores, incapazes de controlar as condições impostas naturais, buscam manter a produtividade oscilando o plantio em terrenos mais baixos e mais altos segundo os índices pluviométricos.

Além das condições topográficas do lote, os produtores estabelecem o cultivo da cana em *terra branca* (solo arenoso), em *terra preta* (solo barrento), em *terra misturada* (solo *mituca*)<sup>22</sup>, com a presença ou não de teores de sal e de cálcio. O plantio em solo arenoso, comparativamente ao solo *barrento*, possui maior permeabilidade e porosidade. E sendo assim, absorve mais a água. Na *terra preta*, a permeabilidade é menor e a água proveniente das bombas de irrigação cria uma rede de escoamento superficial, que permite que seja melhor distribuída pela área do cultivo. No solo *mituca*, encontrado

---

<sup>22</sup> Solo misturado onde a camada superior é arenosa e a inferior é argilosa.

principalmente nos lotes situados no Capão Redondo, existe uma estratificação em que, na porção superior, o solo é composto por um barro seco e, na porção inferior, cerca de dois palmos abaixo, é de solo fresco. Nos solos com teores de sal, os produtores precisam investir em recursos para a correção do pH, como, por exemplo, adição de potássio. Por outro lado, a terra com altos teores de cálcio, como nos lotes que apresentam fragmentos de conchas em sua composição, é reconhecido pelos produtores como solo favorável à implementação do sistema produtivo de cana de açúcar. Em outros casos, para manter as condições de fertilidade do solo, os produtores depositam esterco animal como adubo, muitas vezes produzidas pelos próprios animais que cria no lote.

Como já anteriormente destacado, o plantio da cana é feito por *toletes*, pedaços (com cerca de dois palmos de extensão) de cana com três nós (gemmas laterais), de onde surgirão os brotos. Estes, após germinarem, dão origem à *soca* (pés de cana). O *tolete* é introduzido na terra em *covas* e a seguir é tapado com porção de solo. As *covas* situam-se nas linhas, de modo a compor várias fileiras, mantendo-se um espaçamento que varia de 1,5 a 1,70m de uma linha para outra. A disposição dos *toletes* nas *covas* deve seguir a direção horizontal, unindo-se ponta com ponta e deitados ao solo de modo que os nós estejam voltados para cima. A manutenção do espaçamento e do correto alinhamento das *fileiras* facilita o trabalho de corte da cana pelos produtores.

Durante esta etapa do ciclo produtivo da cana de açúcar, os produtores procuram observar o calendário agrícola, embora adaptações venham sendo por eles elaboradas, ao longo da dedicação ao cultivo. O calendário (**Figura 1**) sinaliza as condições ideais para que a cana alcance o seu melhor aproveitamento. Assim, planta-se a cana no mês da chuva (fevereiro) para colher em maio, o que antes era realizado em junho; mas também pode-se plantar em novembro/dezembro para colher em fevereiro, antes plantada em outubro/novembro e colhida no verão (em março). A chuva é desejada dois ou três dias após a introdução do *tolete* na cova. Realizar o plantio logo no começo das chuvas (início de março e abril) contribui para evitar gastos com irrigação, necessários ao enfrentamento das condições extremas de seca frequentes no período de verão. As oscilações permitidas no calendário dizem respeito às condições específicas para cada variedade de cana cultivada pelos produtores. Por exemplo, a cana para caldo deve ser plantada no mês de chuva (fevereiro), enquanto que a cana para usina é plantada no final do ano (início do verão) para ser colhida ainda devês, um ano depois, antes mesmo do término da estação. Para os produtores, o respeito ao calendário garante a boa colheita. O período necessário ao

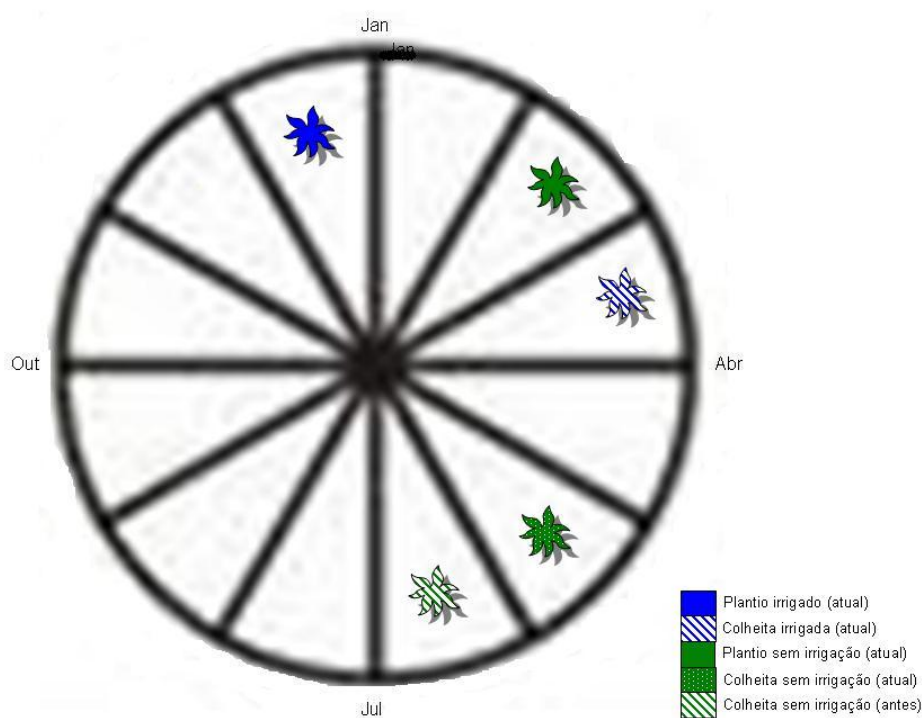


desenvolvimento da cana para caldo (7 a 10 meses) é menor, se comparado com o esperado para cana produzida para a usina (um ano).

A associação do ciclo agrícola dos produtos com a estação úmida e a estação seca é aspecto demonstrado por Hereria (1979) ao voltar-se ao estudo das atividades desenvolvidas por pequenos produtores rurais na Zona da Mata de Pernambuco. Por outro lado, a correspondência do calendário agrícola a festividades do calendário religioso, como destacou essa autora, não foi mencionada pelos assentados rurais objeto desta dissertação.

Esses dados são semelhantes aos apresentados por Seyferth (1974) para o ciclo agrícola anual da cana dentre os produtores do Vale do Itajaí-Mirim. Contudo, não consideram os investimentos em irrigação realizados pelos produtores para melhor aproveitamento do cultivo. Os dados atuais do plantio são os mesmos apresentados por Neves (1981), que tem acompanhado o ciclo da cana de açúcar na região. Segundo aponta, a escolha dos meses de plantio também é orientada não apenas pelas condições climáticas favoráveis, mas também pela disponibilidade de mão de obra, o que diminui os custos com a operação das atividades.

**Figura 1** ó Ciclo agrícola anual da cana de açúcar



Outra condição observada pelo produtor, e para eles de grande importância durante o plantio da cana, é a fase da lua. Plantar os *toletes* no período de transição da lua cheia para a minguante permite que a *soca* firme suas raízes nas camadas mais profundas da terra, assim nutrindo a planta por mais tempo. Por outro lado, durante a transição da nova para crescente, as raízes prendem-se superficialmente no solo, mas há um estímulo ao geotropismo negativo da planta (crescimento para cima). As fases da lua, ao entrarem na composição de condições naturais necessárias à fase de plantação, como aponta Neves (1981), configura-se enquanto tentativa de controle por parte do produtor das condições naturais. Assim, o respeito ao calendário lunar, mais que ao regime pluviométrico, reduz os riscos de perda da lavoura.

As variedades cultivadas pelos produtores são a *paulistinha branca* e a *paulistinha roxa*. A *branca* é identificada pelos assentados como variedade prioritária porque permite ao produtor orientar sua produção tanto para caldo quanto para a usina; enquanto a segunda, na maior parte dos casos, fica restrita à entrega da produção à usina, fugindo à regra nos casos de investimentos em adubação e se a variedade plantada tem um caldo de sabor adocicado, mas de coloração não muito escura. A variedade *roxa* pode ser plantada em quaisquer dos tipos de solo encontrados na região, enquanto a variedade *branca* fica restrita aos solos especialmente considerados favoráveis ao seu desenvolvimento, como é o caso da *terra preta* e da *terra mituca*. Ainda a despeito da valorização pelos produtores da variedade *paulistinha branca*, eles reconhecem ser este um sistema que requer cuidados, principalmente no que tange às ações que evitem o ataque de pragas, principalmente se a lavoura for constituída de *canas velhas*. Neste caso, a vulnerabilidade é maior.

As outras fases do ciclo produtivo da cana (*limpa* e *colheita*) devem também respeitar os períodos de crescimento da planta, pois se as *limpas* e as *colheitas* forem realizadas fora do período, coloca-se em risco a lavoura pela expansão de ervas daninhas e pragas; e também a ultrapassagem do período de moagem pelas usinas. A fase de *limpa* da terra e da planta é realizada até três vezes, mas não pode deixar de ser feita. A *colheita* finaliza o primeiro ciclo mediante o corte e o encaminhamento das canas para a comercialização. O corte rente ao solo das *socas* é facilitado se o produtor optou pela queima da cana, principalmente se a lavoura não é de re-plantar.

Nas unidades de produção portadoras de condições de solo favoráveis ao plantio da cana, pode observar a prática do consorciamento. Ela é realizada pelos produtores, visando ao melhor aproveitamento do espaço físico que dispõem; e tem como pré-requisito o tempo

de desenvolvimento da planta inserida na lavoura. Assim, plantam-se as mudas no *banco* (porção mais alta do *sulco*), se a lavoura já estiver crescida, como é o caso do feijão, da ervilha, do quiabo e do milho, que são produtos com tempo de desenvolvimento menor em relação à cana de açúcar. No caso do feijão consorciado, são plantadas duas carreiras em cada *banco*. Se o cultivar a ser introduzido produz uma área de sombra muito grande, a preferência é para os cultivos das rasteiras, como é o caso da abóbora.

O cultivo da cana de açúcar, prática desenvolvida na região desde o início do século XVIII, é uma das principais alternativas encontradas pelos produtores assentados para manterem-se no lote. Alguns assentados puderam incorporar cultivos já existentes, coincidindo com a apropriação do lote. Quando os produtores chegaram nos lotes já encontraram as *socas* remanescentes do período da gestão da usina. Em outros casos, a dedicação ao cultivo contou com a compra de mudas de cana em lotes vizinhos, segundo a qualidade das *socas* cultivadas; ou também por doações entre produtores que cultivam laços de solidariedade.

Para muitos produtores, a aprendizagem necessária à implementação do cultivo de cana foi adquirida por socialização na infância, ajudando ao pai no trabalho na lavoura familiar ou de outros proprietários de terra. Em relação ao processo de aprendizagem do trabalho agrícola, Heredia (1979) pondera que este é efetuado sob a égide e mediante contribuição do pai que, ao destacarem a menoridade dos filhos, incutem-nos a submissão a sua autoridade.

Os instrumentos de trabalho usados na irrigação da lavoura de cana pelos produtores variam de acordo com a composição do solo existente no lote que ocupam: se o solo é arenoso, o canhão é o mais adequado, pois possui um sistema de pás rotatórias que, incidindo no jato vertical d'água, a distribui para várias direções. As bombas d'água são usadas para distribuir superficialmente a água em diferentes trechos do terreno, de acordo com os orifícios pontuais estratégicos, existentes em toda extensão da mangueira ligada ao motor. Os demais instrumentos utilizados no manejo do solo são o trator, no caso de existência de vegetação mais resistente; o arado para tombar a terra, quando a vegetação é rasteira e menos resistente; a plantadeira usada para fazer as *covas* e jogar os *toletes*, o que também pode ser feito pelo próprio produtor ou trabalhador, exigindo que este acompanhe a máquina logo após a cova feita; o cultivador que lava a terra com dentes, cortando as ervas sobre o solo; o sulcador para fazer os *sulcos* na terra já preparada; a enxada para fazer a *limpa* do terreno.

O trabalho na lavoura de cana pode ser realizado tanto pelo próprio produtor assentado, quanto através do pagamento de trabalhador à diária ou por hora. Paga-se trabalhador, por dia, para passar o trator na terra e também para usar a plantadeira. O pagamento a terceiros pelo produtor só é possível se este se encontra aposentado e ou apresenta outros benefícios financeiros que possam ser investidos no pagamento de mão de obra. Por vezes, mediante a construção de relações sociais de confiança, o produtor pode ter acesso a empréstimos e a postergação do prazo de pagamento. Mulheres e crianças são excluídas dessa atividade agrícola.

Os padrões exigidos para a comercialização da cana, tanto para caldo quanto para a usina, são pré-requisitos a serem respeitados e seguidos pelos produtores. A cana para caldo deve ser mais nova, de melhor qualidade, de talo mais grosso e liso (que facilita a limpeza pelo atravessador) e de caldo de coloração clara; enquanto a cana para usina pode ser proveniente de várias rassocas, de qualidade inferior, de talo fino<sup>23</sup>, com protuberâncias que dificultam seu processamento e caldo escuro. Para este fim, as canas podem ser compradas pelos atravessadores ou transportadas diretamente pelos produtores. Contudo, em ambos os casos, é feito um amarrado com 12 canas (a *dúzia*) que, para canas de talos mais grossos, pode-se cortar em dois, compondo um amarrado com 24 pedaços. Se a cana para caldo tem de 90 a 100cm de altura, corta-se em dois pedaços, de forma que a cana que é de menor tamanho também pode ser aproveitada.

A comercialização da cana de açúcar é, na maior parte dos casos, realizada a partir dos atravessadores. Atuando como mediadores, transportam os produtos em caminhões até os compradores finais. No caso da cana para caldo, a produção escoar para as lanchonetes do Rio de Janeiro, após limpeza e arrumação pelos funcionários do próprio atravessador. As canas destinadas à produção do açúcar são levadas até às usinas ainda remanescentes. A visita do atravessador no lote é solicitada mediante contato telefônico, a partir do agendamento e também por acaso, se o lote fica a meio caminho de estradas percorridas durante a visita a outros produtores. A liberação da carga para transporte para outras regiões é dada por emissão de nota fiscal confeccionada a pedido da Associação de Moradores de Marrecas e assinada pelo líder do assentamento. A dependência dos produtores dos mediadores para comercialização da produção foi destacada por Seyferth (1974). A autora afirma que as condições inadequadas do solo e o tamanho reduzido da

---

<sup>23</sup> A espessura e envergadura da cana variam de acordo com o número de cultivos realizados a partir da mesma soca: quanto maior o número de rebrotas, mais fino e envergado é o talo da cana.

terra foram fatores que impulsionaram os produtores nesta via da dependência, pois, para enfrentar as despesas com o plantio, ficavam nas mãos dos credores. Contudo, a ação dos mediadores é rejeitada pelos agentes sociais tomados como objeto por Neves (1981). Como afirma, o domínio do processo de comercialização mediante a constituição de vendas permite que o produtor construa uma trajetória social ascendente, neste caso, fator básico de diferenciação social entre os produtores. Mediante outra abordagem, Seyferth (1974) destaca o papel das vendas como facilitadoras do comércio em pequenas quantidades, configurando-se enquanto local onde o vendeiro exercia o controle dos preços dos produtos a serem comercializados. No caso aqui em tela, os assentados rurais do PA Che Guevara encontram-se inseridos num sistema de comercialização onde o controle, tanto do preço quanto dos padrões e dos canais de circulação de produção, são controlados pelos atravessadores.

Em situações de dificuldades de acesso às redes de escoamento ou de produção fora dos padrões, a cana pode ser destinada à alimentação de animais, principalmente do gado, atividade que complementarmente tem acompanhado esse sistema produtivo. Neste caso, o gado recebe não apenas a *olhadura* (parte superior da cana que é retirada no momento da *colheita*), como recebe-a por inteiro.

O maior rendimento obtido pelos produtores com a venda das canas é proveniente da produção de cana para caldo, mas é restrito a três cultivos na mesma *soca*. Se o produtor ultrapassa este patamar, por não dispor de recursos para refazer o plantio, isto é, encontrar limites para a constituição de nova lavoura, ele poderá encaminhá-la para a usina, se o cultivo for de *paulistinha branca*, mesmo que com obtenção de menores rendimentos.

### **III.2 ó Aipim**

Esse sistema produtivo pode ser encontrado em muitos lotes do assentamento, mesmo que em pequenas áreas para atender à subsistência da família. O aipim é considerado alimento *forte* e, por isso, não pode faltar à mesa. Nos momentos de trabalho de campo, a *roça* do aipim vinha sendo cultivada em solos de topografia mais elevada. Os lotes mais próximos à região do Capão, constantemente alagados, não permitiam o estabelecimento da *roça*. Contudo, nos casos dos produtores com lotes que apresentavam

terreno com declividade irregular, esta era implementada nas feições mais elevadas do solo. Por outro lado, os produtores sem alternativa de acesso a porções de terras altas, assumiam o risco de perda da produção em momentos de fortes chuvas.

A *roça* de aipim é implementada a partir do plantio das *manivas* pelos produtores, em geral mantendo-se a distância de um metro entre as *fileiras*. As *manivas* são provenientes de *ramas*, sendo que as pontas são descartadas. O tamanho dos pedaços a serem plantados vai de um *olho* a outro; e são cortados apenas das *ramas* que ainda contêm seiva armazenada nos vasos condutores. Assim, as *manivas* são depositadas em *covas*, em posição horizontal, a uma profundidade de aproximadamente um palmo. Nesses locais, as *manivas* são cobertas por terra com o auxílio do pé ou das mãos do produtor.

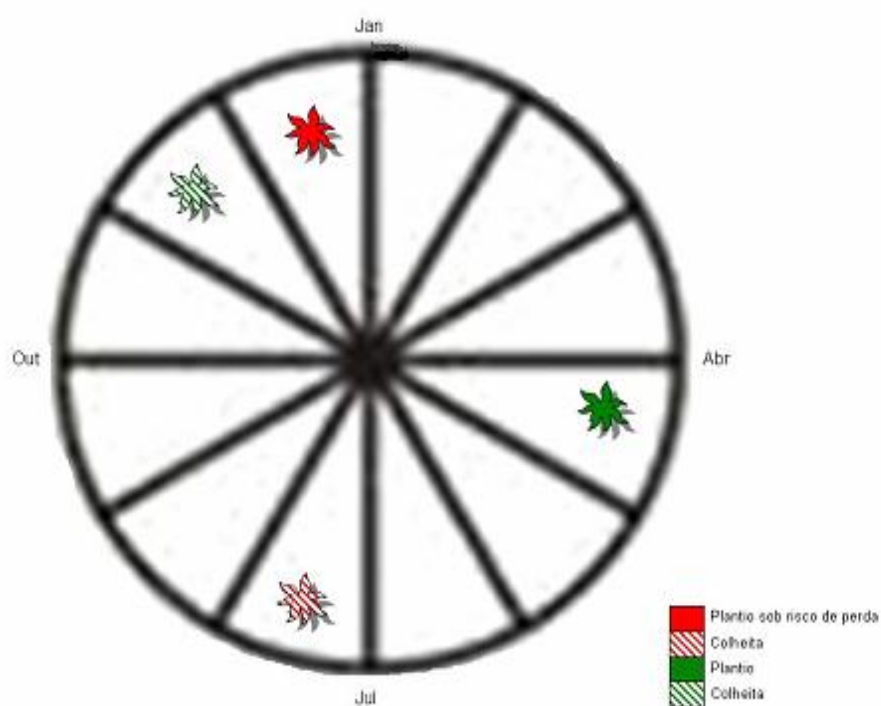
A reprodução do cultivo conta com *manivas* produzidas pelas *ramas* deixadas no solo após a *colheita* das raízes. Contudo, se o produtor as deixar no solo por períodos prolongados e em condição de seca, *a seiva se esgota e a rama se torna perdida*. Neste caso, está inaproveitável para o plantio. Após vários anos consecutivos de uso do solo para o plantio de aipim, o produtor precisa deixá-lo descansar por, no mínimo, um período de cinco anos, para que este mantenha seus nutrientes. Outra forma encontrada pelos produtores para assegurar o prolongamento do ciclo de cultivo de aipim se dá, em alguns casos, mediante a manutenção, no espaço destinado à lavoura, das sobras das colheitas (fragmentos das raízes fora dos padrões de aproveitamento). Em outros casos, se o tempo projetado para as *ramas* aguardarem o plantio não se alongar muito, elas são armazenadas em baldes com água.

O modo de plantio das *ramas* varia segundo a disponibilidade da área de terra. Na maior parte dos casos observados, o plantio do aipim era realizado em *fileiras* muito bem desenhadas. Em outros, se o lote não dispusesse de muita área em condições de aproveitamento, a forma de plantio não respeita o alinhamento: as *manivas* são plantadas de modo *misturado*. Apesar de os produtores negarem o cultivo consorciado do aipim com outros produtos, por vezes ele é praticado, mas os produtos selecionados para o consorciamento não podem ser prejudicados pela sombra produzida pelo pé de aipim. Assim, mantendo-se o padrão de enfileiramento, os produtos que podem ser consorciados são a banana, a abóbora, a cana e a abobrinha. O modo de plantar em uma mesma parcela de terra diferentes cultivos é aspecto também demonstrado por Heredia (1979). Segundo afirma, os pequenos produtores, ao apropriarem-se desta técnica, mantêm a diferenciação do que é ou não prioritário. Assim, referem-se ao *plantio na cova da* e ainda *dentro da*

*cova da*, por exemplo, a fava na cova do aipim. A rejeição do plantio consorciado do aipim com o milho é também apresentada por esses produtores, mediante a justificativa de que, de rápido crescimento, produz muita sombra que dificulta o crescimento das outras plantas. (Heredia, 1979)

O período de plantio do aipim se dá durante os meses de junho e julho, no inverno. O produtor que plantar o aipim no verão, reconhecendo como período das chuvas, submete-se ao risco de perda do cultivo, pois o aipim é uma cultura reconhecida como adequada a solos dotados de pouca umidade. (Figura 2)

**Figura 2 ó Ciclo agrícola anual do aipim**



Outra orientação adotada pelos produtores diz respeito ao calendário lunar. Assim, o plantio da *mandioca* deve ser realizado no domingo que antecede à lua nova, para assegurar que a planta tenha um bom desenvolvimento e produza uma raiz de boa qualidade. Alguns produtores flexibilizam essa orientação adotando a antecedência de três dias; e outros prolongam o tempo até a primeira semana da lua cheia. Passada esta periodização, o produtor não pode ultrapassar uma semana para começar o plantio.

A presença de água no solo também influencia na tomada de decisão pelos produtores na organização da *roça*. Em solos *frescos*, onde a disponibilidade de água é constante, o cultivo é altamente indicado. Se o solo é seco, como é o caso daqueles de constituição arenosa, os produtores enfrentam problemas em relação à qualidade do aipim produzido, dificultando também a destinação e comercialização do produto final. Os produtores que possuem em seus lotes solo composto por material sedimentar, a *terra forte*, obtêm uma produção maior e de raízes de boa qualidade.

O regime dos ventos no momento da *colheita* é outro aspecto que tem orientado as ações dos produtores de aipim na região do assentamento. Os produtores situados nas regiões mais favoráveis à incidência dos ventos, principalmente aqueles localizados mais ao sul do assentamento, constroem ao redor do terreno barreiras que permitam garantir a boa *colheita*. Para tanto, investem no plantio de quebra-ventos vivos naturais de eucaliptos e gaiolinhas que circundam todo lote.

O cultivo do aipim foi incorporado mediante redes de relações familiares, considerando que o aipim é um dos produtos que compõem o sistema conhecido como *lavoura branca*, basicamente destinada ao autoconsumo. Em alguns casos, o acesso também se dá a partir de relações vicinais, pelas quais o produtor obtém as ramas necessárias ao cultivo. Em outros, o produtor tem acesso mediante a compra de ramas daqueles produtores reconhecidos como portadores de *rama* de boa qualidade. Neves (1981), ao dedicar-se ao estudo dos circuitos de troca, demonstra que essas trocas são regulamentadas não por regras não monetárias, mas se fundamentam em princípios de reciprocidade generalizada e de redistribuição. Segundo afirma, essas redes de circulação permitem tanto a ampliação da unidade familiar mediante o seu abastecimento, quanto expressa o desejo de continuidade dos laços sociais. Casos há em que o produtor, não conhecendo as variedades da *rama*, abre-se para as variedades possíveis. Esta exceção confirma o valor atribuído àquele conhecimento; tanto que os assentados se orgulham ao comentar os cuidados para obter ramas específicas e cultivá-las por sistemática observação,



para orientar futuras escolhas e mesmo constituição de novas variedades, picando-se as *manivas* em pedaços e misturando-as na *cova*.

Para muitos produtores, a aprendizagem necessária à implementação e ao cuidado com a *roça* teve início quando ajudavam aos pais ou mesmo quando transmitido mediante conversas informais com vizinhos e outros produtores.

Os instrumentos de trabalho usados pelos produtores para o plantio do aipim são, de um modo geral, restritos a enxadas de dois tamanhos. Neste caso, o uso deste instrumento é invocado quando a terra em volta se compactou com o passar do tempo. Assim, a enxada grande é preferida para desprender a raiz; enquanto a pequena é usada apenas para folgar a terra. A retirada da raiz da terra dispensa instrumentos; é realizada com as mãos.

O trabalho na lavoura de aipim é realizado pelo próprio produtor e não houve casos de pagamento de trabalhador para cuidar da *roça*. Porém, a ajuda dos filhos e da esposa é recorrente nos lotes onde os homens realizam atividades fora ou encontram-se ainda adoentados. Em alguns lotes, o sistema de produção do aipim foi interrompido porque, já alcançando idade avançada e sentindo-se enfraquecido, o produtor se define por *falta de condições para cuidar da terra*.

As variedades de aipim existentes na região do PA e cultivadas pelos produtores são a *branca*, a *preta*, a *pretinha verdadeira* ou *caneira*, a *vermelha*, a *enxofre* e a *manteiga* ou *amarelinha*. A descrição das variedades e o reconhecimento da qualidade das raízes são feitos tomando-se por base aspectos da folha, coloração e textura da *rama* e da raiz, conhecimentos que, para o agricultor, são conseguidos com o tempo de experiência com a terra. Assim, o *aipim branco* é muito bom para comer; o *aipim pretinho* é muito bom porque sua raiz fica *mole* rapidamente ao ser cozida, é mais lisa e tem as folhas miúdas, de altura mais baixa e com muitos galhos, mas para tanto é preciso que seja plantado na época correta; o *aipim branco*, também de boa qualidade, se mergulhado na lama, confunde-se com o *pretinho*; o *aipim preto* é mais alto, com folhas maiores e poucos galhos, mas sua raiz não é tão *mole*, se comparada com o *pretinho verdadeiro*; o *aipim vermelho*, muito semelhante ao *pretinho*, tem os pecíolos de suas folhas com coloração avermelhada, mas a raiz é *arrepitada*, também de boa qualidade; o *aipim enxofre* é o que tem as ramas com coloração mais escuras; o *aipim manteiga* é de coloração amarelada, seus galhos são mais finos e de raiz bastante mole. A raiz para ser considerada de boa qualidade não pode ultrapassar um ano de plantio e a maniva usada no plantio tem que ser proveniente de uma rama nova. Ultrapassado esse período, a raiz fica velha, com *cicareli* e

não amolece quando submetida a processos de cozimento. Um outro aspecto considerado pelos produtores é que se a raiz apresenta um tamanho muito *grande*, é indício de que a rama está *velha* e *dura*. O aspecto brilhoso da folha também serve de indicador de *raiz nova*.

A produção do aipim destina-se na maior parte dos casos para consumo da própria unidade familiar, porém, em outros casos, pode ser comercializada e compor os rendimentos do produtor. O que não é consumido e comercializado não é perdido, mas é usado para alimentação do gado e da criação de galinhas e porcos e também deixada no solo para adubação. As *ramas* do aipim podem ser redistribuídas para fortalecer relações de vizinhança e laços de solidariedade entre amigos. A comercialização do aipim é majoritariamente feita pelos próprios produtores em feiras e vendas (e estabelecimentos) próprias; poucos deles entregam a produção nas mãos de mediadores do circuito de mercadorias. Nesta situação, o aipim pode ser comercializado sem beneficiamento ou sob a forma de farinhas e bijus. Para tanto, requer do produtor acesso a moendas, mediante aluguel ou propriedade. No caso de a produção estar fora dos padrões exigidos para a comercialização, isto é, daquelas raízes de menor tamanho e mais finas, os produtores picam e quebram em pedaços pequenos, espalhando-os no *terreiro* onde ficam os animais da criação.

Os produtores realizam inúmeros investimentos objetivando manter o padrão de qualidade exigido para a produção de aipim. Eles vão desde a escolha das condições adequadas de solo, à irrigação e ao melhoramento das *ramas*. Entretanto, se o padrão não é alcançado, o produtor cria meios de iludir o consumidor, o que é conseguido mediante o mergulho das raízes em recipientes com lama ou terra preta. Se o produtor é reconhecido como portador de rama de boa qualidade, os consumidores dirigem-se ao lote para ter acesso ao produto. Se o produtor não tiver a mercadoria, o consumidor aguarda até que seja chegado o tempo da *colheita*.

### III.3 ó Quiabo

O quiabo, introduzido no Brasil na época dos escravos, é uma cultura voltada às regiões quentes, de rápido florescimento e frutificação.

O quiabeiro possui sementes protegidas por uma casca impermeável e dura que dificulta o processo de germinação. Assim, recomenda-se colocar as sementes em saquinhos ou copinhos de jornal com substrato feito de casca de arroz carbonizada, húmus de minhoca e casca de *Pinnus* tamanho pequeno, colocando uma semente por copo.

As condições edáficas adequadas ao cultivo exigem solo fértil e sem acidez. No solo, o plantio é feito mediante adição de adubo NPK. A muda transferida para o canteiro deve ter altura de 15cm. O canteiro deve ter um espaçamento de 50cm entre as plantas e de 60 a 140cm entre as linhas.

A *colheita* é realizada quando os frutos atingirem cerca de seis a oito centímetros de comprimento, o que mantém os aspectos de maleabilidade e umidade do fruto. As sementes daí provenientes suportam um período de cinco anos de estocagem até sua utilização.

O plantio do quiabo no assentamento vem sendo realizado em terra *barra* e em terra de *areia*. Na região, é um produto conhecido como adequado ao calor e umidade, pois, se plantado no período do frio, os frutos ficam queimados e com a coloração escura. No primeiro caso, o agricultor não precisa investir em adubos e ácidos, apenas em irrigação; enquanto na areia é fundamental, além da irrigação, a aplicação de adubos e ácidos. Em *cova* rasa (cerca de dez centímetros) são depositadas três sementes, a seguir tampar com o solo. Também é plantado em covas mais profundas, no caso de solo arenoso, com cerca de 50 cm de profundidade. As covas são construídas em fileiras que distam entre si de 80 a 100 cm.

Durante o inverno, se o produtor detiver solo argiloso, sua produção é mais demorada porque a unidade e a friagem do solo dificultam o desenvolvimento da planta. Os produtores que realizam o plantio em solo arenoso encontram maiores facilidades para gerir a produção, porque durante o dia o calor do sol ajuda a esquentar a areia e, durante a noite, o solo se esfria. Assim, a planta não fica submetida a condições extremas de frio e de calor.

O plantio vem sendo realizado de modo a minimizar as perdas com inundações. Deste modo, o plantio que era feito dentro dos *sulcos* (porção mais baixa das linhas), hoje foi deslocado para as porções mais altas, sem contudo alcançar as extremidades, no *pé do sulco*. A disposição das sementes no topo das linhas colocaria em risco seu desenvolvimento, porque o solo poderia escorrer para as porções mais baixas durante a irrigação, deixando-as desprotegidas. Os riscos de perda da plantação são maiores nos períodos de chuva forte, porque o quiabo não suporta mais que 15 dias sob água. Períodos de seca seriam então menos prejudiciais, porque a quantidade de água na lavoura ficaria a cargo do produtor.

O plantio de três sementes é desejado, pois a lógica prevê que, se nascerem as três, um dos pés deve ser arrancado, para garantir a produtividade. O plantio de maior quantidade de sementes em uma só cova também dificulta a *colheita*, porque os pés passam a se entrecruzar, dificultando a retirada dos frutos. Com aproximadamente 90 dias após o plantio, antes da primeira *colheita*, o quiabeiro fica vulnerável ao ataque de pragas (*tralha*, reconhecida como inseto *branco peludo*) às folhas, mas também do gorgulho às sementes. Uma forma de combate é *castigar* o pé sem água (deixar alguns dias sem irrigar) e aplicar os insumos químicos. A irrigação é fundamental e deve ser feita após três dias da sementeira.

A adubação no plantio deve ser realizada logo após a germinação das sementes, ou seja, quando a planta alcançar cerca de 10 a 15cm de altura. Neste caso, os produtores usam frequentemente o MPK, substância com elevado grau de toxicidade. Com a utilização deste produto químico constante e ao longo dos anos, o solo torna-se salinizado, exigindo, por parte do produtor, mais investimentos para correção. O produtor que não dispõe de recursos financeiros para comprar o adubo, pode optar pela não aplicação do MPK. Adota, como forma alternativa e menos poluente de adubação, uma *calda* de adubo equivalente à mistura derivada da *estercação de gado bovino e de cabra*, principalmente se a terra ficou fraca devido aos inúmeros plantios sucessivos. Juntamente com esses investimentos, o rodízio do quiabo com outras culturas, como o milho, por exemplo, ajuda a diminuir os investimentos em adubação do solo. Além disso, dividir a área a ser cultivada em pedaços e alternar os locais do plantio é outra alternativa para diminuir os investimentos financeiros e aumentar a produtividade da terra. Uma outra alternativa encontrada pelos produtores para reduzir os gastos com a lavoura do quiabo e ainda combater as pragas que atacam a plantação é a pulverização e a lavagem das folhas com

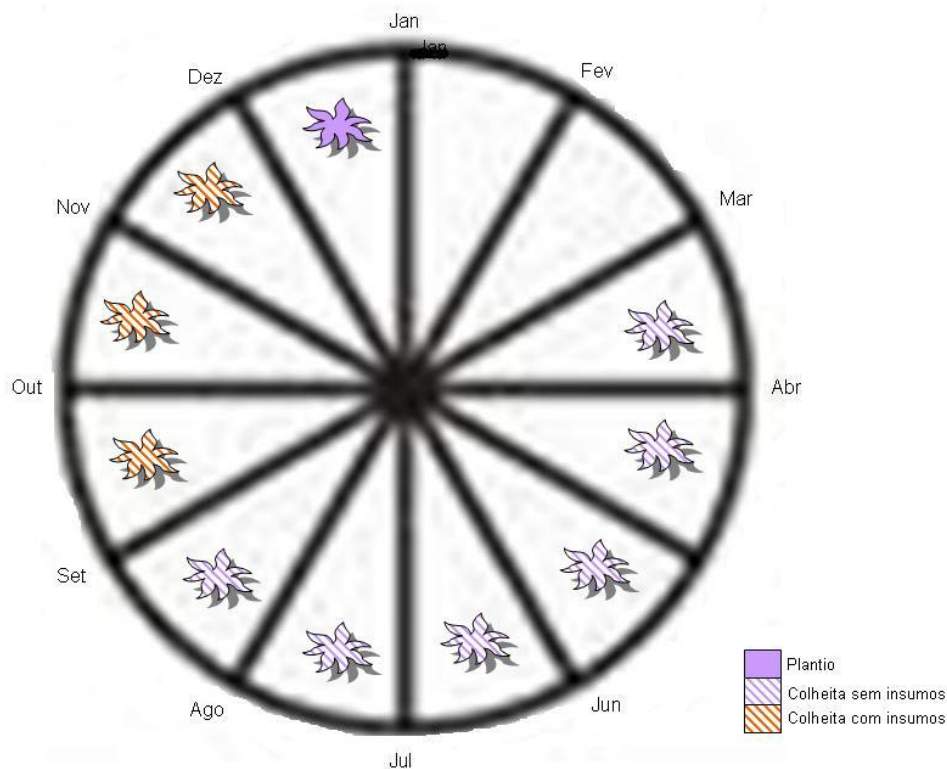
uma mistura de água, sabão em pó e detergente. Essa mistura é muitas vezes reaproveitada pela esposa do produtor no processo de lavagem das roupas da família.

Durante o plantio, o produtor considera o período lunar, tendo em vista diminuir as dificuldades para a *colheita*. Plantado durante a lua minguante, o pé de quiabo atinge menores tamanhos, o que é prejudicial, pois força a coluna do produtor, que permanece muito tempo abaixado. Na lua cheia, o pé fica alto demais, dificultando a quebra do fruto e ainda despejando o *pico* (pelos que recobrem o fruto e que se desprendem durante a colheita sobre a pele do agricultor e que provoca coceira) sobre o produtor.

Para a *limpa* da lavoura é fundamental manter outras plantas no meio da lavoura, principalmente porque dificulta o ataque de pragas às folhas do quiabo.

A *colheita* do quiabo é realizada logo após a *floração*, o que se dá a partir dos três meses de plantio, com a planta com altura média de 20cm. Dura até 12 meses, segundo investimentos em adubos e outros insumos químicos. (**Figura 3**) O *pico* da produção de quiabo se dá durante o quinto e sexto meses de implantação da lavoura, mensurado a partir das caixas de fruto colhido. No período de *pico*, cada pé produz cerca de três a quatro quiabos, que devem ser colhidos três vezes por semana. Fora desse período, a produção cai para um a dois frutos por pé. Se ultrapassado esse período, o fruto fica fibroso e é rejeitado pelo comprador. A elevada produtividade é característica fortemente destacada pelos produtores. A forma e tamanho do fruto são aspectos fundamentais para a comercialização, de modo que, ter acesso à variedade considerada ideal, facilita o escoamento da produção. Duas variedades são reconhecidas pelos produtores: o tipo Santa Cruz 47 e o *estrelado*. O primeiro vem sendo produzido em larga escala, de fruto pequeno, sua consistência é macia e de fácil comercialização. O quiabo *estrelado* produz um fruto maior, mais fibroso. O seu corte transversal faz aparecer uma estrela. Se durante o plantio forem respeitadas as condições ideais para o desenvolvimento da planta, os frutos crescem até 15cm, não ultrapassando muito esta margem.

**Figura 3 ó Ciclo agrícola anual do quiabo**



O ciclo produtivo do quiabo dispensa a utilização de tratores e máquinas maiores para preparo do solo e sementeira, principalmente se o solo é argiloso. As *covas* são, na maioria dos casos, feitas empurrando o dedo polegar contra o solo já *afogado* ou com o auxílio de plantadeiras. As *covas* são tapadas com os próprios pés, mas também podem ser tapadas com o auxílio de uma enxada. O processo de aplicação de insumos é realizado com bombas; cada uma com capacidade de 20 litros, que pulveriza a mistura na proporção de 1/10. A irrigação da lavoura requer a utilização de instrumentos como bombas e microaspersores: o primeiro utilizado logo após a sementeira; o segundo quando a planta já está desenvolvida. Além desses instrumentos, caso o produtor tenha alergia ao *pico* liberado pelo quiabo durante a *colheita*, é necessária a utilização de roupas compridas, luvas e óculos de proteção.

O quiabo é um produto agrícola que foi proposto aos assentados enquanto alternativa mercantil, por intermédio de um grande proprietário de terra que, atuando como

atravessador, distribuiu as primeiras sementes e técnicas de cultivo. Entre os produtores, o plantio de quiabo é reconhecido como de alto custo, porque o produtor precisa investir em insumos e no pagamento de trabalhador e de máquinas para concluir o processo produtivo. Os produtores diminuem parte do custo eliminando a utilização de máquinas e se valendo do trabalho manual.

Como recurso alimentar, o quiabo vinha sendo produzido em pequena escala na região de Campos desde o período de afiliação dos trabalhadores da cana nas fazendas monocultoras da usina. Para o plantio com orientação mercantil, segundo outras técnicas de plantio e *colheita* que visam à maximização da produção, os trabalhadores foram visitados pelo atravessador em cada lote, em demonstração das alternativas de obtenção de rendimento.

O acesso à semente é assegurado mediante compra em casas agropecuárias ou por reprodução, por seleção, das sementes retiradas dos frutos duros na própria lavoura. Nessas lojas, a semente é vendida em sacos de meio ou de um quilo, o que permite ao produtor plantar uma área com pouco mais de 300 mil metros quadrados (aproximadamente 1/4 de hectare) de terra. Este processo de seleção das sementes é mais demorado, contudo mais econômico, se o quiabo que endureceu não foi *catado*. Nesse caso, há redução da força de trabalho. Debulhando-se (processo de retirada da casca do quiabo e separação das sementes) o quiabo duro, as sementes que são obtidas devem ser, após selecionadas, deixadas para secar. Essa seleção evita perda de tempo e de trabalho e reduz o plantio de sementes *chocas* (que não irão germinar). Este processo de seleção é feito com antecedência de um dia do plantio, mediante o mergulho repetido das sementes na água, separando-se, com o auxílio de uma peneira, apenas aquelas que flutuam, porque sadias e em condições de germinação. A semente *debulhada* pode ser armazenada em garrações por um período de até um ano, até que seja realizado o seu plantio.

Fator fundamental na adoção do processo de seleção das sementes, isto é, a partir dos frutos produzidos pela lavoura, é o valor que o produto alcança no mercado. Se no momento da *colheita* os custos de produção não são recompensados financeiramente pelo rendimento mercantil, os produtores optam por não realizar a *colheita*. Deixam os frutos endurecerem nos pés, selecionando alguns para *debulhagem*.

Como já destaquei, a produção de quiabo requer grande investimento em produtos químicos por parte dos produtores. É uma atividade reconhecida como trabalhosa, que incorpora remédio e muito gasto com água. Os insumos obtidos pelos produtores mediante

compra nas lojas agrícolas locais são de três tipos: o Tamaron (combate aos insetos), o Folisuper (combate a doença *loura*) e o Foliar (adubo para aumentar a produção). Eles são dissolvidos em água e pulverizados na plantação. O Tamaron é bombeado a cada dois meses, segundo instruções contidas no rótulo, mas também, em alguns casos, se o produtor está restrito ao uso de solo fraco, realizado a cada 15 dias. O Foliar é pulverizado apenas nas folhas, com objetivo de deixá-las mais verdes, para estimular a assimilação de nitrogênio e fosfato pela planta. Nesta situação, o produtor fica impedido de realizar a *colheita*, dado o risco de contaminação dos consumidores por três dias. O custo é recompensado porque estende o período de *colheita* de 9 para 12 meses, ou seja, em área de um hectare, colhem-se 50 caixas sem adubo, enquanto com adubo, salta-se para 70 caixas, por *catada*<sup>24</sup>.

O cuidado com a lavoura de quiabo, em geral, é atribuição dos homens, mas as mulheres, em alguns casos, assumem o controle diante da ausência do marido: quando o marido encontra-se adoentado, quando sai em busca de trabalho estável que assegure os direitos trabalhistas; ou ainda quando da saída dos filhos para formar nova família. Em outras situações, a forma de pagamento do trabalhador externo, a diária, é alternativa diante da ausência de força de trabalho masculina no lote. Em consequência, pelo alto custo para implementação da lavoura, apenas alguns produtores se dedicam à atividade.

A implantação da lavoura vem sendo freqüentemente realizada à meia com outros produtores do assentamento. Assim, os investimentos em trabalho, em recursos financeiros e os rendimentos são subdivididos e compartilhados, reduzindo os gastos, mas assegurando o rendimento semanal a duas famílias com uma única lavoura.

A incorporação da lavoura de quiabo para fins comerciais recebeu acompanhamento de técnicos e de outros trabalhadores sob autoridade do atravessador. As primeiras lavouras a serem produzidas foram implementadas com a organização de um *mutirão*. Neste *mutirão*, os produtores interessados recebiam a semente e as orientações dos técnicos para o preparo da terra, para o plantio e para a *colheita*, bem como sobre as formas de utilização dos insumos químicos. Os produtores aprendiam, na prática, a lidar com o processo produtivo do quiabo. Após este contato, os produtores assumiram o controle de suas lavouras, inclusive criando formas de acesso às sementes necessárias ao plantio. Desse modo, a diversificação da produção, mediante a implementação da lavoura

---

<sup>24</sup> Expressão usada pelos assentados para se referir ao processo de colheita do fruto do quiabeiro, por sessão de coleta, podendo-se repetir até três vezes por semana.



de quiabo, surge como alternativa econômica na região, juntamente com o plantio da cana de açúcar.

A comercialização do quiabo acompanha o ritmo da colheita. Três vezes por semana, o produtor entrega sua produção ao atravessador. Este visita os lotes recolhendo a produção e distribuindo-a aos revendedores no Ceasa. Se o atravessador não comparece no dia previsto, cabe ao produtor proteger o quiabo do sereno, sob pena de queimar os frutos. Todavia, o fruto já colhido não tem grande resistência e logo deve ser transportado. Caso contrário, a perda da produção é significativa. A padronização do tamanho dos frutos deve ser respeitada, mesmo que a valorização final dos produtos não guarde equivalência. Se para os produtores o fruto grande é sinal de produto saudável, para os comerciantes e consumidores, quanto menor, melhor.

Apesar do alto custo para *tocar* a lavoura de quiabo, com a compra de sementes e de adubo, o rendimento alcançado é valorizado pelos produtores, pela solubilidade: permite circular o dinheiro, facilitando acesso a uma gama de produtos e serviços não produzidos e não disponíveis no lote. Mas há bastante desistência de produtores frente aos gastos já comentados.

#### **III.4 ó Criação de gado**

Há vários modos para se realizar criação de gado: para produção leiteira e para corte. A escolha de uma destas orientações depende, em grande medida, das condições locais, principalmente climáticas, da infraestrutura e da disponibilidade de terra.

A associação entre criação de gado e o cultivo da cana de açúcar é prática há muito valorizada pelos produtores da região. Pela complementaridade estabelecida, a associação permite melhor aproveitamento dos resíduos de cada uma. Mesmo que a lavoura de cana seja prioritária, a criação de gado opera como alternativa às condições adversas de solo, rearticulando os fatores de produção e a ocupação do tempo de trabalho do produtor.

Os assentados incorporaram aquela associação. A criação de gado é atividade freqüente entre eles. A localização valorizada para o pasto é daquele situado nos limites do Capão Redondo, nos lotes onde estão os de topografia mais baixa e com oferta de água. Aí o pasto é classificado como *forte*, favorável ao *patoral*, coberto com vegetação rasteira; ao

*capim duro*, alimento *forte* e suficiente para engordar o gado. Se o pasto é *fraco*, o capim é *mole*, o produtor precisa investir em suplementos alimentares para engordar o animal. A localização do lote diferencia as vantagens da criação de gado, contudo ela é realizada pelos produtores independentemente dessa variável, isto é, da composição da cobertura vegetal. Portanto, do tipo de solo existente no lote. Nesses casos, o gado fica recolhido no lote, mas é diariamente levado para pastar nas regiões de pasto *forte* relativamente ao que é acessível pelo produtor.

Criado em *cercados* (lugar onde o gado fica protegido e recebe alimento), em *currais* (lugar destinado à proteção dos bezerros) ou *à solta* (ocupando áreas de pasto no lote, em *pastos de beira de estrada* ou na área de reserva), o gado é manejado segundo as condições de produção dos assentados. Quando o assentado deixar seus animais em áreas proibidas ao exercício de quaisquer atividades produtivas, como a destinada à reserva ambiental, ele é bastante reprovado pelos demais.

O espaço destinado à criação de gado é compartilhado, em algumas situações, com a criação de cavalo. Mas, de modo geral, o gado, em maior número, ocupa grandes espaços e freqüentemente recebe os cuidados prioritariamente. Os cavalos, quando existentes, destinam-se ao deslocamento dos produtores pelos limites do assentamento, em visita a outros assentados, durante a condução do gado para a pastagem e de volta ao curral.

Criar gado pode ser atividade menos rentável frente aos lucros obtidos com a lavoura de cana; mas se as dificuldades se acentuam, o ganho de autonomia e liberdade para gerir a produção é mais valorizado. Por isso a criação de gado é explicativa da insubordinação dos criadores às exigências dos usineiros e atravessadores. Se a cana toma toda área de terra, limitando o espaço para a criação, a cana pode ser utilizada como alimento. A coleta da *olhadura* é atividade não remunerada, realizada pelos filhos e netos, em período de corte da cana. Ao voltar-se para o estudo do binômio cana-gado, Neves (1981) aponta que a criação de gado é vista como atividade alternativa pelos produtores frente às más condições de fertilidade da terra, principalmente para a implementação da lavoura de cana de açúcar. Neste caso, o gosto pelo trato com o animal justifica o uso das terras.

As raças reproduzidas com maior freqüência na região do assentamento são a *holandesa*, a *girolano*, a *pimentel*, a *funosamp*, a *gersey*, a *guarani*, a *nelore*, a *tipity*. Fruto do cruzamento de nelore com itabapoana, os criadores desenvolvem o que eles classificam de *gado misturado*.

De modo geral, a escolha das variedades é feita pelos produtores de acordo com a adequabilidade do animal ao clima *quente*, *frio* ou de *sombra* ou *brejo*. Assim, para as condições de clima encontradas no assentamento, a raça *holandesa* é reconhecida como a mais adequada, pois é bem estabelecida em regiões *quentes*. Contudo, é vulnerável ao frio. As raças *girolano* e *nelore* são também valorizadas por serem *acostumadas ao calor*. Adaptadas ao clima *frio*, valorizam a *pimentel*, a *funosamp* e a *gersey*. Em condições de clima intermediário ou de regiões alagadas, a *holandesa* e a *guarani* são mais preferidas. Por fim, a despeito de outros limites, a *tipity* e a *misturada* correspondem a cruzamentos visando a múltiplas adaptabilidades.

Outro aspecto considerado pelos produtores que se dedicavam à criação de gado no assentamento, durante o trabalho de campo, é o grau de exigência da variedade para manutenção do rebanho. A criação das variedades *pimentel*, *funosamp*, *gersey* e *holandesa* são apontadas como aquelas que requerem maiores investimentos com o cuidado dos animais, pois são criadas em áreas de *brejo*, comparativamente às variedades *nelore*, *tipity* e *misutrada*, criadas em campos abertos.

A seleção das variedades é feita a partir das respostas esperadas frente às condições de pasto e de dotação de recursos financeiros pelos produtores. Eles orientam a criação para duas finalidades principais: corte e leite. No primeiro caso, os produtores devem selecionar as seguintes raças *pimentel*, *funosamp*, *gersey* e *holandês*; enquanto que no segundo caso, privilegiam as variedades *nelore*, *tipity* e *misturada*. O gado *gersey* é uma raça que não é considerada muito boa para pasto, sendo portanto classificado como um gado *ossudo*, com carne de sabor ruim. O gado *guarani* é o que melhor se reproduz, pois as vacas amamentam, segundo eles, por um longo período (oito meses). Por outro lado, o gado *holandês*, mesmo apresentando *um sangue mais fraco quando novinho*, o bezerro é maior, mais pesado, e rapidamente se desenvolve. Chega à idade adulta com a pelagem fina. Pelo potencial leiteiro, são avaliados pelos criadores como um gado de boa qualidade, melhor valorizado para comercialização. O *nelore*, de pelagem fina e curta, tem o bezerro mais desenvolvido. Na fase adulta, o gado é *pesado, redondo*, tendo maior facilidade de venda: *é um gado de muita qualidade; é gado que melhor se dedica ao cuidado com a cria*, pois não é voltado à produção de leite. O gado *tipity* também qualificado como *redondo* é, do mesmo modo, bastante comercial. O gado *misturado* é definido como *raça forte*: a vaca é brava, de tetas pequenas, mas circula facilmente no mercado. A necessidade de venda do animal é maior quando a *vaca* fica velha. Neste caso, o criador afasta o bezerro e o deixa

no *pasto* para engordar. Assim, a seleção das variedades para composição da matriz boa *de leite* ou para boa *de corte* requer do produtor o manejo das condições de reprodução do animal, visando assegurar que ele realize diversos cruzamentos intra-específicos para aperfeiçoar a espécie. O aspecto da consangüinidade entre os animais do rebanho torna-os mais vulneráveis à doença e às adversidades do tempo. Para efeitos da manipulação, a orientação produtiva e o rendimento esperado com a criação são fatores preponderantes.

O calendário lunar também é reconhecido pelos criadores como influenciador do comportamento do rebanho e da produção de crias. Orientam-se pelo momento que a *vaca* vai parir considerado um dia após a *época de lua* ou *quartos de lua* (de sete em sete dias).

O cuidado dispensado ao gado corresponde a um conjunto de ações postas em prática de acordo com o calendário anual. Assim, durante o mês de setembro, se o animal, mormente de variedade *holandesa*, for mantido no *pasto*, o produtor corre sérios riscos de perdê-lo. Durante o mês de agosto, se a *vaca*, independentemente da variedade, está velha e fraca, precisa de atenção. O mês de outubro é o principal período de engorda dos animais. O intervalo que se estende de janeiro a março é igualmente considerado como de *engorda*, porque o *pasto* é coberto por uma vegetação verdejante, em resposta ao maior período de duração do dia, observado para esta época do ano.

A manutenção do rebanho depende tanto da própria natureza do animal como dos investimentos realizados pelo produtor. O período de cobertura tem início com a fase de *namoro*, com duração aproximada de dois a três dias, caracterizada pela permanência da *vaca* ao lado do *boi*. O período do *cio* tem duração de apenas doze horas. Assim, se a *vaca* entrar no *cio* às seis horas da manhã e não contar com a presença do reprodutor às seis horas do dia seguinte, não haverá o cruzamento. Neste caso, deverá esperar a chegada de um novo *cio*, o que ocorrerá depois da passarem 3 luas. Com o cruzamento, passado os nove meses, nasce a *cria*, na maior parte das vezes apenas uma, mas *com sorte*, duas. Após três meses sendo amamentado, o bezerro é *desmamado*. Esse processo de *desmame* é interrompido pela própria *vaca*, que afasta com os pés a sua *cria*. O *bezerro* tem maior potencial de comercialização em relação à fêmea, pois este cresce mais depressa e rapidamente *recria o pasto*.

A *vaca* passa a *cruzar* ou a reproduzir *cria* a partir de dois meses da última gestação e, logo a seguir, a barriga é avistada. Com cinco a seis meses de gestação, se tiver *cria* anterior em fase de amamentação, tem-se o *desmame*. Mas esse tempo é variável de acordo com as *raças*. Quanto mais tempo a *vaca* levar para cruzar, mais rentável será o negócio

dos criadores de *gado leiteiro*. O período apontado como ideal para o gado com este fim é de oito meses.

O *enjeitamento* é uma fase marcada pela recusa da *vaca* em amamentar a *cria*, deixando o *bezerro enjeitado no pasto*. A *cria* em fase de amamentação pode procurar outra *vaca* para saciar sua vontade. Os criadores ressaltam ainda que, se a *vaca* estiver em período de amamentação, o animal não engorda. O *bezerrote* (cria que acabou de sair do período de amamentação), após um período de dois anos, realiza *muda*: troca dos dentes. Os produtores devem investir na compra de um touro para rebanhos compostos por até 15 vacas. A coexistência de dois ou mais touros no pasto cria conflitos entre os animais, mediante a tentativa de defesa do território e imposição da força. Também é possível que os produtores criem os touros em conjunto no pasto desde pequenos, de modo a minimizar as situações de concorrência entre os animais do rebanho.

Outra forma de assegurar as condições de reprodução do rebanho corresponde aos cuidados com a alimentação dos *bezerros*. Os assentados ponderam que existe um cuidado especial destinado a esses filhotes, principalmente porque, na região de pasto aberto, os animais são deixados sem proteção, ficando vulneráveis ao ataque de animais, como urubus e águias. Esse trabalho especializado é igualmente fundamental para assegurar a produção diária de leite, visto que os bezerros são separados da mãe ainda pela manhã e são deixados no *cocho*, com uma alimentação especial, só retornando à tarde. Antes mesmo de os *garrotezinhos* se alimentarem, o assentado dirige-se à *vaca mãe* para *ordenha*. Somente após esse procedimento os bezerros podem ficar acompanhados de suas mães. Em outros casos, o produtor vacina os animais para prevenir doenças logo que estes nascem, sendo que a dosagem é reforçada a cada seis meses.

A criação de gado, para muitos dos produtores no assentamento, tem início mediante a doação ou transferência de uma bezerra pelos pais, quando eles ainda permaneciam na família de procriação. Outra forma de começar a criação é mediante a compra de uma ou duas *cabeças de gado* de outro produtor local. Nos casos de compra de apenas uma *cabeça*, a preferência é pelas fêmeas jovens, em condições de reprodução, mesmo que o produtor não disponha, no momento, de um macho para a procriação. Ganhar uma *vaca* permite ao produtor multiplicar o número de *cabeças* de sua criação e compor sua *matriz*. Esse aspecto da posse da primeira *cabeça de gado* é também mencionado por Neves (1981). Por tais alternativas, a criação de *gado* no assentamento é prática recorrente,

alcançando maior número de *cabeças* se o produtor teve acesso ao lote logo após a implantação do projeto.

O cuidado com a *criação* é atividade que na maioria dos casos é realizada pelos próprios produtores, mas por vezes, se o rebanho é composto por muitas *cabeças* ou falta experiência ao produtor, este pode se valer do pagamento a trabalhador. Os *tocadores de gado* são remunerados por dia de serviço prestado; e devem ser reconhecidos como bons conhecedores do animal. Nos casos em que os produtores possuem filhos morando no mesmo lote, os pais deles recebem a ajuda. Em situações específicas de doenças e outras moléstias que acometem o gado, a visita técnica de um médico-veterinário é solicitada pelo produtor, especialmente se a causa é desconhecida e até o momento não conta com outras incidências na região. Se a doença é recorrente, não importa se o rebanho é de outros assentados, mediante a circulação de informações, os produtores têm acesso aos cuidados necessários ao tratamento. Nestes casos, dispensam a visita do médico veterinário. O conhecimento necessário ao cuidado do gado é adquirido mediante o pertencimento do produtor a redes sociais de circulação da informação: no seio da família, em conversas informais com criadores, mas também pela visita de técnicos e especialistas ao lote.

As redes estabelecidas para transação de produtos obtidos com o gado são basicamente para o leite, corte e estrume. O leite, quando produzido em grandes quantidades, é incorporado ao mercado como produto ou subproduto (na forma de queijos e outros derivados), e assegurando rendimento diário ao produtor. O *de corte* é majoritariamente destinado ao mercado (açougues e mercados locais), mas também consumo de subsistência. A utilização do *estrume* produzido pelo gado, além de minimizar as condições desfavoráveis do solo mediante adubação natural, também pode ser transformada em mercadoria, se o produtor foi beneficiado com solo fértil no lote; ou então se não depende da fertilidade do solo para realizar a produção. A opção pela criação de gado é vista como desfavorável, mas diante das condições desfavoráveis em que se encontram, é a que permite melhor aproveitamento dos recursos. Esse aspecto é também mencionado por Neves (1981) quando afirma em seu trabalho que a criação de gado é atividade secundarizada, porque o rendimento financeiro obtido com o cultivo da cana, do ponto de vista dos produtores, são maiores.

Se a orientação dada à criação é para *leite*, o produtor tem acesso a um rendimento diário. Em período consideravelmente mais curto, se a criação for destinada ao corte, quando é necessário um período de espera de aproximadamente dois anos. Este período

mais longo é condição necessária ao desenvolvimento do bezerro, até que ele se desenvolva e atinja o peso ideal para comercialização. A raça *holandesa* era aquela que, durante o período de realização do trabalho de campo, mais produzia leite na região. Mas reconhecem os produtores que, no passado, valorizava-se a criação de gado *nelore*, por dispensar o preparo de uma área de sombra.

As redes de circulação da produção de leite são restritas ao comércio local, na maioria dos casos, às vendas e mercados do povoado de Marrecas. Se a esposa e as filhas conhecem os processos de beneficiamento do leite, produzem queijos e derivados, comercializados nas padarias e também pela sua rede de vizinhos. Os canais de circulação do gado de *corte* são construídos pelos próprios produtores e giram em torno do sistema de retaliação local, como abatedouros e supermercados. O gado também é comercializado para outros produtores assentados que querem compor ou aprimorar suas matrizes. A facilidade com que o gado é comercializado corresponde aos locais onde os animais são criados: se em *pasto aberto* ou em *cativeiro*. Os primeiros são reconhecidos como portadores de carne mais *firme*, mais saudável, porque engordam paulatinamente, a partir de alimentos *naturais*, sem o consumo de produtos químicos e alimentação industrial, como aquelas utilizadas na alimentação do gado criado em cativeiro. Um aspecto também observado pelos produtores durante a compra dos animais é a pelagem apresentada pelo gado, pois se o animal tem pêlo de espessura mais grossa, é deixado de lado e julgado como animal que está fora dos padrões de saúde, em contraposição ao animal de pelo fino e macio dos animais saudáveis.

### **III.5 ó Criação de galinha**

É uma atividade marcada pela divisão da autoridade no interior da família e que vem sendo mantida nos espaços próximos à casa, principalmente sob cuidado das mulheres.

A criação de galinha, principalmente a *caipira*, é prática recorrente nas unidades de produção familiar; e se caracteriza pela exploração extensiva em instalações simples e funcionais. É uma tarefa que, em grande parte dos casos, vem sendo realizada nos arredores do *terreno* onde se localiza a casa do produtor. Raros são os produtores que

investiram na construção de um *terreiro* com instalações mais elaboradas ou que tenham seguido as orientações de técnicos e dos manuais de criação. A proximidade da residência é fundamental para a manutenção da criação, mesmo que os assentados tenham fixado residência em locais fora do lote e lá mantenham os sistemas produtivos.

A criação tem início mediante transferência dos pais, logo no término da infância, de um pintinho ou uma galinha às filhas. O conhecimento é adquirido com a experiência diária a partir da ajuda aos pais na lida com os animais da roça e demais atividades sob gestão da mulher. Por outro lado, frente à falta de mão de obra feminina para ajudar a mãe com a criação e demais afazeres na roça, os meninos também podem ajudá-la nessas tarefas. Neste caso, o *gosto* do filho pela atividade é aspecto valorizado pelos produtores.

O processo de criação que envolve desde o acesso à primeira galinha até ao nascimento dos filhotes é curto. O cuidado é diário, tanto em relação ao fornecimento de alimento e água quanto de limpeza do *terreiro*. O produtor deve estar atento ao ciclo de desenvolvimento das galinhas, que é composto por inúmeras fases. Assim, após 26 dias do ovo no *choco*, nasce o *pintinho*. Logo após o nascimento dos pintos, separados, recebem água limpa, alimentação especial e são protegidos da chuva. Durante essa fase, o pintinho deve receber como alimento o milho moído ou ração para evitar que o animal morra engasgado. Os animais mais desenvolvidos dispensam a alimentação diferenciada, recebendo o milho inteiro. A fêmea que alcançou os quatro meses de vida, inicia a fase de *postura*, nova etapa que se estende por um período aproximado de 12 a 30 dias. Durante esse período, a galinha produz ovos diariamente, posteriormente será colocado no *choco* pelo *produtor*.

O *choco* é um processo que é realizado por uma galinha que esteja *choca*, ou seja, galinha que tenha passado pela fase de postura. Para tanto é preciso que ela seja colocada juntamente com o *galo* no mesmo espaço do *terreiro*. Esse procedimento é fundamental para maximizar a produção de pintinhos e assegurar a reprodução da criação mediante o aumento do número de animais. A experiência do *criador* nesta etapa é valorizada, principalmente em relação à compreensão dos sinais emitidos pelo animal pela mudança do comportamento das aves. Um desses sinais é a rejeição, por parte do animal, da presença do produtor; também o ataque com *bicadas* são freqüentes. Assim, durante essa etapa, a *galinha choca* irá tomar conta dos ovos que foram colocados sob sua guarda, mesmo que esse conjunto seja formado por ovos de outras galinhas. Nessa fase, as galinhas saem do *choco* para se alimentar e retornam. O cuidado com os ninhos também é



indispensável, porque se feito de material inadequado e submetido a condições ambientais adversas, facilita a ação de pragas nos animais.

Em cada *terreiro* o produtor deve manter a proporção de um galo para cada 10 *galinhas*, sob pena de, excedendo esse número, por em risco a reprodução da criação, porque os ovos podem não estar *galados* (com embrião). Esse cálculo é elaborado então para assegurar a produção de novos *pintinhos*, mediante o atendimento do macho a todas as fêmeas do *terreiro*. Dominar o sistema produtivo e respeitar o calendário de condições ambientais é igualmente fundamental ao sucesso reprodutivo do *terreiro* (local onde as galinhas são criadas).

A criação comumente valorizada pelos entrevistados é a de *galinha da roça* ou *caipira*, sistema de classificação que se estabelece a partir da contraposição com a criação de *galinha de granja*. O conteúdo socialmente valorizado e que integra esse sistema incorpora o cuidado dedicado à criação, o alimento, a resistência própria do animal às adversidades, a qualidade da carne e dos ovos produzidos e o respeito ao ciclo de desenvolvimento estabelecido pela natureza do animal. A afirmação confluyente dentre os produtores é a de que a *galinha da roça* é de melhor qualidade. Se o alimento pode ser o mesmo em ambos os casos, o instrumento de simulação do ritmo circadiano que rege o comportamento do animal, no caso da criação de *granja*, marca a diferença.

Dentre os produtores é valorizada a criação de *galinha caipira*, principalmente porque permite incorporar ampla variedade de produtos no cardápio. *Comer de tudo* e ter no cardápio alimentos *frescos* e *fortes* e *quentes*, como o milho, principalmente se a galinha está em fase de desenvolvimento, são aspectos da criação da *galinha da roça*.

O sistema de classificação também considera o tamanho dos animais: a *galinha graúda*, mais fina, alcança menor peso (menos de três quilos) e tem as penas armadas, adendo que segundo os criadores aparece como estratégia para camuflar o seu real tamanho; a *galinha nanica* apresenta porte mais robusto e chega a alcançar três quilos. Além disso, as *galinhas garnisés* são aquelas que não cresceram muito, mas produzem ovos do mesmo modo que as de crescimento tomado como ideal.

O sistema de categorias é vasto. O princípio mais geral diferencia a origem do animal: *raça pura* ou *nativo*. A diferenciação orienta a alimentação. O animal *raça pura* tem alimentação quase que exclusivamente composta por ração. Com aproximadamente 42 a 45 dias, o animal já está formado, o que significa chegar rápido a dois quilos de massa necessários ao abate. Mas esse rápido crescimento influencia proporcionalmente na

resistência do animal: menos resistente às doenças sazonais e a carne tem consistência mais mole. As galinhas *de granja*, com corpo coberto por penas brancas e com a coloração da crista bem vermelha, são reconhecidas pelos assentados como pertencentes à variedade *branca*. A galinha *nativa* é aquela que *come de tudo um pouco*, incluindo no cardápio, por exemplo, milho e aipim picados, frutas, mato, insetos e pequenos animais encontrados no solo. A galinha *nativa*, de período de desenvolvimento mais longo, leva cerca de 120 dias para se desenvolver. Pode alcançar de dois a três quilos neste período. Por terem uma alimentação *forte*, são mais resistentes e tem a carne mais dura. Para os assentados, se a galinha é *nativa*, não é fruto de manipulações genéticas, de escolhas e de processo de aceleração do crescimento mediante uso de tecnologias modernas e que não se coadunam com o processo natural do animal. Ressaltam também que a galinha *caipira* tem a gema do ovo com coloração mais vermelha e, por isso, *de outra qualidade*. A galinha *de granja* tem ovo com gema amarela e mais *fraca*.

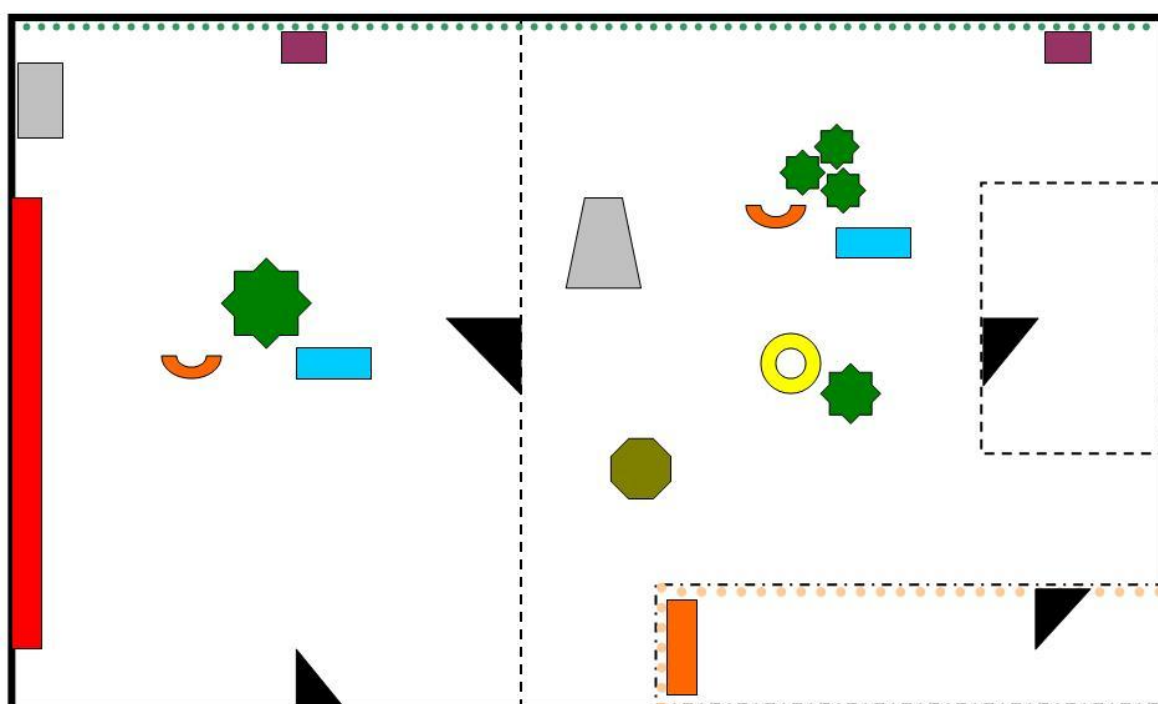
A *postura* de ovos é outro aspecto valorizado entre os produtores que reconhecem a galinha *poedeira* ou *rode* como uma variedade voltada à produção de ovos, enquanto a galinha boa para *chocar*, pois dedica todo o seu tempo ao cuidado dos ovos e, conseqüentemente, dos *pintos*. Assim, quando a *rode* interrompe a longa fase única de *postura*, ela emagrece e logo a seguir morre.

As galinhas *nativas* são identificadas como *caipiras* e podem ser de diferentes tipos: *carijó*, *cabocla*, *mestiça*, *vermelha*, *preta*, *macaé*, *cabu*, *branca*, *amarela com branca* e *topetuda*. A *carijó* pode ser de três colorações: de penas brancas com manchas pretas e acinzentadas, branca com manchas amarelas (*carijó poedeira*) e amarela. Na perspectiva de um dos assentados, a penugem do animal é semelhante a *um pano de xadrez preto e branco*. A *cabocla* é vermelha escura *riscada*; a mestiça não apresenta um padrão de coloração, mas é reconhecida como produto do cruzamento de outras *caipiras*; a *preta* tem todas as penas pretas; o tipo *macaé* tem penas pretas e brancas; a *cabu* é de cor cinza, mas tem também a variedade *acabuzada*, proveniente da mistura com a *macaé*, e tem as penas brancas com manchas pretas; a *branca* que, diferentemente da *branca de granja*, não tem a crista com coloração vermelha forte; tem-se a *amarela* com penas amarelas e brancas; e, por fim, a *topetuda*, com a crista bem destacada e amontoados de penas no alto da cabeça.

No *terreiro*, a seleção dos animais é orientada, em alguns casos, para a produção de raças de maior valor no mercado, mas também é fruto de doações entre laços de

sociabilidade de produtores, principalmente mulheres. O *terreiro* é um espaço onde diferentes domínios convergem para a manutenção de interesses próprios, seja o da reprodução da criação, seja o da produção de renda. O croqui apresentado a seguir (**Figura 4**) é um esquema ilustrativo de um *terreiro* encontrado em um dos lotes visitados; e serve como demonstração da organização e gestão desse espaço. O *terreiro* representa ainda o espaço da aplicação de saberes próprios, de soluções encontradas diante das dificuldades.

**Figura 4** Organização espacial do *terreiro*



Legenda:

	poleiro		ninheira
	água		comida
	portões de acesso		pneu com ovos
	chocadeiras		árvores frutíferas

Sobre os impedimentos encontrados para garantir a reprodução da criação, os assentados comentam o rompimento de laços vicinais de solidariedade diante de invasões de animais provenientes de outros lotes. Há também casos em que pragas sazonais acometem os animais de outros proprietários, mas que terminam por se alastrar para os animais de *terreiros* próximos, porque houve, por parte do vizinho, o descumprimento de regras de convivialidade. A criação também é alvo de ataques de animais como cobras e gambás. Objetivando proteger o *terreiro*, o assentado constrói armadilhas. Dependendo da fase de desenvolvimento em que se encontra a criação, o assentado precisa dedicar mais tempo à atividade. Por exemplo, quando a galinha está no *choco*, fica vulnerável ao ataque de cobras. Os gambás, por outro lado, chegam ao *terreiro* em busca de pedaços de fruta jogados para as galinhas e as atacam. A criação abarca algumas dezenas de galinhas, raras vezes misturadas a patos e gansos. A separação das aves é para evitar propagação de doenças nos períodos de *andaço*, mais recorrentes nas aves criadas nos terrenos onde tem a mistura.

Outra dificuldade apontada pelos entrevistados diz respeito à necessidade de recursos financeiros para compra de alimento para a criação, mas também de enfrentamento de casos de doença dos responsáveis pelo cuidado do *terreiro*.

O cuidado com os animais é fruto de um saber que dispensa a utilização de ferramentas reconhecidamente entendidas como do saber academicizado. Do mesmo modo, as receitas para combate às pragas e as enfermidades que acometem os *pintinhos* e as *galinhas* no *terreiro* são diversas e transmitidas pelos pais.

As estratégias e os instrumentos utilizados na construção do *terreiro* são diversos e incluem carcaças de eletrodomésticos como fogões e geladeiras; pedaços de madeira; pneus e banheiras velhas. As estacas utilizadas na demarcação do *terreiro* são de eucalipto e de *hacha*, toras de madeira de consistência mais dura, adquiridas no mercado local. Colocam telas de separação para evitar brigas e para proteger a criação da friagem. Por outro lado, a chocadeira, instrumento largamente utilizado na criação de *galinhas de granja*, exige a compra e despesas financeiras.

Para comercialização, os criadores têm que controlar a oferta de recursos favoráveis ao desenvolvimento do animal. Com peso superior a três quilos, os produtores encontram dificuldade de venda no mercado. Os compradores têm preferência para animais que variam de um a um quilo e meio. Essa preferência se dá devido à precariedade de recursos financeiros que dispõem para a compra.

Durante a década de 1970, a criação era alimentada com milho. A escolha deste produto por parte dos criadores se dava porque o animal crescia forte e era de fácil comercialização. No caso dos criadores que não tinham roça própria, a aquisição do milho por compra contribuía para que o preço dos animais no mercado alcançasse altas cifras. Afirmaram os assentados, em situação de entrevista, que o plantio de milho para venda foi deixado de lado, pois os investimentos e recursos gastos com o cultivo da terra, com a plantação, com a colheita e o pagamento de trabalhador não são recompensados com a venda da produção. Assim, planta-se o milho para dar aos animais da roça, como galinhas, patos, gansos e porcos. Por outro lado, a mandioca compõe a alimentação apenas em casos de sobra.

Diversas são as redes de circulação da criação. Um dos assentados apontou para a existência de venda conjunta da carne e de aipim o que, segundo ele, é alimento valorizado pelos consumidores. Entretanto, as redes mais próximas de escoamento da criação não são valorizadas pelos entrevistados. Segundo apontam, a dificuldade econômica no qual se encontram não permite a cobrança de preços que cubram as despesas com alimentação e demais investimentos realizados no *terreiro*.

Anteriormente, se a prática da criação era reconhecidamente do cuidado das mulheres, a comercialização dos ovos e da carne era de responsabilidade dos homens. Hoje, no caso dos meninos, cuidar da criação pode ser alternativa frente à falta de mão de obra feminina para ajudar aos pais nas atividades da roça.

Frente ao que foi anteriormente apresentado, cabe ressaltar que os sistemas produtivos correspondem a um saber tradicionalmente acumulado. Esse saber prático pressupõe um conhecimento dos recursos naturais local, portanto, situacional. O que foi então apresentado corresponde a um saber hegemonicamente aceito dentre os assentados, ou seja, sem contestação no ato das entrevistas, contudo, não é produzido sistematicamente. Nesse sentido, meu investimento se dá como tentativa de sistematizar quais são os modelos existentes em relação a esse conhecimento.

No capítulo a seguir, apresento os diversos arranjos que os assentados elaboram para se manterem nos lotes.

## CAPÍTULO IV ó As múltiplas formas de gestão do lote

Anteriormente, apresentei constrangimentos de diversas ordens que limitam a objetivação de projetos individuais e coletivos no assentamento Che Guevara. As formas de gestão desses limites são muito diversas, contudo, enquanto alguns produtores conseguem alcançar mais estabilidade para o projeto produtivo, outros gerem a minoração das dificuldades e de reprodução negativa, perdendo poupanças e se endividando, por isso secundarizando a objetivação da unidade de trabalho familiar.

Nesse capítulo, tomarei para análise alguns casos de produtores que, enfrentando as dificuldades, alcançam formas de gestão que os levam a ser reconhecidos como *bem de vida* ou estáveis na alocação e produção de recursos. Considero, portanto, aqueles produtores que, gerindo projetos produtivos, mantêm-se no lote como trabalhador autônomo. Os trechos sistematizados dos atributos sociais e produtivos dos assentados organizados mediante dados de entrevista e observação direta, que incorporo à análise, são demonstrativos das diferentes alternativas de gestão de recursos limitantes, bem como das associações entre sistemas produtivos e criações de animais.

Para permitir uma reflexão mais tipológica a partir das experiências de cada produtor, levarei em consideração, no decorrer da exposição, os seguintes fatores: composição da família e o ciclo de vida, itinerários de experiências de trabalho acumuladas, recursos poupados e agregados, tanto naturais quanto financeiros e sociais. Da articulação desses fatores, tentarei entender como eles se orgulham pela valorização da autonomia, superam ou enfrentam constrangimentos relativamente próximos, todavia diferenciados por fatores decisivos na produção agrícola familiar. Analisar as condições de reprodução desses agricultores se torna fundamental para refletir os termos em que processos de assentamento são colocados em prática, no bojo do Programa Nacional de Reforma Agrária.

Os dados sistematizados trazem à tona aspectos importantes à compreensão dos investimentos que os assentados rurais realizam nas respectivas unidades de produção, como o tempo de permanência no lote, a variedade de produtos cultivados e de criações; estes últimos, concomitantemente, ao período de desenvolvimento dos ciclos produtivos e dos animais. Assim, como será demonstrado, as unidades de produção onde os assentados alcançaram a produtividade máxima são aquelas em que eles se estabeleceram há mais

tempo e, correspondentemente, iniciaram a implementação de sistemas produtivos. (Tabela 5) De acordo com Neves (1981), as unidades de produção que apresentam uma polivalência de cultivos têm sua reprodução social de certo modo assegurada mediante a ampliação do uso dos fatores de produção, da força de trabalho familiar, do autoconsumo doméstico e a partir do oferecimento de recursos alternativos para o controle da submissão ao mercado.

**Tabela 5 - Número de assentados por tempo de permanência no assentamento, segundo capacidade produtiva dos lotes**

Variáveis	Tempo de permanência na unidade de produção (meses)			
	0 a 5	6 a 10	11 a 12	indet.
total de agricultores	1	1	17	1
produtos agrícolas - max.	6	3	15	0
produtos agrícolas - min.	6	3	0	0
Criação de animais - max.	1	1	6	1
Criação de animais - min.	1	1	1	1

Fonte: Os dados apresentados foram coletados em trabalho de campo realizado durante o mês de fevereiro de 2010 (portanto, período da seca).

Se a permanência no lote é fundamental para o assentado atingir a relativa capacidade dos sistemas produtivos, de igual modo, a variedade e associação desses sistemas são frutos do conhecimento que o produtor desenvolve, ao longo do tempo, no trato com os recursos naturais que ele for capaz de conhecer e de financeiramente se apropriar.<sup>25</sup> (Tabela 6)

<sup>25</sup> Neves (1997) aponta que, em conformidade com o acesso ao crédito e a recursos financeiros para investimento produtivo, os agricultores incorporam outros produtos, aumentando a diversidade dos sistemas produtivos.

**Tabela 6 - Produtos agrícolas produzidos por assentados, segundo tempo de permanência no assentamento**

Tempo de permanência	Produtos agrícolas						
	oleaginosas	frutas	hortaliças	tubérculos	raízes	forrageiras	cereais
0 a 5	1	2			1	1	
6 a 10		2				1	
11a 12	18	25			4	12	4
Indet.							

Fonte: Os dados apresentados foram coletados em trabalho de campo realizado durante o mês de fevereiro de 2010 (tempo de seca).

Cabe ainda ressaltar que, se o sistema produtivo for sazonal, de rápido florescimento, os produtores não fazem referência a esses produtos, mesmo que sejam comercializados e componham parte do rendimento da unidade de produção. Por tal motivo, não houve menção às hortaliças pelos entrevistados. A produção de tubérculos só poderia ser computada mediante a avaliação da colheita o que, neste caso, não pode ser contemplada durante a realização do trabalho de campo, por estar fora do período esperado para esta tarefa. Neves (1981) demonstra que apenas mediante sua permanência e visita à residência dos produtores, pode obter os dados sobre o autoconsumo. Como afirma, os produtos que fazem parte do consumo diário da unidade familiar são irrelevantes para fins de elaboração do rendimento e, portanto, não são sistematizados por eles. Além disso, as hortas, de duração perene, não exigem por parte dos produtores um trato muito intensivo, sendo utilizadas em conformidade com o consumo da unidade familiar. Da mesma forma, Seyferth (1974) menciona que nos meses de intervalo do cultivo principal, para não colocarem em risco suas *roças*, os produtores investem no trabalho acessório, como o plantio de hortaliças e tubérculos.

O tempo de instalação é questão fundamental à diversificação da produção na unidade produtiva, bem como para a composição do rebanho e do *terreiro*. (**Tabela 7**) O tempo necessário à formação do rebanho varia entre os animais. Em geral, maiores são os investimentos em animais que possam ser destinados tanto ao consumo da unidade familiar quanto à comercialização, como é o caso da criação de gado e de galináceos. Esta última marcada pela instabilidade ao longo dos anos, porque vulnerável a diversos fatores externos ao controle do assentado, como doenças e ataques de outros animais. O tempo de



instalação sinaliza assim as alternativas de poupança e reinvestimento produtivo ou improdutivo, demonstrando o longo tempo necessário para o agricultor se assentar, mesmo quando as condições das operações sejam relativamente favoráveis.

**Tabela 7 - Criação de animais por assentado, segundo tempo de permanência no assentamento**

Tempo de permanência	Variedade de animais				
	gado	caprinos	eqüinos	galináceos	anseriformes
0 a 5	1				
6 a 10	1				
11 a 12	14	1	4	7	2
Indet.	1				

Fonte: Os dados apresentados foram coletados durante trabalho de campo realizado durante o mês de fevereiro de 2010. (período de seca)

#### **IV.1.a) Agricultores vindos de fora da região de Marrecas**

O primeiro grupo de assentados a ser apresentado corresponde àqueles que, para incorporação do projeto de assentado rural e constituição da unidade de produção, tiveram que se adaptar ao conjunto de alternativas abaixo explicitadas. Esses assentados, mesmo provenientes de outras regiões que não a de Marrecas, desempenharam, durante a maior parte da vida, a função de agricultor.

Portanto, os dados que apresento são sistematizados tomando como ponto de partida a origem dos assentados e sua inserção produtiva. Adoto como objeto aqueles que romperam vínculos naturalizados, abandonando atividades que realizavam anteriormente, e se engajaram na construção de um outro projeto de vida. Inicialmente, considero os produtores que caminham no sentido da especialização crescente, abandonando a multiplicidade de sistemas produtivos, partindo do binômio cana-gado, na medida em que incorporam outros produtos, como o aipim (cultura tradicionalmente desenvolvida como de lavoura branca) e o quiabo (cultura recentemente chegada na região do PA Che

Guevara); mas também aqueles, juntamente ao gado, investiram na criação de galinhas.<sup>26</sup> Nesse sentido, as unidades produtivas serão descritas considerando a associação de cultivos nelas colocadas em prática, bem como os fatores que permitiram que eles fossem colocados em prática pelos produtores, segundo composição do grupo familiar.<sup>27</sup>

Unidade produtiva	Cultivos				
	Cana	Aipim	Quiabo	Gado	Galinha
73	X	X		X	
57			X	X	X
54			X	X	X
39	X	X			
37	X				

**LOTE 73: Unidade de produção composta por Wellington, agricultor. Instalou-se há dois anos no PA, entrevistado em agosto de 2010.**



<sup>26</sup> A respeito da criação de galinhas, cabe mencionar a constante interrupção da criação em momentos de andação de doenças ou nos períodos de falta de recursos para a compra ou aquisição de milho e aipim para a alimentação dos animais.

<sup>27</sup> Como grupo familiar adoto definição de Brandão e Ramalho (1986) que, tomando-o como grupo corporado, todos os integrantes ativos dividem entre si o conjunto de ações de serviço que respondem pelas condições de coesão, sobrevivência e reprodução da família.

Wellington, aproximadamente 40 anos, agricultor, viúvo, nasceu em Campos e está há dois anos no assentamento.

O lote 73 que gere foi obtido por transferência de sua tia, pois, segundo ele, ela *não tinha condições de tocar*, porque havia perdido seu esposo por falecimento e encontrava-se adoentada. Chegou ao lote para acompanhar sua tia e ficar próximo de seus pais, já que havia ficado viúvo. A transferência de registro do lote foi recusada pelo Incra, mas tem a procuração de sua tia para gerir o lote. O lote é o primeiro à esquerda, partindo da praça de Marrecas.

Wellington afirma que *sempre trabalhou na roça*, cortando cana, com o pai *roceiro* ou trabalhando na roça de outros fazendeiros. Por tal experiência, pode aprender com o pai a plantar e a criar gado. Durante a realização do trabalho de campo, trabalhava como agricultor no lote.

Quando de sua chegada no lote, ainda com a presença da tia, Sr. Wellington pode contar com a ajuda do pai para fazer a *limpa do terreno* que se encontrava praticamente em estado de completo abandono. Antes mesmo de iniciar a plantação de coco, perde seu pai por falecimento e por isso, deu continuidade sozinho aos trabalhos no lote. O plantio inicial de coco, como aponta, foi perdido por falta de investimentos em irrigação. Tomando para si o dinheiro obtido a partir da venda de uma moto, alternativa encontrada por ele para evitar o endividamento, Sr. Wellington investe na criação de gado leiteiro. Segundo ele, sua *fonte de renda diária* mediante a venda de leite. No momento de realização do trabalho de campo, o assentado afirma que está em processo de *aprimoramento de matrizes* de vaca leiteira. No lote, produz aipim para comercialização via atravessador. A lavoura de cana, inicialmente destinada à produção de caldo, tem sido entregue à usina porque a soca já está velha e, portanto, fora dos padrões. Para implementar a lavoura de cana, Sr. Wellington paga trator e plantadeira, por hora. Os trabalhos de corte e transporte da cana são realizados pelo atravessador. O sistema produtivo do abacaxi, segundo ele, lavoura que exige grandes investimentos, está em vias de implementação à meia com outro assentado.

**LOTE 57: Unidade de produção composta por Manoel, 52 anos, pescador, e Solange, 45 anos, agricultora. Instalaram-se há 11 anos no PA, entrevistados em fevereiro e agosto de 2010.**



Manoel Nascimento Miguel Filho, 52 anos, é pescador; e Solange Pereira de Souza Miguel, 45 anos, é agricultora. Compõem uma família conjugal de 4 filhos homens. Desses, o mais velho, de 26 anos, analfabeto, é casado e trabalhou no lote como agricultor até se integrar como trabalhador em olaria em Campos. Dos filhos caçulas, ambos com 17 anos, são gêmeos do mesmo sexo. Um deles cursou até o 9º ano do ensino fundamental, constituiu família conjugal e sua esposa estava aguardando chegada de um filho. Ambos são trabalhadores rurais para outros produtores. O filho de 18 anos, que estudou até o 3º ano do ensino fundamental, foi o único a se manter no lote com os pais.

O casal e seus filhos chegaram ao assentamento ainda durante a fase do acampamento, momento no qual enfrentaram inúmeras condições adversas, principalmente as tempestades e a inexistência de construção de alvenaria (nesse tempo viviam em barracas de plástico e dormiam em esteiras de tabua). O lote 57 corresponde a espaço que se configura como uma ilha circundada por braços provenientes do canal do Wilson, tal como ocorre com alguns dos outros lotes. Localiza-se em proximidade com a área de

reserva permanente do assentamento, estando assim em área inundável. Chega-se ao lote, a partir da praça de Marrecas, subindo a estrada da Caixa D'água, na esquina da segunda estrada à esquerda. No lote, desenvolvem atividades produtivas, mas a residência integra-se ao conjunto de casas construídas pela administração da usina em uma das agrovilas.

Sr. Manoel, desde 1983, recebeu carteira de pescador profissional da Colônia de Pescadores de São João da Barra, mediante indicação de outro pescador - seu pai -, que sempre exerceu a função. A primeira carteira que obteve foi emitida pela Sudese, posteriormente ficou à cargo do IBAMA e a partir do ano de 2000 é emitida pelo Ministério da Agricultura e da Secretaria Especial de Agricultura e Pesca. É renovada entre dois ou três anos. A cada renovação, acusa o Sr. Manoel, reforça-se a distância entre os pescadores artesanais e os profissionais, principalmente a partir da exigência de registro do nome do barco, local e data de embarque e desembarque do pescador em carteira de trabalho. Sr. Manoel aguardava a renovação de sua carteira para o ano de 2010. Ressaltou ainda que, durante o período em que esteve vinculado àquelas instituições, teve assegurado os benefícios trabalhistas. Tal garantia só é possível àqueles pescadores com barcos de até 10 metros, o que configura a *pesca artesanal*. A experiência com a pesca teve início aos sete anos de idade, quando acompanhava o pai durante pescarias rápidas no brejo. Só na adolescência passou a pescar no mar e por períodos prolongados (uma semana), quando então passou a reconhecer a presença de cardumes. Nesse período, o pai saía para comercializar o pescado, enquanto ele se responsabilizava pelo cuidado com os instrumentos de pesca, como redes, anzóis e tarrafas. Mediante a socialização que recebeu acompanhando o pai, Sr. Manoel confecciona suas próprias redes de pesca, que, segundo demonstrou, são de malhas variáveis de acordo com o tipo de cardume que se deseja pescar. Os anos de experiência que teve com o pai na pesca, permitiram ao Sr. Manoel, um amplo saber na atividade. Por comparação, identifica instrumentos que não são mais usados, bem como avalia a decrescente quantidade de peixes e a extinção de algumas espécies, diante da *pesca predatória*, como é o caso da guaibira, da salema e do cação barriga d'água. Segundo ele, essas variedades podiam ser pescadas em volumes que alcançavam cerca de quatro toneladas com um dia no mar. Sr. Manoel também recebeu dos pais a socialização necessária ao cultivo agrícola, principalmente da lavoura de cana. No momento da realização do trabalho de campo, Sr. Manoel estava sob vínculo trabalhista como motorista de caminhão-forte pela empresa campista Agro-Paraíba. Por esta condição assegurava rendimento mensal à sua família e a reprodução do projeto de assentado rural.

Dona Solange nasceu na fazenda Marrecas (distrito de Campos dos Goytacazes) e trabalha como agricultora no lote. Os conhecimentos necessários à lida com a terra foram adquiridos mediante socialização na família, quando residia numa fazenda em Mussurepe. Pela distância da casa até à escola, Dona Solange enfrentou dificuldades para estudar e, por isso, cursou até o 5º ano do ensino fundamental, enquanto seus irmãos desfrutaram de maior tempo de acesso ao ensino escolar. Estes contavam com cavalos para se deslocarem por distâncias maiores. Com o falecimento do pai, logo após a compra de uma casa em Baixa Grande, a assentada e seus irmãos assumiram as atividades agrícolas e foram aprendendo, na prática, a *labutar com roça grande*. Neste período, ajudou seus avós na plantação de quiabo. Antes de constituir família conjugal, recebeu, por transferência de sua mãe, algumas galinhas para iniciar sua própria criação. Enquanto assentada, participou de cursos sobre criação de galinhas, de produção de açúcar mascavo e de educação alimentar, alguns sob coordenação da Empresa de Assistência técnica e Extensão Rural - Emater e outros da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. Segundo expressa, fez o curso porque tem o *gosto* e a *vocação* para as atividades reconhecidas como *da roça*. Dona Solange apresentou, durante a realização da entrevista, vários sinais de cansaço físico e mental: tosse seca e recorrente, aspectos de desnutrição, olhos fundos, falhas na memória e um certo grau de agitação, limites por ela lamentados para dar continuidade à atividade produtiva.

No início do projeto de assentamento, a família produzia cerca de 50 quilos de quiabo por *catada* e criava gado e galinha no lote. Nesse período, Dona Solange e seus filhos cuidavam da lavoura e dos animais, sendo a criação de galinha *caipira* revigorada por orientações que ela recebeu em curso que fez pela Emater.

No segundo momento do campo, pude perceber que a criação de gado e de aves foi praticamente interrompida: a primeira por falta de mão de obra e de recursos para o pagamento de trabalhador; a segunda, pelas invasões de animais provenientes de lotes vizinhos e pela forte enchente que alagou o lote no ano de 2004.

Também naquele momento, no lote, era produzido o quiabo. Todavia, com a saída dos filhos e com a integração de Sr. Manoel como assalariado, todas as atividades no lote estavam sob cuidados de Dona Solange e do filho que ainda reside com o casal. A produção, hoje reduzida, é comercializada via atravessador, que visita o lote por três vezes na semana para recolher toda a produção disponível. Ainda criavam um cavalo para utilização no lote; dezenove cabeças de gado leiteiro para autoconsumo e venda de carne

nos açougues locais; e quinze galinhas, também para autoconsumo, sendo os ovos, quando ultrapassavam o limite do consumo familiar, vendidos por redes locais de comercialização. Na agrovila, além da casa do casal, a Dona Solange tem uma *rocinha* de miudezas, como hortaliças e fruteiras, apenas para autoconsumo e doação entre vizinhos.

A renda obtida com a comercialização, principalmente do quiabo, permanecia sob gestão da Dona Solange que, na ausência do marido, também negociava com o atravessador os dias da visita. Da renda ela se utilizava para comprar desde móveis e comida, a objetos pessoais de higiene e também para pagamento de tratorista, quando fosse necessário *tombar* a terra.

**LOTE 54: Unidade de produção composta por Catarina, agricultora. Há 11 anos no PA, entrevistada em fevereiro de 2010.**



Dona Catarina, solteira, aproximadamente 55 anos, agricultora, nasceu na comunidade de Mussurepe.

O lote sob sua gestão, de número 54, é o terceiro à esquerda, a partir da praça de Marrecas, subindo a estrada da Caixa D'Água, após a segunda agrovila. Chegou ao

assentamento durante o acampamento, segundo ela, quando *não havia nada plantado, dessa área do Rio velho até o final não tinha nada não, era só pastagem e gado*. No lote mantêm somente os sistemas produtivos, tendo fixado residência na cidade de Marrecas. Afirma ainda que veio para o assentamento *por causa da vontade de ter a terra, de conquistar aquela terra*.

Dona Catarina, quando criança, acompanhava seu pai, pequeno proprietário de terra, e os irmãos (sete homens e duas mulheres) no trabalho da lavoura, semeando o milho, o feijão, abóbora, quiabo. Afirma que, em sua prática cotidiana, *repete* o que aprendeu *nesse tempo* e que veio para o assentamento porque *gosta muito de plantar*. No momento de realização do trabalho de campo, Dona Catarina era reconhecida pelos demais assentados por *trabalhar com plantas medicinais*, saber que, segundo ela, obteve com os diversos cursos que fez junto a Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - Fapema, a Comissão Pastoral da Terra - CPT, a Universidade Federal Fluminense - UFF e a UENF em Campos. Nesses cursos, *aprendeu* a lidar com homeopatia e produz remédios para seu próprio consumo e para outros assentados.

O lote que gere recebeu três financiamentos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf: o primeiro para cana e quiabo e compra de motores; o segundo para compra de cabeça de gado; por fim, o terceiro para o aipim. Este último, segundo afirmou, só foi possível quitar porque vendeu o gado, pois enfrentou enormes dificuldades com a seca. Desde que chegou ao lote, *planta as necessidades maiores, orgânico*, o que esclarece ser um plantio sem a utilização de agrotóxicos e defensivos, apenas com a ajuda de bomba que puxa água da caixa. Nesse tempo, começou a plantar quiabo, mas perdeu toda produção, por plantar sem *veneno*, porque facilitou a instalação do nematódeo. A lavoura de aipim também foi perdida porque a produção não alcançou os padrões exigidos para comercialização, porque enfrentou longo período de seca. No período de realização do trabalho de campo, produz para autoconsumo: abóbora, diversas fruteiras, plantas de utilização medicinal e algumas cabeças de galinha. Para comercialização, planta cana *para caldo*. A criação de galinhas que era destinada ao consumo e à comercialização dos ovos no mercado local foi reduzida porque sofreu ataques de animais dos lotes vizinhos. A criação de gado está sendo desfeita, comercializada tanto para açougues quanto criadores da região. Os trabalhos de corte,



carreta, arrumação, organização da *turma* para corte e do trator no preparo da terra para o plantio da cana são realizados pelo *carreteiro*, que visita os lotes oferecendo o serviço.

**LOTE 39: Unidade de produção composta por José Francisco, 69 anos, agricultor, 11 anos no PA, entrevistado em agosto de 2010.**



José Francisco Carlos, Seu Chiquinho, 69 anos, agricultor, viúvo, casou-se depois com Dona Maria, 45 anos. Desta união, não tiveram filhos, mas com o casal mora a filha caçula, 14 anos, estudante, fruto do primeiro casamento de Seu Chiquinho. Dos filhos homens provenientes desse casamento, o mais velho e o mais novo deles mantiveram-se na agricultura, trabalhando em conjunto; outro é proprietário de uma oficina mecânica; das filhas, a mais velha é contabilista; e outra é cabeleireira.

O casal gere o lote 39, que é o segundo, após passar a primeira estrada que corta transversalmente a estrada da Caixa D'Água, tomando como ponto de partida a praça de Marrecas. Seu Chiquinho chegou no assentamento já viúvo e participou do período do acampamento. Sua atual esposa está no lote há alguns anos.

Dona Maria é dona de casa e diferentemente do seu esposo, não pode ser por mim entrevistada, por incompatibilidade de horários do meu trabalho de campo e de suas atividades cotidianas.

Seu Chiquinho nasceu em Uruari, município de Campos. Começou a trabalhar com sete anos de idade e, aos 47, aposentou-se como agricultor, produzindo cana na fazenda Araçá, para a usina de Queimados. Nesta usina, seu Chiquinho foi também *puxador de gado e trabalhou na balança*. Após ter conseguido sua aposentadoria, tomou conta de fazenda em Santa Maria Madalena por 5 anos. Neste período, ficou sabendo das ocupações de terra da antiga fazenda Marrecas e interessou-se em participar do projeto de assentamento. Ele pondera que começou a trabalhar desde criança porque seu pai falecera e precisava ajudar sua mãe com o cuidado da roça e com os irmãos. Sente-se prejudicado por isso, porque teve dificuldades em permanecer na escola e, desse modo, só pode estudar até a 4ª série do ensino fundamental, mesmo assim no turno da noite. Seu Chiquinho afirma ter um jeito diferente (*rebelde*) de plantar porque não segue os modelos adotados pelos outros produtores, mesmo sob ordens de superiores. Por afiliação religiosa, o assentado reserva o sábado e trabalha no domingo.

No lote, o casal produz aproximadamente 60 toneladas de cana para venda à usina e cerca de 4.000 quilos de aipim, ambos comercializados por intermédio do atravessador; a produção de coco, goiaba e demais frutíferas destina-se ao autoconsumo. As sobras de cana (*olhadura*) são usadas para alimentar as sete cabeças de gado que o casal cria. O leite, quando produzido em quantidades que ultrapassam a capacidade de consumo da unidade familiar, é vendido pelo Seu Chiquinho aos vizinhos. Todas as atividades são realizadas por ele, sem receber a ajuda de trabalhadores. A casa que possuem no lote foi construída a partir de financiamento coletivo oferecido pelo Incra. O financiamento individual obtido junto ao Pronaf foi usado para *tocar o lote*.

**LOTE 37: Unidade de produção composta por José Xavier, 67 anos, marceneiro-pedreiro, casado com Dona Nazilda Xavier, 66 anos, costureira. Instalaram-se há 11 anos no PA, entrevistados em fevereiro de 2010.**



José Chagas Xavier, Seu Zé Xavier, 67 anos, marceneiro-pedreiro e Dona Nazilda de Sales Xavier, 66 anos constituem família composta por duas filhas. Uma delas é assentada no P.A de Ilha Grande e, no momento de realização da entrevista, ocupava o cargo de presidente da associação de moradores do assentamento; outra é casada, do lar, e reside com a família em Donana. O casal chegou ao assentamento durante a fase de acampamento, cerca de 11 anos, já sem as filhas.

O lote 37 localiza-se próximo à área de reserva permanente do assentamento. Apesar de o casal ter se inscrito separadamente para concorrer no sorteio dos lotes, apenas Dona Nazilda foi beneficiada. O casal fixou residência na Agrovila e a casa de alvenaria, com seis cômodos bem distribuídos, foi construída pelo próprio Seu Zé Xavier. Frente ao padrão de construção observado nos outros lotes, nota-se um grande investimento do casal para o acabamento e melhoria da residência. Segundo eles, tem projeto de aumentar o número de cômodos da casa para receber as filhas e netos nos períodos de férias escolares.

Seu Zé Xavier nasceu em Campos e cursou até o 4º ano do ensino fundamental. Começou a trabalhar com o tio, ajudando-o na oficina, sob autorização do pai. Nos dias de folga, exercia também o ofício de pedreiro, o que reconhece ter aprendido sozinho. Aposentou-se aos *trinta e poucos anos de profissão* como mestre de obras.

Dona Nazilda, também natural de Campos, estudou até o 3º ano do ensino fundamental. Aprendeu a costurar com a mãe e, segundo reconhece, conseguiu a profissão através de um curso realizado na época pela Prefeitura. Afirma que, pela experiência que conseguiu ajudando a mãe, pode ensinar outras mulheres essa função. Mesmo tendo trabalhado por muitos anos como costureira, Dona Nazilda só conseguiu se aposentar como agricultora mediante ajuda do marido no pagamento da contribuição como autônoma. Durante o período de realização do trabalho de campo, dedica-se ao cuidado da casa.

O casal chegou ao assentamento desde a fase do acampamento. Mesmo possuindo casa em Campos, teve que dormir sobre esteiras e sob tetos de plásticos, enfrentando situações que julga como *difíceis*. Durante essa fase, Seu Zé Xavier ajudava como *vigia* e a renda que Dona Nazilda obtinha com a costura, era destinada à manutenção do casal no acampamento.

No lote, sob gestão de Seu Zé Xavier, são produzidas 70 toneladas de cana para venda a usina São José, via atravessador. Também são produzidos coco, para venda, e cerca de 30 a 40 dúzias de banana, destinadas ao autoconsumo do casal e filhos. A criação de gado de corte (oito cabeças) destina-se aos abatedouros do local. Os sistemas produtivos implementados no lote são realizados a partir de pagamento de trabalhador em tempo integral. Para começar a produção no lote, o casal recebeu financiamento do Pronaf no valor de 12 mil reais.

#### **IV.1.b) Agricultores do povoado de Marrecas e ex-trabalhadores da usina**

O segundo grupo de assentados, apresentados a seguir, corresponde àqueles que se socializaram por inserção produtiva na cultura da cana de açúcar. Frente ao tempo de dedicação não apenas a este sistema produtivo, mas também à vivência no lugar,

construíram um vasto acervo de conhecimento sobre os recursos naturais que lhe permitem gerir, com mais segurança, as condições adversas que encontram.

Do mesmo modo como anteriormente apresentado, as unidades produtivas serão consideradas a partir da decrescente variedade de sistemas produtivos aí realizados.

Unidade produtiva	Cultivos				
	Cana	Aipim	Quiabo	Gado	Galinha
46	X	X			
71				X	X
24			X		X

**LOTE 46: Unidade de produção composta por José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina; e Maria Quissamã, 70 anos. Instalaram-se há 5 anos no PA, entrevistado em fevereiro e agosto de 2010.**



José Quissamã, ou Seu. Zé Quissamã, como é mais conhecido, tem 68 anos e está casado com Dona Maria Quissamã, 70 anos. Estão há cinco anos no assentamento. O casal tem três filhos que constituíram família e foram morar em outras cidades no estado do Rio

de Janeiro. Tendo seus filhos escolarizados, todos têm uma *profissão*: um deles chegou à motorista de caminhão, outro é bombeiro e outro exerce a função de pedreiro.

O casal gere o lote 46, mas fixou residência fora, próximo à praça de Marrecas, onde tem um comércio de miudezas, a *venda*. A partir da praça de Marrecas, o lote situa-se à esquerda da estada da Caixa D'Água, logo após a primeira agrovila.

Sr. Zé Quissamã começou aos 15 anos trabalhando para a Usina Baixa Grande. Inicialmente como carregador de água para *turma*, depois aradista (*bateu boi* de aradinho), encarregado da usina, fiscal de *turma* (com até 30 homens), vigia do barracão (por sete anos), por fim, chegou a administrador da fazenda da usina. Aos 16 anos, conseguiu a carteira assinada, mas durante os 40 anos em que esteve vinculado à administração da usina, trabalhou 10 anos como *clandestino*, tempo que deixou de lado na contagem da aposentadoria. Ele afirma que a aposentadoria chegou somente após a mudança das leis relacionadas ao trabalhador rural. Em seus relatos, ressalta ter vínculo com o trabalho com a terra por *nascença*, desde tenra idade, ajudando ao pai na realização de serviço pesado, antes da existência das leis de proteção contra o trabalho infantil. Essa mesma experiência reproduziu com os seus filhos nos afazeres da fazenda. Mas é o *gosto* pelo cuidado com a terra e com os animais que ele evoca quando fala da associação de sistemas produtivos que coloca em prática e da criação que desenvolve no lote.

Dona Maria Quissamã é natural de Campos e se encontra *tomando conta da venda* do casal, onde comercializa o que é produzido no lote. Diferentemente do seu esposo, não pode ser por mim entrevistada, por incompatibilidade de horários do meu trabalho de campo e de suas atividades cotidianas.

No lote que gerem, são produzidas aproximadamente 670 toneladas de cana para caldo, comercializadas via atravessador. A produção de banana, coco, abóbora doce ou d'água e aipim é destinada à venda no mercado local. A colheita diária, por solicitação de compradores, não é sistematicamente computada. A criação de 13 cabeças de gado destina-se à venda de leite e de queijos fabricados por Dona Maria desde a época em que o casal residia na casa da fazenda cedida pelo usineiro.

As atividades de plantio e de *limpa* no lote são postas em prática com a ajuda de trabalhadores externos e em tempo integral. Por vezes, um dos filhos do casal ajuda em fases de colheita, principalmente durante os períodos de férias escolares dos seus filhos.

**LOTE 71: Unidade de produção composta por Alcy Machado, 71 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Jeane Fernanda, aproximadamente 35 anos, do lar. Instalaram-se há 11 anos no PA; ele entrevistado em fevereiro de 2010 e ambos em agosto de 2010.**



Alcy Machado, Seu Alcy, 71 anos, viúvo, e as filhas Jeane Fernanda, solteira, de aproximadamente 35 anos, e outra Eliane, mais velha, mãe de um adolescente de 17 anos, residem em casa próxima à praça de Marrecas.

O lote 71, de propriedade de Jeane, mas gerido pelo Seu Alcy, localiza-se na região do entorno da área de reserva permanente do assentamento. É o primeiro à direita, seguindo na estrada do Capão Redondo.

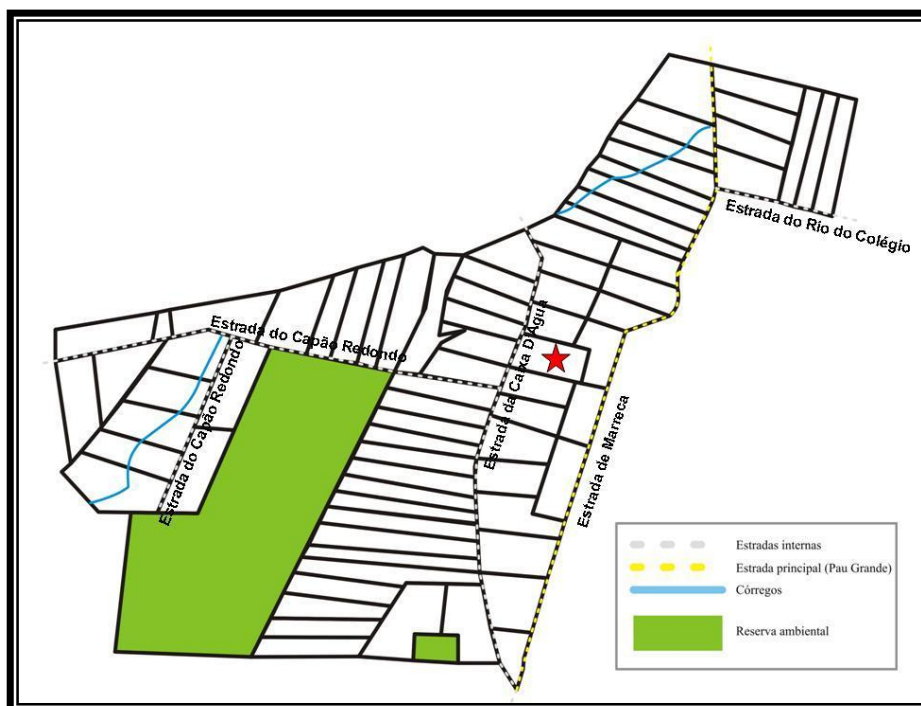
Seu Alcy, nascido em Marrecas, é descendente de grandes proprietários de terra que se dedicavam ao plantio da cana para usina Baixa Grande e à criação de gado de corte, para comercialização na região do Açú. No exercício dessas tarefas, foi desde cedo socializado. As áreas de terra que pertenciam ao seu avô foram obtidas por compra e por herança. Foram, por sucessão hereditária, transferidas ao seu pai e tios. A parte que coube aos filhos, foi dividida com nove irmãos, excetuando-se a metade destinada à viúva meeira. Posteriormente, Sr. Alcy voltou a receber 1/9 pela morte de sua mãe. Nesta última

transação, também recebeu uma bezerra, dote destinado a facilitar a constituição de sua família conjugal.

Jeane, com a falta da mãe, assumiu as responsabilidades da casa. Dedicou-se também à criação de galinhas que, no momento do trabalho de campo, estava em fase de reconstituição, contando apenas com algumas cabeças.

No lote, Seu Alcy dá continuidade à tradição de agricultor que seus familiares sucessivamente vem exercendo. Pelo tamanho do lote, enfatiza a criação de gado leiteiro. A venda de gado para corte limita-se às vacas velhas, que já não mais são capazes de produzir o leite. O leite é comercializado com pessoas de suas próprias redes de contatos e encaminhado para o mercado da região de Campos. Ele também é beneficiado e convertido em queijos, vendidos às padarias e compradores da rede de vizinhança. Dessa atividade, ocupam-se as filhas.

**LOTE 24: Unidade de produção composta por Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora. Instalaram-se há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010.**





Valdinei Batista, Seu Valdinei, 45 anos, e Cristina das Dores Rangel da Silva Batista, 40 anos, constituem uma família conjugal com três filhos: dois homens e uma mulher. Dos filhos homens, um tem 22 anos, e o outro 19 anos. Trabalham como agricultores, após alcançarem o ensino médio completo e o mais novo, até o 9º ano do ensino fundamental. A sua filha, de 14 anos, ainda é estudante, também do 9º ano do ensino fundamental. Esses últimos filhos (a filha de 14 anos e o filho de 14 anos) residem no lote com os pais.

O casal chegou ao assentamento durante a fase de acampamento. Segundo eles, moravam em *barracas construídas sobre a lama*. Hoje, gere o lote situado na estrada da Caixa D'Água, logo após a segunda agrovila, tomando-se como ponto de referência e de partida a praça de Marrecas. O local onde reside é próximo à antiga residência da família do Seu Valdinei, quando da condição de assalariado da usina, o que só foi possível mediante negociação com as lideranças do MST local.

Seu Valdinei, nascido na fazenda Marrecas, analfabeto, começou sua atividade laborativa como cortador de cana para o dono desta fazenda. No período de realização do trabalho de campo, encontra-se impossibilitado de trabalhar por motivo de doença (hipertensão e *reumatismo*). É um dos filhos mais velhos de uma família composta por nove homens e uma mulher. Diante dessa composição familiar, começou logo cedo, com 11 anos de idade, a ajudar o pai a cuidar da lavoura e da criação de gado. Sua mãe, viúva, e um de seus irmãos foram contemplados, cada qual, com um lote no assentamento. No entanto, ela se viu obrigada a abandonar o projeto de assentamento por falta de interesse dos outros filhos em *tocar o lote*.

Dona Cristina também nasceu na fazenda Marrecas, estudou até o 5º ano do ensino fundamental, tendo começado a trabalhar como agricultora. No momento de realização do trabalho de campo, estava vinculada como merendeira do colégio do assentamento.

No começo do projeto de constituição como assentado, o casal contava com a ajuda dos filhos. Todavia, quando da minha presença no assentamento, essa alternativa não era possível porque os filhos haviam constituído família e trabalhavam como assalariado fora do lote: um deles na condição de *alugado* ou diarista para outros assentados; e o outro como empregado na fábrica de macarrão em Baixa Grande. Enquanto puderam contar com a mão de obra de seus filhos, juntos cultivavam no lote um hectare e meio de aipim, dois hectares de milho e cerca de 70 caixas de quiabo *por catada*. O plantio de quiabo, destinado à comercialização, foi oportunidade apresentada pelo atravessador, um grande

proprietário de terra na região, que adiantou as sementes e insumos químicos (adubos e inseticidas), além de transmitir as técnicas adequadas ao plantio e cuidados dessa lavoura. Quando contava com o trabalho dos filhos, todos podiam auferir rendimento, que permitiu que pai e filhos, cada um desfrutasse da propriedade de uma motocicleta e avaliassem o rendimento alcançado pela compra de vestuário *em boas condições*.

O casal, mesmo com a saída dos filhos e a condição enferma de Seu Valdinei, para manter-se na condição de assentado, incorporou renda obtida por aluguel de pasto aos criadores de gado e por cultivo de cana para usina. Além disso, pode dispor do salário de Dona Cristina, como foi sinalizado, que se integra como merendeira da escola.

Para os produtos destinados ao autoconsumo, Seu Valdinei conta com a colaboração do filho mais novo (único que ainda se manteve no lote), compensando a saída da esposa. Os dois assumiram então os cuidados com a criação de galinhas, por tais circunstâncias em reprodução negativa. A criação de galinhas assegura o consumo de ovos e da carne; e a criação de uma cabrita para produção de leite. O casal reconhece que o número de cabeças de galinha vem diminuindo porque não tem recursos financeiros para investir na compra de milho, aipim e ração para alimentar a criação. O *cuidado com as galinhas* é tarefa que Seu Valdinei vem desempenhando desde menino, condição que hoje é valorizada porque pode, na prática, realizar o que aprendeu com os pais. Do mesmo modo, seu filho vem sendo socializado nesta tarefa, como esclarece, por *gosto*. No *terreiro*, estão divididas as áreas de criação do pai e do filho, embora ao pai caiba a comercialização dos ovos e das aves para os donos de abatedouros, pessoas da sua rede de vizinhança e para os atravessadores. Ele também comercializa galos para as *rinhas* em Baixa Grande. A renda obtida é destinada ao suprimento da casa.

Comparativamente, o casal avalia que a condição de assentado é superior a de trabalhador da usina. Retrospectivamente, o Seu Valdinei avalia que estava submetido a uma árdua e intensa jornada de trabalho, que lhe impedia de colaborar com a esposa e os filhos no exercício das atividades domésticas: da casa propriamente e do *terreiro*.

#### **IV.1.c) Assentados que desempenham funções não-agrícolas originários de regiões externas a Marrecas**

O terceiro grupo de entrevistados se caracteriza por produtores que encontraram as estratégias abaixo demonstradas para manutenção do projeto de assentado no lote. Esse grupo é composto por assentados que desempenharam atividades não-agrícolas e que são originários de regiões externas a Marrecas. Portanto, são desconhecedores dos recursos naturais locais e também desprovidos do saber prático fundamental ao manejo da unidade de produção. Estas serão analisadas partindo-se daquelas que apresentam maior variedade de sistemas produtivos para chegar ao produtor que investiu na construção de sua especialidade.

<b>Lote</b>	<b>Cultivos</b>				
	<b>Cana</b>	<b>Aipim</b>	<b>Quiabo</b>	<b>Gado</b>	<b>Galinha</b>
50	X		X		
33			X		X
23			X		

**LOTE 50: Unidade de produção composta por Levi Barbosa Nascimento, professor, 39 anos, professor, casado com Valdéia, 41 anos, professora. Ela instalou-se há 4 anos no PA e ele há 11 anos, entrevistado em fevereiro de 2010.**



Levi Barbosa do Nascimento, 39 anos, professor, nascido no Rio de Janeiro, casado com Eliane, 30 anos, professora, compõem família com um filho-enteado adolescente, portador de necessidades educacionais especiais. De seu primeiro casamento, Levi não possui filhos e há quatro anos mantém-se nesta segunda união.

Chegaram ao assentamento durante o período de acampamento, em 1999, mas quando as terras já haviam sido provisoriamente distribuídas. Assim, obteve o lote porque afirma, mediante contato com as lideranças locais, ter preenchido a ficha de espera em caso de desistência. O lote 50 que o casal gere fica localizado à direita, no cruzamento da estrada do Capão Redondo com a estrada da Caixa D'Água.

Levi, do mesmo modo que seu irmão Davi, iniciou seu trabalho com a terra logo no início do projeto de assentamento. Afirma que aprendeu muito do que sabe sobre plantio lendo e pesquisando, principalmente orgulhando-se de sua coleção de fitas K7 sobre técnicas e produções agrícolas, mas foi com o avô que aprendeu a *encamar a terra*, em suas palavras: *é como se você fosse fazer um canteiro*. No Rio Grande do Norte, quando criança, Levi e seus sete irmãos ajudavam ao avô, arrendatário, a cuidar da *roça de*

*mandioca brava*, milho e feijão de corda nas visitas nos finais de semana. O pai, *carpinteiro de forno de profissão*, também trabalhou como agricultor nos momentos de menor oferta de emprego em sua profissão. Na década de 1950, migraram para o Rio de Janeiro, tempo em que ficaram afastados das atividades agrícolas, pois ajudavam ao pai na comercialização de produtos em barraca no centro da cidade. Já na década de 1980, mudaram-se para Italva e foram trabalhar como *cortadores de cana* para a usina de Sapucaia. Após retornar para o Rio de Janeiro, exerceu a profissão de faxineiro em casas de família em Copacabana, como *carregador de malas* no Aeroporto Santos Dumont e como motorista de caminhão transportando camarão desidratado. Nesta função, formou uma rede de contatos que lhe permitiu trabalhar na comercialização desta mercadoria, recebendo por comissão. Em 1999, tendo chegado ao acampamento, começou suas atividades como agricultor no lote do irmão. Até conseguir seu *pedaço de terra*, afirma ter participado das reuniões e assembléias para *aproveitar as oportunidades* que surgissem para obtenção de um lote. Durante os anos em que se encontra assentado, Levi orgulha-se de ser um *experimentador*, testando vários sistemas produtivos e modos de fazer. No assentamento, além de trabalhar como produtor no seu lote, reunia a produção de alguns assentados para recolhimento pelo atravessador até o Ceasa, principalmente quiabo e maxixe. Não tendo obtido muito sucesso, porque reconhece que não tinha o controle da pesagem da produção, reuniu-se à liderança da associação de moradores do PA e *alugaram uma pedra* no Ceasa-RJ para comercialização da produção de quiabo, aipim, tomate, laranja, goiaba, cana, pimentão. Apesar da variedade, Levi afirma que encontrava dificuldades para vender os produtos porque muitos produtores entregavam produtos fora do padrão exigido para venda, como tamanhos, adubação e condições de armazenamento, mas também falta de *programação* da produção. A partir dessa *experiência*, Levi elaborou um projeto denominado *Produzir é Preciso*. Por ele circulou uma tabela com uma programação para a produção de vários cultivares e um calendário, elaborado a partir das pesquisas que realizou em livros e fitas especializadas, sobre o tempo do plantio, da colheita, a produção por área cultivada e a produção final, considerando o número total de assentados, mas também as alternativas para superar condições ambientais julgadas inadequadas como sol, chuva e vento. Para alguns produtos, como, por exemplo, o pepino, o jiló, o melão, a berinjela e a cenoura, os sistemas foram postos em prática no seu próprio *laboratório*, seu lote. Em 2004, com as perdas de produção que sofreu com a enchente, trabalhou como motorista de caminhão para complementar a renda. Durante a realização

do trabalho de campo, Levi já tinha firmado contrato, por seis meses, como professor do Projeto Mova-Brasil do Governo Federal e aguardava o início das aulas.

Valdéia, 41 anos, nasceu em Campos, estudou até o curso normal superior. Trabalha como orientadora pedagógica em escola de Campos. Não pode ser entrevistada porque, durante a minha permanência no lote, encontrava-se ocupada com o filho.

No lote 50, durante a realização do trabalho de campo, o casal estava preparando a terra para o plantio do quiabo. Inicialmente, chegou a plantar quatro hectares de cana e também banana e quiabo para comercialização. Nesse período, pagava trabalhador à diária para ajudar com as atividades no lote. O plantio do quiabo foi implementado como alternativa de rendimento diário. O casal cria no lote apenas duas cabeças de gado leiteiro para autoconsumo. Para começar as atividades no lote, obteve inicialmente o financiamento do Pronaf no valor de R\$ 11.400,00. Com esse recurso pode também construir uma casa de bombas *simples de 3/3*. Para construção da casa de alvenaria recebeu custeio, mas ainda está inacabada.

**LOTE 33: Unidade de produção composta por João, 43 anos, tratorista, Creuza, 45 anos, merendeira. Instalaram-se há 11 anos no PA, entrevistada em agosto de 2010.**



João Caetano, 43 anos, tratorista e Creuza Maria de Almeida Caetano, 45 anos, constituem família com dois filhos. O mais velho, 29 anos, estudou até o 6º ano do ensino fundamental é casado e mora no mesmo lote com sua esposa e dois filhos. Começou trabalhando como cortador de cana, depois vinculou-se como empregado na olaria e, durante o trabalho de campo, trabalhava como pedreiro. Maria, nora do casal, 24 anos, cursou até o 5º ano do ensino fundamental e dedica-se ao cuidado com a casa e com o casal de filhos: um menino de oito anos, estudante do 2º ano do ensino fundamental, e uma menina de três anos de idade. O segundo filho do casal, 24 anos, solteiro, começou a trabalhar como pescador, mas vem exercendo a função de agricultor na fazenda Boa Vista. Completou os estudos até o 3º ano do ensino fundamental.

O casal chegou ao assentamento durante a etapa do acampamento, há 11 anos. O lote 33 que gere situa-se, a partir da praça de Marrecas, seguindo pela estrada da Caixa D'Água, como o primeiro à direita.

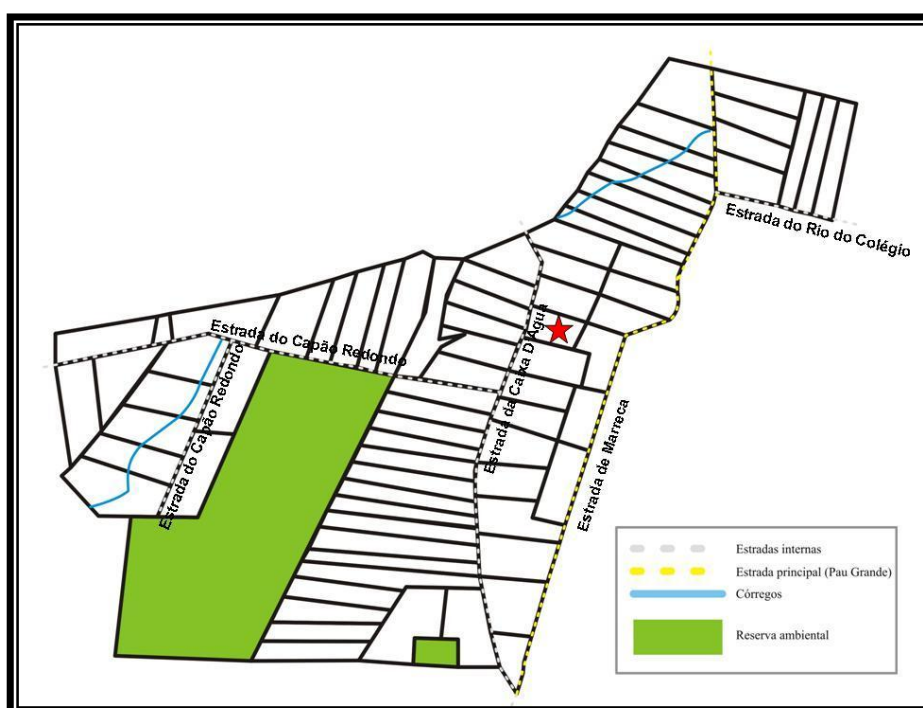
Seu João Caetano, 43 anos, concluiu o ensino básico. Começou suas atividades trabalhando no porto do Farol de São Tomé e, durante o trabalho de campo, mantinha vínculo como tratorista de uma empresa transportadora de mercadorias para o Rio de Janeiro. Durante o período em que estive no assentamento, não foi possível entrevistá-lo porque ele havia saído recentemente em viagem à trabalho para o Rio de Janeiro.

Dona Creuza é natural de Quixaba (município de Campos), cursou até o 8º ano do ensino fundamental. Quando criança, ajudava os pais na comercialização de peixes na venda que a família possuía no Farol. Segundo afirmou, seu pai, mesmo trabalhando no corte da cana, se encarregava da pesca e do preparo do peixe para a venda, durante a entressafra, no verão. Durante a realização do trabalho de campo, Dona Creuza trabalhava como merendeira do colégio que funciona no galpão construído para a realização das reuniões e assembléias da associação de moradores do PA.

No lote, o casal produzia inicialmente cerca de 10 toneladas de cana para a usina São José, comercializadas via atravessador. A produção semanal de 100 quilos de quiabo e de 10 caixas de feijão, semanais, era destinada ao Ceasa do Rio. A produção de banana destinava-se ao autoconsumo e o cultivo de coco, no período em que estive no PA, o casal aguardava para colher a primeira safra. A criação de animais resumia-se a três cabeças de gado leiteiro para autoconsumo. Segundo afirmou Dona Creuza, o casal não teve outra alternativa senão interromper os sistemas produtivos, principalmente devido às doenças que a abateram e à falta de mão de obra, pois seus filhos e Sr. João haviam constituído

vínculo empregatício fora do assentamento. O casal obteve custeio do Incri (individual) por duas vezes nos valores de 4.500 e 3.000 reais e do Pronaf para implementação da lavoura no valor de 10.800 reais.

**LOTE 23: Unidade de produção composta por Davi, 40 anos, presidente da Associação. Instalou-se há 11 anos no PA, entrevistado em agosto de 2010.**



Davi Barbosa do Nascimento, 40 anos, solteiro, natural do Rio Grande do Norte, é presidente da Associação de Moradores do PA Che Guevara. Chegou ao assentamento, juntamente com seus pais e um irmão. Seus pais residem na agrovila e seu irmão, casado, foi beneficiado com um lote.

Chegou ao acampamento em 1999, já com as terras previamente distribuídas, porque ele e seus irmãos se fixaram no acampamento da antiga fazenda Baixa Grande. Por solicitação às lideranças do projeto de assentamento Che Guevara, pediu a inclusão de seu nome e de um de seus irmãos na listagem de desistentes. O lote 23 que gere sozinho é o segundo situado à esquerda da segunda agrovila, seguindo pela estrada da Caixa D'Água, a partir da praça de Marrecas.



Davi iniciou seu trabalho com a terra logo no início do projeto de assentamento. Contudo, reconhece que aprendeu um pouco das *atividades da roça* com o pai e o avô. Sua trajetória até a sua chegada ao assentamento já foi anteriormente mencionada quando apresentei o lote 50. Durante a realização do trabalho de campo, Davi vem se dedicado às atividades da associação de moradores do projeto de assentamento, participando de reuniões e encontros.

No lote, Davi produziu laranja, criou galinha e porcos para autoconsumo. Atualmente, dedica-se ao plantio de quiabo e cria algumas cabeças de cabra para produção de leite. A lavoura de quiabo é feita à meia com outro produtor assentado, dividindo a renda que obtém com a comercialização.

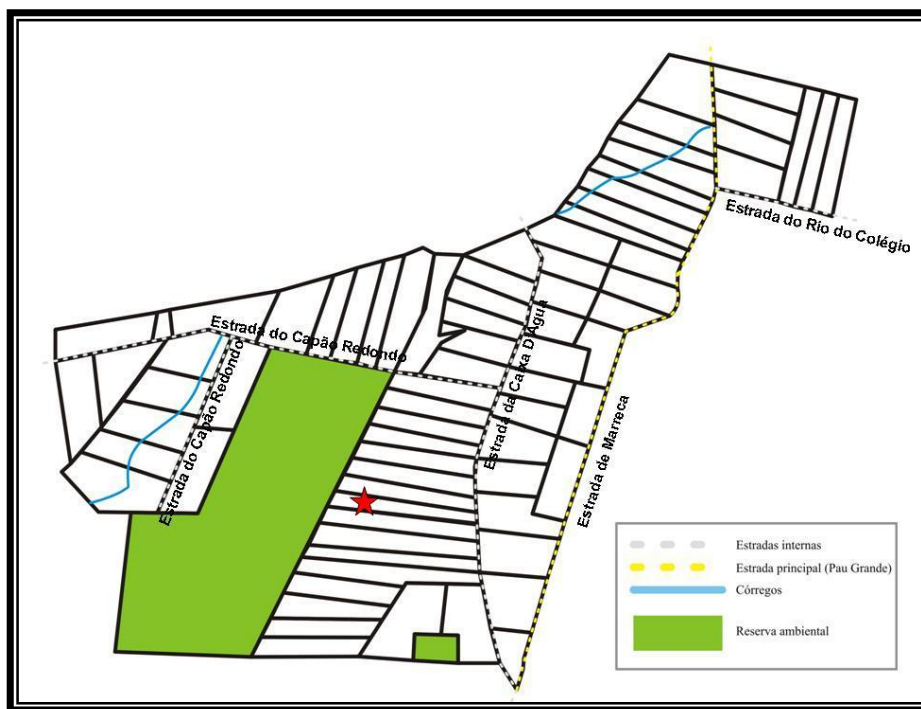
#### **IV.1.d) Assentados que desempenham funções não-agrícolas originários de Marrecas**

O quarto e último grupo de entrevistados diz respeito àqueles que constituíram unidade de produção a partir do conjunto de alternativas abaixo demonstrado. Incorpora assentados rurais que desempenharam funções diferentes daquelas relacionadas à agricultura, mas originários de Marrecas. Pressupõe, portanto, assentados que desconhecem a prática agrícola, mas acumularam conhecimentos sobre os recursos naturais encontrados na região: um deles dedicando-se ao binômio cana-gado e outro investindo na construção de um novo modelo produtivo, ao incorporar o aipim, o quiabo e a criação de galinhas.

Lote	Cultivos				
	Cana	Aipim	Quiabo	Gado	Galinha
42 <sup>28</sup>	X			X	
40		X	X		X

<sup>28</sup> Não foi possível realizar entrevista gravada com o assentado do lote 42 e demais membros dessa unidade produtiva.

**LOTE 42: Unidade de produção composta por Jairo, 45 anos, mecânico e Sônia, 40 anos, doceira. Instalaram-se no PA há 11 anos, entrevistados em fevereiro e agosto de 2010.**



Jairo Pereira de Souza, Seu Jairo, constitui família conjugal com Sônia de Souza. Dona Sônia, do primeiro casamento, tem um filho de 20 anos que, estudante universitário, reside no município do Rio de Janeiro.

No lote 42 sob sua gestão, o casal mesmo investindo no binômio cana-gado, dedica-se ao plantio de algumas árvores frutíferas, como goiabeiras, bananeiras, limoeiros e outras, voltadas à produção de doces.

Seu Jairo, 45 anos, dedica-se ao ofício de mecânico de máquinas, como caminhões, tratores e guindastes. E, nas diversas vezes em que, para realizar entrevistas, percorri a estrada da Caixa D'Água ou por aí passava para me dirigir a outros lotes, passava em frente ao seu lote e, nessas condições, pude notar diversas máquinas na porção da frente da casa, bem como o solo fortemente manchado por óleo proveniente da limpeza de seus motores.

Dona Sônia, 40 anos, tem se dedicado à produção de doces caseiros. Para tanto, investiu na construção de uma cozinha em moldes industriais em sua residência, mediante orientação que recebeu de técnicos da Emater.

**LOTE 40: Unidade de produção composta por Maria da Penha, feirante, 59 anos, 11 anos no PA e Janaína, 21 anos, feirante, 4 anos no PA, entrevistadas em fevereiro e agosto de 2010.**



Maria da Penha Gomes Rangel, Dona Maria, 59 anos e Janaína Rangel, 21 anos, compõem uma família formada por mais três filhos. A filha mais velha, 38 anos, começou trabalhando no comércio em Baixa Grande, mas concluiu o curso normal e trabalhava, durante o trabalho de campo, como professora. O filho mais velho, 40 anos, casado, foi trabalhador da usina e, tendo constituído família, saiu do lote. O filho de 23 anos, casado, cursou até o 6º ano do ensino fundamental. Começou suas atividades como vigia em Baixa Grande e hoje trabalha como pescador e, nas horas de folga, como agricultor no próprio lote. Sua esposa, Janaína, 21 anos, natural de São João da Barra, ainda estudante do 3º ano do ensino médio, ajuda nas atividades diárias da casa e também na feira.

Dona Maria e seu marido (já falecido) chegaram ao assentamento ainda na fase do acampamento. A vinda para o assentamento é fruto de um processo de convencimento direcionado pelo seu marido com o objetivo de receber algo em contrapartida do usineiro, já que não recebeu as indenizações devidas por tempo de trabalho a ele prestado. O lote 40 que Dona Maria gere é o quarto à esquerda da estrada da Caixa D'Água, partindo da praça de Marreca.

Dona Maria, natural de Marrecas, concluiu seus estudos até o 3º ano do ensino fundamental. Para aumentar a renda de sua família, trabalhava como artesã na confecção de esteiras de tabua. Ela afirma que aprendeu a plantar com seu marido, ex-cortador de cana, na *roça*, na terra que o usineiro tinha concedido a permissão para plantar. No período de realização do trabalho de campo, comercializava na *Feira da Roça* em Campos, os produtos que produz no lote com seu filho e nora. O cuidado com a criação de galinhas é conhecimento transmitido, desde pequena, pela sua mãe. Ressalta ela que a doação de algumas cabeças e frequentemente de ovos a filhos e netos é praticada até hoje, recorrentemente, por sua mãe.

Janaína Rangel, 21 anos, feirante, concluiu o ensino médio. Nasceu em Quipariu (município de São João da Barra), mas morou por muitos anos em Água Preta, local onde iniciou suas atividades na confecção de *esteiras de tabua*. Esta atividade, também realizada por sua mãe e tia, permitia-lhe obter algum rendimento para ajudar nas despesas da casa. Quando chegou ao assentamento, em 2005, por casamento, retomou essa atividade, mas durante a realização do trabalho de campo, havia interrompido por causa da dificuldade de acesso ao local de coleta da tabua. Para essa etapa do processo de produção das *esteiras*, Janaína contava com a ajuda do marido que, dedicando mais tempo à pesca, não pode mais coletar a planta para a esposa. Segundo afirmou Janaína, a distância do seu lote até a área de coleta era a maior dificuldade, além dos perigos de encontrar cobras e jacarés no brejo.

No lote, produzem para venda na feira os seguintes produtos: aipim (cerca de duas caixas por semana), coco (400 unidades por semana), banana (400 pencas por semana), abóbora (200 quilos por semana), limão (cinco dúzias por semana) e pinha (10 pencas por semana). São ainda produzidos no lote feijão, quiabo e cana. As atividades de *plantio* e *limpeza* da roça são feitas mediante pagamento ao cunhado, principalmente nos períodos em que o seu filho fica mais tempo no mar pescando. As atividades de criação de animais resumem-se à criação de 18 cabeças de gado para venda da carne para açougues locais, um cavalo para uso doméstico e três patos para venda dos ovos na *Feira da Roça*. No momento de realização do trabalho de campo, a criação de galinhas foi interrompida devido ao ataque de animais pertencentes aos lotes vizinhos que, segundo afirma, *cavaram por baixo da tela de proteção e entraram no terreiro*. Outra atividade no lote interrompida foi a plantação de quiabo. Iniciada ainda quando o marido de Dona Maria era vivo, no período de realização do trabalho de campo, a terra estava tombada, aguardando o filho retornar da pesca e à meia, dar início ao plantio das sementes.

## CAPÍTULO V ó O reconhecimento social dos *experts* locais: especialidades distintas

Neste capítulo, a partir de dados obtidos por entrevistas, tomo para análise relacional tanto o saber hegemônico dos produtores consagrados quanto daqueles produtores consagrantes. Todos se reconhecem no grupo como sabedores, mas alguns são consultados nas situações de dúvida e geralmente escutados. Nesse sentido, os sistemas de saberes aqui apresentados, mesmo que esquematizados por se suportarem em associação de fragmentos, devem muito ao meu investimento interpretativo e por observação direta. Nos atos inerentes ao levantamento de dados, percorri lotes e estradas com os assentados, algumas vezes com perguntas extravagantes e inocentes em decorrência do meu desconhecimento em relação aos sistemas produtivos e ao estilo de vida dos assentados. Portanto, a pesquisa é sistema de atos repletos de estímulos à reflexão do pesquisador e dos pesquisadores. Na medida em que os integra, permitimos mutuamente a construção de parâmetros analíticos e re-elaboração de saberes. Nestes princípios me pauto para a sistematização dos significados das representações aqui textualizadas.

Cabe então destacar que o quase completo distanciamento permitiu que coletivamente se ressaltem os *experts* em relação ao saber que os assentados demonstravam para lidar com a terra e gerir os recursos naturais que estavam disponíveis no lote, mas também muito contribuiu para que fosse possível o exaustivo detalhamento desses sistemas de conhecimento. O reconhecimento por parte dos assentados do meu desconhecimento muito colabrou para que eu apresente os detalhes aqui sistematizados. Destaco ainda que os dados aqui apresentados ainda se configuram enquanto modelo geral, por mim valorizado, podendo ser contestado aqui e ali. Também não significam aplicabilidade tal qual, pois é readaptado segundo as situações sociais e produtivas de cada lote. Até porque, na perspectiva dos processos de mudança que aqui privilegio, os diferentes saberes apresentados pelos agentes sociais em questão não são entendidos pela cristalização, mas como uma das perspectivas de entendimento do processo produtivo. Enfim, os saberes revelados pelos entrevistados, mesmo que fragmentados, ganham esta forma de *corpus* à medida que o pesquisador, enquanto mediador e representante da produção e representação racional de conhecimentos, permite trazer à tona um saber integrado, mesmo que resultado de processos de reelaboração *in acto* objetivados. O saber

aqui revelado é fruto da contemplação de modos distintos de pensamento: o do pesquisador vinculado à escrita; o do assentado, à oralidade.

Assim, a importância da compreensão desse sistema de conhecimentos práticos se revela a partir de certos desencontros entre esses agentes, mas ainda pela busca de compreensão desses saberes porque reconhecidamente valorizados pelos assentados, especialmente na situação de comunicação específica à pesquisa antropológica.

O trabalho do etnólogo é, ao mesmo tempo, ativo e passivo, permitindo, concomitantemente, a produção e a apropriação de elementos empíricos - os dados - segundo certos eixos de problemática, de conteúdos conceituais que visam a tornar inteligível a realidade que interpela, falando diante dele ou contra ele próprio. A análise que se segue embora linear na textualização, não o é na compreensão, tendo em vista que o sistema de conhecimento dos produtores assentados é, por inúmeras vezes, retomado a partir de níveis diversos de investigação. (Abélès, 1983)

Os assentados por mim entrevistados sinalizaram que, para a continuidade do projeto de assentamento, devem gerir a unidade de produção criando meios de alocação de diversos recursos. As alternativas de gestão em condições limitantes indicam como eles estão constantemente colocados em situação de risco de perda progressiva ou de inviabilidade na ocupação da posição. Em tese, porque boa parte deles opera sob reprodução negativa, se consideram vitoriosos quando ultrapassam tais limitações, colocadas na falta de poupança e na instabilidade na constituição do rendimento. Os riscos muitas vezes estão relacionados às desfavoráveis condições naturais (edáfica, florística, faunística e hídrica). Outras vezes se relacionam a constrangimentos para objetivação da capacidade criativa desses assentados, de modo a encontrar alternativas para lidar com a falta de mão de obra familiar: por doença, por necessidade de vinculação ao mercado de trabalho assalariado, por saída dos filhos para constituição de família conjugal; pela falta de recursos financeiros para remunerar o trabalhador externo e para aquisição de máquinas, principalmente bombas de irrigação e trator. Ainda se relacionam à impositiva transferência de parte do rendimento para compra de insumos: rações, remédios, produtos químicos necessários à lavoura e aos animais. Devido também ao ataque de pragas e de animais estranhos ao ambiente de *terreiro*, que ultrapassam as barreiras impostas pelas cercas. Relevam-se também pelas dificuldades para venda, principalmente daqueles produtos fora dos padrões (tamanho, peso, coloração, textura) impostos pelos consumidores; pela desvalorização dos produtos por intermediários da comercialização

(*atravessadores*); pela ausência de infraestrutura coletiva e individual para escoamento da produção; bem como pelo tímido incentivo advindo de redes de assistência técnica aos assentados.

Os produtores aqui analiticamente incorporados são pensados a partir da capacidade de gestão dos fatores de produção, da forma como articulam a incorporação de instrumentos de trabalho, da mobilização e direcionamento da força de trabalho, da possibilidade de incorporação de recursos financeiros, mas também da orientação que atribuem aos sistemas produtivos, em associação ou não a outros recursos que encontram no lote.

Para chegar à compreensão da capacidade gestora dos assentados, tomo casos em que as saídas são diferenciadas, mas os resultados convergem. E o faço considerando aqueles produtores que são, pelos demais, alçados à condição de *sabidos, inteligentes, espertos, experientes*, sistematizadores e transmissores do saber coletivo que é produzido e transmitido entre eles, saber que, por seu caráter abstrato, é mais facilmente apreendido quando referido aos sistemas produtivos. Essa perspectiva é adotada por Neves que, ao se dedicar ao estudo do papel performativo dos produtores, demonstra que o produtor modelo é portador de duplo papel no sistema de produção e transmissão de saber prático. (Neves, 1997: 295) Ele se constitui enquanto produtor e ator de novas concepções, refletindo para os demais, as incorporações possíveis e situacionais; e a compreensão das possibilidades de existência social mediante reflexão e experimentação do saber transferido. Esses exemplares produtores são assim reconhecidos pela sua capacidade de aceitação, transformação, adaptação e tradução de inovações; e sua decorrente transferência aos demais interlocutores.

Neste capítulo, dedico-me à análise de dois desses produtores: um reconhecidamente conhecido como portador de um projeto bem sucedido de criação de galinhas, porque, controlando relativamente à vulnerabilidade às perdas, compôs um *terreiro* com mais de cem cabeças, mas o fez na expressão do conhecimento da diversidade de tipos e dos decorrentes manejos nos cruzamentos. E um produtor de cana que se dedicou sob várias posições e recursos técnicos ao cultivo da cana de açúcar.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Ressalto que, durante os dois períodos em que estive em trabalho de campo, houve grande discrepância nas condições produtivas nos lotes que visitei, como já chamei atenção.

Esse recorte é necessário pois, tendo em vista o volume de dados obtidos com o trabalho de campo, tornar-se-ia inviável maior inclusão pelo tempo que tenho para elaboração desse texto.<sup>30</sup>

### V.1 - A família de *inteligentes* criadores de galinhas

O saber dos assentados reconhecidos como bons criadores de galinhas, a seguir analisados, tem como referência a percepção totalizante do sistema produtivo e pode ser elaborado mediante minha visita guiada ao *terreiro*. O princípio de comparação contrastiva de tempos periodizados é fundamental para esses criadores construírem a condição de falar sobre as aves e não das aves. O produtor de imediato retoma o passado para justificar a redução do número de cabeças de galinha encontradas durante minha visita. A mudança nas condições de acesso a recursos financeiros e naturais com os quais lida no momento da visita exprime algumas das limitações com que se depara.

Sobre essa avaliação contrastiva do tempo, Brandão e Ramalho (1986) destacam outros sentidos diferentes dos que aqui considero. Para eles, o destaque a uma natureza pródiga, que marca o tempo antigo, bem como suas qualidades, é valor de referência para a saúde das pessoas e dos animais da criação, para a riqueza das terras de cultura e, conseqüentemente, para a produtividade das lavouras.

V - A gente não cria mais como a gente criava antes. O que está valendo agora, foi que ele fez uma roça de aipim ali e a gente vai lá e pega aquela raiz pequenininha, aquela raiz miúda que não vende e bota para as galinhas. Eu compro o milho. Antes a gente tinha uma roça de milho, mas aí a gente não fez mais por causa da dificuldade de dinheiro. Com a venda da galinha não dá para repor esse dinheiro que gasta, porque o que agora nós criamos não é muito e também criação aqui não tem preço, vende barato. Aqui no nosso lugar é tudo muito barato. Se for passar à frente, é tudo muito barato. A pessoa não tem condições também de comprar da gente pelo valor que vale. E aí, dá muito trabalho, consome muito e na hora de vender o preço não vale. O preço é muito baixo. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

---

<sup>30</sup> Outros dados levantados em trabalho de campo serão posteriormente apresentados sob a forma de artigos, *papers* para apresentação em congressos e também incorporados na elaboração do projeto de doutorado.



Como se pode perceber a partir do trecho de entrevista sistematizado acima, os criadores possuem um saber que lhes permitem avaliar o consumo mercantil na família a partir da possibilidade de aplicação de recursos para ampliação quantitativa da produção. Assim, a avaliação do custo-benefício segue princípios de mercado e capacidade de consumo dos potenciais compradores.

Reconhecer um agricultor como portador de um saber diferenciado é também reconhecê-lo enquanto parte de uma estrutura social hierarquicamente estabelecida. Essa perspectiva é defendida por Woortmann e Woortmann (1997), quando ponderam que não é a idade em si, mas o saber prático que dota os produtores de uma força plena capaz de antever os resultados da sua ação sobre os recursos. O tamanho do *terreiro* exprime a capacidade de gestão do produtor para pressupor os custos e os lucros.

A transcrição abaixo faz referência à reflexão sobre fatores limitantes, agora não do insumo, mas da força de trabalho familiar.

V - Aí o que acontece? Hoje, eu tenho uma família. Desde o começo do assentamento, em 1998, eles vinham trabalhando comigo, mas eles estavam solteiros. Os dois hoje já têm família. E aí chegaram para mim e falaram: - Papai já não vai dar para eu tocar hoje aqui com o senhor, porque eu tenho a minha família. Eles têm a família deles, né? E aí começaram a trabalhar fora como empregado e eu fiquei sozinho. Eu perdi a minha saúde. Tive pressão alta, problema de coluna. Não posso fazer nada hoje. A sorte é que a minha mulher trabalha no colégio como merendeira. Eu não posso trabalhar fora! E ai, hoje eu só tenho um aluguelzinho de pasto, que é barato, um aluguel de 15 reais por mês com boi. Também estou com cana para a usina e é para caldo. A cana para caldo dá um real, 1,20 avulsa. Mas se você tratar dela, botar adubo e água... Eu, como não estou podendo fazer isso mais, ela fica o quê? Só para a usina mesmo. Ai, para a usina, você tira uma tonelada de cana, sobra para você 16 reais. Tirando a despesa, o corte, embarque. Em 6 meses cobre os gastos e só sobram 16 reais. Não dá! Então eu estou aqui... (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

O saber para gestão das condições adversas é fundamental tanto para a manutenção da criação quanto para autoconsumo, como para orientar a comercialização. No sistema de saberes destacam-se: o conhecimento para escolha das variedades, a oferta de alimento, o respeito às condições ambientais, a capacidade de postura de ovos e de crescimento vegetativo como alguns dos aspectos considerados para a construção do *terreiro*. Esse espaço é singularizado pelo gosto e estética adotados por cada membro

familiar responsável pela atividade, tanto quanto pela possibilidade de incorporação de recursos.

P ó É, eu estou vendo que o terreiro é dividido em dois lados.

C ó Eu vou explicar porque é que aqui tem dois: porque um é do pai e o outro é do filho. Aí eles gostam de separar porque aí ele gosta de colher os ovos das dele e o pai colhe os das dele. Fica tudo separado. Um é de um e outro é de outro. E aí cada um separa sua mestiça que dá briga. Assim, cada um fica com os ovos de cada terreiro. Mas o dinheiro junta. Tanto o dinheiro do filho quanto o do pai servem para comprar as coisas. Fica tudo junto ali, mas aí um gosta de uma coisa. Outro gosta de outra. De comer um alimento... essas coisas. Uma comida diferente... aí compra. Mas fica tudo para casa.

P ó E na hora de vender, quem é que vende?

C ó Vem um rapaz aqui buscar. Sempre eles estão aqui procurando para comprar ovos, para comprar a criação. Ele é daqui da Marrecas mesmo. Ele vende lá para fora. Vende em Campos, para o Rio. Tendo produção aqui, ele vem, compra e mata, limpa e leva para vender lá no mercado. Mas isso quando tem bastante. Ele paga a gente por quilo. Ele traz tudo. Traz tudo direitinho! Tem a balança que eles trazem... (Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistada em agosto de 2010)

A estética relacionada à beleza dos traços das aves, valorizados quanto mais diferenciados, constitui outro princípio de orientação para formação e reprodução do *terreiro*, variedade a que corresponde valores financeiros distintos.

C - Aquele galo ali que tem pena na perna, parece que está de bota, ele é mais caro. Se chegar aqui para vender, é 30 reais cada um franguinho. Ele é de raça. É diferente assim... São todos caipiras, mas a qualidade dele... Quer dizer, um dá maior, outro é todo cheio de pena. Mas são todos caipiras. Esse é caipira de raça. Tinha uma galinha assim aqui. Ela é igual a ele, branquinha. Mas é o meu marido que sabe a raça deles. (Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistada em agosto de 2010)

Questionada por mim quanto ao entendimento das subdivisões do *terreiro*, o entrevistado revela outro princípio de separação: impossibilidade de convivência de tipos por disputa do domínio no *terreiro*. Ademais, a separação atende aos objetivos pretendidos do cruzamento.

V ó É brama. Consegui ela com os ovos. Quando pegou para botar no choco... Todas as galinhas que estão ali junto, com aquele galo, quando colocar no choco os ovos dela, vão sair parecidos com ele. Os pintinhos vão nascer parecidos com ele porque ele é o pai. A gente separa para poder tirar a raça. Já no terreiro dali é a raça brama e no de cá é a raça mestiça.

(...)

V - Se misturar elas com as mestiças dá uma confusão danada. Não pode juntar não. Brigam. O galo também não pode juntar dois. Olha, tem um lá e outro do lado de cá. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Na reprodução do *terreiro*, os familiares que se ocupam da criação elaboram princípios de cruzamento de raças, termo que não corresponde à definição elaborada por princípios da Genética, mas à distinção da formação biológica da ave. Daí os entrevistados se referirem à *raça mestiça* e à *raça pura*.

C ó Elas estão todas brigando.

V ó Aí a gente tem que tirar a raça só da mestiça. Cada um filho dessa raça aqui, um macho, custa 50 reais novinho. Eles servem para briga. A mestiça de briga! Mas nós aqui não tratamos disso não, tá? É só a criação! As pessoas que botam nas rinhas lá. Eu já tenho aqui três separados.

C ó Não pode juntar os galos de lá com as galinhas de cá porque dá briga.

V ó Porque os de cá já tomaram conta e os de lá também. Cada um no seu terreiro. Se juntar, dá briga. E também é a raça. A gente está separando as raças. Esse grandão é o brama. Esse marrom é o holandês. E esse daqui é o mestiço.

P ó Então quando separa os pintinhos vão sair todos mais parecidos com o pai?

V - Tudo igual e os daqui saem todos iguais a esse de pescoço pelado. O brama tem o pescoço que parece que está de manta, tem o pescoço bem armadinho. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

Outro princípio distintivo do manejo das criações é a oferta diferenciada de alimentação, além de ora estar mais voltada para o crescimento e ora para engorda, segundo o ciclo de vida e os objetivos atribuídos a cada tipo.

P ó A alimentação tem alguma diferença?

V ó A alimentação do mestiço eu misturo com um outro tipo de ração porque é a raça de briga. Então a alimentação tem que ser forte, para nascer bem saudável, bem bonito e para ter uma venda melhor. Às vezes, ralo o milho e boto uma ração de crescimento. Quando estão fortes, vou mantendo o milho com a ração de engorda. Essa raça é muito maldosa, só serve para briga mesmo. Eu tive que colocar eles todos separados: esse daqui com mais umas três; outrozinho ali com mais três; na gaiola tem mais dois ou três. Tenho que separar tudo, porque entre elas mesmas, elas brigam. Essa daqui está com um machucadozinho na cabeça que foi briga. Tem um buraco. A gente medicou e agora está ficando boa de novo.

P ó Qual é o remédio que você usa?

V ó Quando está em carne viva, a gente põe açúcar. O açúcar vai puxando, até cicatrizar. Quando ela não se dá com nenhuma, ela fica sozinha.

(...)

C - Mas quando elas estão presas aqui, elas comem é mais o milho, a ração, apanha aipim, mandioca... O que a gente tiver aqui, a gente bate para elas. Quando é para os pintinhos, aí a gente tem que bater, dar moidinho. Para os pintinhos, mas só para os bem pequenininhos mesmo. Aí é só ração mesmo. Os pintinhos eu deixo tudo ali separado. Para as galinhas que estão no choco é que não precisa separar. Ela vai e sai do choco para poder comer e aí ela volta de novo.

(...)

P ó Os galos mestiços são fortes assim por que?

V ó Dou uma alimentação especial para eles. Eles comem uma tal de purina.. mas não é a do cavalo. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

A formação e reprodução do *terreiro* também obedecem aos objetivos esperados da postura das galinhas.

P ó Para por ovos, qual raça é a melhor?

V ó A galinha mestiça bota muito mais ovos do que a caipira. Só que a venda desses ovos não tem valor, porque os ovos são miudinhos. A caipira coloca uns ovos grandes, bonitos, e aí a preferência é mais. Eu até posso misturar a mestiça com essa aí para ter uns ovos maiores, mas aí só para uso de venda de ovos. Para rinha não serve. Não pode misturar a caipira com eles. Quando a gente mistura uma galinha mestiça com uma caipira, lá na rinha eles dizem que é galo que não presta para a briga. Eu tenho 4 galinhas mestiças puras. Cada uma é 50 reais, cada um filhotinho novinho. Já a caipira eu vendi por R\$ 4,50 cada pintinho. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Os cuidados com os cruzamentos, como recorrentemente destacam os entrevistados, é fundamental para construir atributos segundo demanda diferenciada de mercado. O *tipo mestiço* que, na valoração do *tipo* a entrevistada agrega *mestiço legítimo* ou *puro* é um caso exemplar. Desqualificando para alimentação pelos atributos inerentes ao treinamento para disputa em rinha.

V - O mestiço, se eu quiser, hoje, na rinha, eu vendo ele por 50 reais. O mestiço legítimo! Só que a gente ficou com ele para a gente não perder a raça, porque os outros estão ficando velhos. Ai, a gente vai deixando um. O mestiço daquele tamanhozinho ali é 50 reais lá em Baixa Grande na rinha. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Dando continuidade às distinções reveladas pelo entrevistado quanto aos cruzamentos na diferenciada produção de mestiços, apresenta-se a *cabu*:

V ó Aquela galinha cinza que é a cabu que fala. Aquela é a cabu que é da mesma raça da mestiça. É mestiça purinha, só que como elas são novas, elas ficam assim. Mas quando elas chegarem quase no ponto de botar ovo, elas ficam assim. Para ela começar a botar ovos ela chega ali com uns 6 meses. Eu quero ela com filhotinho com esse galo daqui. Essa franga cabu com 6 meses começa a produzir. A caipira com 4 meses começa a botar ovo.

O galo mestiço o filhote é 50. Sabe qual é o preço daquele galo? Aquele galo ali ele já pula na rinha. Ele vale 300 reais. Vale isso porque ele já pulou na rinha. Pulou na rinha tem valor! Pular na rinha é participar na rinha. É brigar e não morrer. Aceitar a rinha, não correr. Tem uns que valem 1000 reais. Aqui em Baixa Grande tem uma rinha. A polícia agora esses dias deu uma dura e fechou. Mas depois abre de novo.

Na rinha, é assim: você botou dois galos para brigar. Ali só para quando um morre. Um tem que morrer e o outro sobreviver. Esse é bom mesmo. Agora, os meus aqui não participam de briga, são só para produção. É só para tirar filhos. Os filhos deles que vão para a rinha. Como aquele ali... (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Os efeitos desejados no cruzamento encontram seus limites nas interferências da natureza:

V - Depende também da época que coloca. Tem a época da lua... Não é sempre que ela bota ovo não. Agora mesmo, no frio, elas suspendem a postura. De setembro em diante, elas todas começam, voltam tudo a por de novo. Vai do mês quente até janeiro, fevereiro, março. Até março que está quente. Agora no inverno, elas botam ovo, mas é variado. Muita mistura. A maioria aqui está tudo parada. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

O entrevistado comenta ainda sobre a versatilidade da criação de galinhas: produção para o mercado ou para o autoconsumo. No primeiro caso, deve respeitar certos padrões para o consumo, como, por exemplo, o tamanho dos ovos.

V - Tenho galinha aqui que sempre passa de duas dúzias. Tem galinha que bota uma dúzia e meia e aí pára. Aí choca. E a ração que eu dou é só para manter pelo, manter forte... O ovo é a mesma coisa, só que é pequenininho. Se for puxar para vender, o pessoal: Ah, ovinho pequeno. Não quero não. E aí o que a gente não usa para choco, a gente usa em casa para comer. Ai, a gente não deixa faltar. Não pode faltar. Tem que ficar botando no choco. A gente está chocando uma ai... (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Se o *terreiro* é composto por animais da mesma fase de desenvolvimento, os produtores ficam vulneráveis às perdas, mas também tem sua orientação produtiva alterada, mediante dificuldade de comercialização dos animais em fase de transição ou ainda dos ovos, como, por exemplo, durante a *muda* da penugem.

P ó Cada galinha põe quantos ovos mais ou menos?

V ó Têm galinhas que elas vão até 3 posturas. Tem galinhas que bota 30 ovos. Então, em cada postura, dá uma média de duas dúzias. Tem galinha boa que passa de duas dúzias fácil. Ai, ela parou né, fez a muda de pena. Essa muda vai até ela chegar na postura, chega aí a um intervalo de 15 dias. Depois, tem mais aquele tempo de postura. Vamos dizer que ela seja uma galinha boa de postura... Aí, se for assim, ela bota 12 ovos, 13, 14. Um ovo por dia. Dizem aí que até tem galinha que põe mais de um ovo por dia, mas eu nunca vi. Eu já ouvi dizer que põe dois ovos por dia. Tem também essa que põe ovo com duas gemas. É essa preta ali.

(...)

V - Essa galinha estava em muda. Saiu agora, por esses dias. Ela está pelada. Ela faz muda de 6 em 6 meses. Saiu dessa muda, agora é a segunda postura. Saiu da muda, é a postura que vai mudar.

P ó A pena é da mesma da anterior?

C ó é. É igual. E agora ela tem que terminar a muda para ela voltar a por. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

O saber do produtor, portanto, não pode ser restrito ao trato com os animais no *terreiro*, principalmente se a orientação produtiva ultrapassar os limites desse espaço, como se dá com a comercialização. Assim, o produtor deve atribuir à criação a orientação possível, segundo o acesso às redes de comercialização.

V ó Para vender a caipira o rapaz vem comprar em casa. E a mestiça eu vendo o frango para a rinha. Quando eu tenho, a gente liga para ele. Ele vem e leva tudo que a gente tem. Ele leva para casa e em casa mata e bota no saquinho e vende em Macaé. Bota tudo no saco e leva lá para Macaé. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Do mesmo modo que os *nativos* de Malinowski (1984) demonstraram o investimento que fazem na exibição da abundância e na capacidade de trabalho, a assentada, aceitando meu convite para percorrer o espaço do *terreiro*, fala da variedade de espécies. E assim, revela o sistema de valores e orientações inerente à capacidade produtiva do assentado, articulada à periodicidade atribuída à abundância, nesse caso nem sempre como fruto da relação entre quantidade e custo de manutenção dos animais

da criação, como ocorre na orientação para a venda. Se aquele custo for considerado, pesarão a oferta de ração e o tamanho do *terreiro*, a compra de medicamentos e o tempo dedicado aos animais. A descontinuidade no volume da criação é gerido por fatores que nem sempre dependem da vontade dos criadores. Daí ocorrer certa proporcionalidade entre o número de cabeças de galinhas no terreiro e o número de cabeças perdidas. Por exemplo: quanto mais cabeças, maior a perda diante das andanças de doença. Após a perda de muitas cabeças, há sempre certa desilusão e dificuldades de retornar ao volume anterior.

V - Eu não uso remédio, nem para matar pragas, porque aqui não dá pragas não. Graças a Deus! Mas tem época que as galinhas ficam meio adoentadas. Nessa época, é difícil, perde muitas galinhas. Dessa vez agora, a gente perdeu mesmo. Dá uma gosma, um negócio esquisito nas galinhas. A gente ficou cuidando delas em casa. Ai, conseguimos salvar, eu acho que foram 3. Umazinha morreu. A gente até separou em um cercadinho para não pegar nessas. Eu não sei como é que isso pega, mas dá uma goma na garganta dela. E ela morre porque fica sem poder respirar. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Se o esposo da entrevistada não é socialmente reconhecido como o porta-voz mais indicado para transmitir o conhecimento que possui, ele é chamado a opinar, confirmar, calcular, reiterando a veracidade do discurso já apresentado e o conhecimento equivalente, tanto que a qualquer momento pode ser chamado a dar continuidade na análise do tema. O trecho de entrevista anteriormente apresentado é demonstrativo dessa necessidade que Dona Cristina tem de invocar seu marido, Valdinei, também criador de galinhas, perguntando-lhe aspectos de uma tarefa que ela conhece, não somente porque integra a equipe produtiva do lote, mas porque foi socializada nessa atividade.

A criação de galinhas é uma atividade que sofre os diversos efeitos de alterações tanto das condições naturais do clima, quanto da oferta de recursos financeiros. A amplitude de tempo dedicado ao cuidado a criação interfere na manutenção das condições ideais do *terreiro*, fator acrescido do controle de risco de *andaço* de doenças e ataque de outros animais. Se a lucratividade não corresponde aos investimentos que os produtores realizam, é o gosto, a paixão e a tradição que evocam quando instigados a justificar a manutenção da criação. Dona Cristina comenta essa atividade.

C - É tão bom, tão bonito a gente criar! Distrai tanto a gente! Se soltar, se abrir o portão, você tem que ver a farra que elas fazem! Elas ficam

comendo o capim, comendo as coisinhas, os besouros. Tem que ver. Elas comem as minhoquinhas que tem na terra. (Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistada em agosto de 2010)

Se o *gosto* é evocado quando convidado a falar sobre a criação, os assentados não excluem interesses diversos. O *terreiro* é espaço dividido de acordo com as atribuições de homens e mulheres. Se o espaço do *terreiro* é de domínio dos homens, a mulher o inclui para confirmar sua fala.

C - A gente já criou muito e agora a gente cria menos porque tem a situação também do gasto. Eu acho que aqui já teve...! O quê, Valdinei, mais ou menos? De criação de galinhas, já teve bastante há um tempo atrás. Tivemos muitas, mais de 100 galinhas, mais ou menos, não é Valdinei?

V - (marido responde afirmativo) Diminui porque as coisas, cada vez mais, estão ficando mais difíceis. O alimento, por exemplo, a gente tem que comprar o milho.

C - O Valdinei é um homem que precisa do INPS, não tem condições de trabalhar na roça porque ele tem problema de saúde e aí a gente tem que ajudar ele no serviço. E aí tem muita despesa, é muita coisa. É grande a despesa que a gente tem. É remédio que precisa comprar para ele e aí a gente foi só diminuindo a criação. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

O enfrentamento dessas dificuldades, como destacou Chayanov (1987), é orientado pelo projeto de uso equilibrado de alternativas. Entre a provisão das necessidades do lote e a exploração familiar, os camponeses operavam mediante cálculos qualitativamente fundamentados: menos a quantidade do produto, mais as relações sociais entre os indivíduos implicados na produção e consumo. Como afirma o autor, para satisfação de suas demandas, o produtor investe tanto na diversificação mercantil quanto no autoconsumo. Assim, não há norma comum, pois as alternativas são elaboradas caso a caso, tal como demonstra o casal de assentados diante do cálculo da permutação.

P ó O senhor fica anotando quando vai colocar a galinha no choco ou já sabe de cabeça?

V ó A gente calcula mais ou menos. E aí, quando a gente bota na força da lua, é uma beleza porque ajuda no nascimento. A lua cheia foi na semana passada e aí foi quando a gente colocou. Às vezes é preciso de ajuda. Precisa da gente ajudar para nascer. O ovo racha por causa da lua. A força da lua ajuda a rachar o ovo mais rápido. E na minguante tem que ajudar os pintinhos a saírem do ovo. A lua minguante é a que dá mais trabalho, porque precisa da ajuda para nascer.



É aquele negócio: somos pobres, temos vontade, mas não pode criar muito por causa do consumo, fica caro. Ai, a gente vive aqui, mas é difícil poder andar. Não dá certo. Nós não temos ajuda e aí nós somos obrigados a fazer de tudo um pouquinho.

C - Tenho vontade de ter. Aqui, eu já tive 100 galinhas. Agora, só de caipira, hoje, têm umas 70. Mas eu já tive mais mestiças. Só de caipira eu já tive mais de 100 galinhas. Era muita coisa! (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

Para os assentados, a relação entre a diminuição dos custos pelo autoconsumo intermediário, equivalente à redução dos gastos com consumo monetarizado não pode ser perdida de vista. Reconhecem que, se não podem dotar-se das condições adequadas à manutenção da criação, o orçamento mercantil sofrerá, em virtude dos efeitos das perdas do número de cabeças. Assim, investir no tamanho do *terreiro* não é apenas um aspecto da divisão espacial do lote, mas do tempo dedicado à criação, da disponibilidade de mão de obra para cuidado dos animais, bem como do acesso a recursos para compra de insumos: medicamentos e ração.

C- Não. Eu compro o milho. Antes a gente tinha uma roça de milho, mas aí a gente não fez mais por causa da dificuldade de dinheiro. E com a venda da galinha não dá para repor esse dinheiro que gasta, porque o que agora nós criamos não é muito e também criação aqui não é tão cara, vende barato. Aqui no nosso lugar é tudo muito barato. Se for passar à frente, é tudo muito barato. A pessoa não tem condições também de comprar da gente pelo valor que vale. E aí, dá muito trabalho, consome muito e na hora de vender o preço não vale. O preço é muito baixo. (Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistada em agosto de 2010)

A diversificação da criação e dos sistemas produtivos no lote pelo assentado reflete não apenas o cálculo que realizou, mas o valor de mercado que cada produto apresenta. Desse modo, a escolha dos *tipos* e *raças* que irão compor o *terreiro*, muitas vezes, traz à tona categorias contrapostas, tanto em relação à origem, quanto ao tamanho, ao padrão de coloração; à forma da crista; ao alimento consumido; ao tempo e capacidade de postura; à disponibilidade de espaço para proteção dos animais; e à orientação produtiva, isto é, se destinados a mercados ou abatedouros locais ou à rede de vizinhança. Esses atributos são avaliados nos termos expressos na narrativa a seguir apresentada, evocando os *tipos* de galinha encontrados em sua unidade de produção. Nesse sentido, os produtores optam por variedades estéticas, mesmo que sem valor econômico; e evocam a beleza do *terreiro* como meio para obter vários produtos e

volumes de produção. Os trechos de entrevista a seguir exemplificam o sentido da interpretação que apresenta:

V - O terreiro aqui era bem maior! Era enorme. Tinha bastante, na época. Era enorme. Era até ali, olha... Até o pé de coco. Hoje está menor. Aí, dá muita briga com as galinhas. Se ficar junto com a mestiça, aí briga muito. A mestiça briga com as outras. Não pode ficar junta. Briga até matar. Aí a gente não deixa juntar não.

(...)

P ó A senhora cria que tipo de galinha?

C ó É galinha da roça. Eu não crio outra galinha que não seja da roça não. As galinhas da roça são galinhas caipiras. As de granja são galinhas diferentes. A galinha caipira tem essa carijó, tem uma carijó que é branca, outra que tem manchas pretas... Tem a cinza e tem a carijó, que falam que ela é a carijó poedeira. Essa é toda branca com manchas amarelas. Tem a cabocla também. Ela é vermelha riscada com preta. Tem a mestiça, mas essas são mais pretas. Umhas galinhazinhas pretas. A caipira tem a preta e tem a vermelha. Tem a Macaé, que é a preta e branca; e a cabu, que é preta com cinza. Aqui já teve dessa já. Aqui também tem a caipira que é branca

V - As galinhas de granja são maiores. As pessoas conhecem pelo tamanho. O resto é tudo igual. Tem uma que tem a crista maior, mas a caipira também tem. Tem umas que tem a crista pequenininha. Tem outras que tem a crista maior. A maior que tem é a carijó. Tem a topetuda também... A galinha topetuda é bonita também...

C - Essa galinha aí também é caipira, só que não é mestiça. É da mesma raça do galo, olha! Nasceu com a cor diferente do galo e com penas diferentes nos pés. A galinha poedeira eu não tenho não. Esse grandão aí é também caipira. É um galo bonito pra caramba. Mas ele cresce mais ainda! Chega ao tamanho daquele outro lá... uns dois quilos, três quilos. Tem até de quatro a cinco quilos. Mas esses daí a gente não vende não. Esses daí a gente tira filho. Para vender, o pessoal aqui sempre compra com dois quilos. Às vezes pedem um de 1 ½ quilo, para poder não pesar muito porque, às vezes, não está com dinheiro. Pedem com menos! Aquela galinha pintadinha... é caipira também. Eu só tenho aqui galinha caipira.

(...)

V - Olha aquela galinha meio cinza que tem ali, o ovo dela é azul! Elas são todas de raça. Não vem de fora não. Quando eu comecei, a primeira veio... Foi ele (o esposo) quem começou a criar primeiro. E aí a gente começou a comprar do pessoal daqui mesmo. Tudo daqui, não vem de fora não. Elas são tudo a mesma coisa. Só que umas têm menos carne do que outras. As daqui tem mais carne. Tem mais peso. São mais pesadas. A mestiça quase não tem peso. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

O saber acumulado para o cuidado da criação é reconsiderado por contraposição a saberes construídos em outros contextos, segundo princípios diversos. Os trechos de

entrevista a seguir demonstram esse processo de reordenamento e adaptação de saberes objetivados para assegurar a reprodução da criação.

V ó A gente não trata galinha com ração de postura. Existe né, mas fica caro. A renda da gente é pouca. Então a gente dá aipim. A gente bate bastante aipim e o milho, o milho fica mais fácil para elas comerem e rende mais. Elas também gostam de coco. A gente abre um coco dá para elas comerem. Mamão maduro também elas comem. Olha só este coco como elas deixam! É só abrir assim... Elas comem até ... Mas o alimento forte, bom mesmo para elas é o aipim e o milho triturado. Sendo que o aipim é melhor dar quando ela estiver na postura. Ah, aí ela bota muito ovo. Aipim é forte! Se der só o milho quando ela estiver na postura, têm dias que bota, tem dias que não bota. Mas o milho é fundamental. Você não pode deixar de dar o milho por causa da gema. Se você não der o milho, sai uma gema branca. E a gema, para ela ficar vermelhinha, tem que dar o milho. Tem que ter um equilíbrio de milho com o aipim! Tem que ter! Tem que ter... (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Woortmann e Woortmann (1997) demonstram que o trabalho da terra é, concomitantemente, o trabalho da ideologia e da produção do sustento, o desenrolar de um rito específico que descreve o processo de gestão de recursos naturais. Para eles, a produção de saber prático e sua aplicação incorporam categorias de entendimento a partir da valorização de modelo produtivo, que os produtores elaboram como expressão de relações entre homens; e destes com os recursos naturais e seus instrumentos de trabalho. Nesse sentido, como se observa para os produtores assentados no PA Che Guevara, cada etapa do processo produtivo é desenvolvida a partir de conhecimentos e estratégias articuladas ao processo de trabalho global, voltadas para a otimização de recursos.

Dentre os autores que se dedicaram ao estudo do processo de transmissão do modo de vida entre agricultores, Elder *et al.*, (1994: 113) revelam que a esses agentes é negada a autoria de processos de interferência na sociedade, mediante sua incapacidade de reflexão e, assim, de produção de saberes inerentes ao contexto específico de aplicação de técnicas de manejo. Esses autores, valendo-se de estudos de caso de genealogia de várias famílias, trazem à tona as condições pelas quais, a cada geração, confrontando-se às alternativas de abandono ou não do modelo de vida rural, os filhos de agricultores integram-se a processos de sucessão. Segundo eles, as influências familiares desempenham um papel formador na socialização das escolhas da profissão e da residência, tanto quanto as possibilidades abertas por uma exploração próspera ou um trabalho agrícola lucrativo.

O trecho da narrativa a seguir destacado deixa transparecer o sistema de crenças enquanto contribuição fundamental para que os filhos invistam na manutenção do modo de vida.

V ó Têm galinhas que elas vão até três posturas. Tem galinhas que bota 30 ovos. Então, em cada postura, dá uma média de duas dúzias. Tem galinha boa que passa de duas dúzias fácil. Ai, ela parou né, fez a muda de pena. Essa muda vai até ela chegar na postura, chega aí a um intervalo de 15 dias. Depois, tem mais aquele tempo de postura. Vamos dizer que ela seja uma galinha boa de postura... Ai, se for assim, ela bota 12 ovos, 13, 14. Um ovo por dia. Dizem aí que até tem galinha que põe mais de um ovo por dia, mas eu nunca vi. Eu já ouvi dizer que põe dois ovos por dia. Tem também essa que põe ovo com duas gemas. É essa preta ali. Eu já ouvi história também de não poder comer esse ovo. E não pode também uma pessoa só comer. As pessoas falam que faz mal, que o filho da gente nasce colado com duas cabeças. Não sei, é o que dizem. E ai, esse ovo a gente não bota no choco. E às vezes a gente come, mas ai, na hora que vai comer, divide para duas pessoas. Você come uma gema e eu como a outra. Para o choco não pode. Eu não sei porque... Nunca botei. Eu respeito isso. Será que nasce? Será que nasce um pinto com duas cabeças? Meu Deus! Com duas cabeças? Quatro pernas? Eu tenho remorso, sabe. Eu tenho remorso porque eu venho seguindo isso desde os meus pais, desde a tradição e aí eu tenho medo de nascer um pinto com duas cabeças. Aqui, só tem uma galinha que põe ovo de duas gemas, que é essa preta que eu falei para você que está no choco. É coisa grande... coisa linda.

(...)

V ó Você pode até interromper o período em que a galinha está botando ovo para poder comer. Não tem problema não. Só não pode comer ela choca. Porque uma galinha choca não pode matar para comer assim não. Dizem que dá problema. Dizem os mais velhos... Os meus pais dizem que quem come a galinha choca fica doido. Fica doido! (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Adotando a mesma perspectiva analítica de Elder *et al.*, (1994: 103) para os produtores em tela, as condições de reprodução do modo de vida rural são explicadas a partir do sucesso econômico da produção agrícola, mas também pela existência, de fortes laços de afeto entre pais e filhos, fator que, neste caso, contribuiria para a constituição do ôgosto por um modo de vida idêntico ao de seus pais.ö

Cabe ressaltar que o saber oficializado e compartilhado pelos produtores nem sempre decorre de um processo individualizado de experimentação, principalmente se transmitido integralmente pelos mais velhos e, nesse tempo, aplicado e considerado como eficaz.

Contudo, realizar experimentações é fundamental para o reconhecimento do produtor como um exímio conhecedor do processo de trabalho. Esse saber experimentado é somado ou contraposto ao saber acadêmico, trazido até os produtores pelos extensionistas ou via instituições de ensino, que oferecem cursos voltados à capacitação desses agentes sociais. Assim, os produtores vão demonstrando a preocupação em acertar e assegurar a efetivação do projeto que elaboraram enquanto assentado.

V ó Pela ciência, a gente descobriu que a folha de banana não serve. Porque com poucos dias que ela está ali no choco, nasce muita praga. Dá umas coisinhas brancas e, se você facilitar, elas matam a galinha. Chupam o sangue da galinha todinha. E já esse capim-cidade, a gente descobriu que ele não dá praga. Quanto mais aquecimento, mais rápido e os pintos nascem com saúde.

P ó Como o senhor construiu esse terreiro?

V ó Essas estacas são de eucaliptos tratados. Esse daqui eu já completei com hacha. Eu mesmo que fiz.

(...)

A gente coloca os depósitos aqui. Aproveita, limpa, coloca o cloro, que é bom colocar na água. E tem também a borra de café. Isso a gente põe na água para poder evitar de dar essa doença que dá nelas. É assim: O pó de café você cõa o café, aproveita o pó. Aquela rampinha, aquilo ali é bom, tem uma escadinha que elas sobem ali para chocar. A gente coloca também uns pneus que elas botam o ovo ali dentro. Elas gostam de colocar o ovo ali. Elas não gostam de colocar ovo solto não. Tem que ter um cantinho para elas colocarem. Aí elas ficam separadas nesse cantinho, porque se for junto, elas ficam brigando. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistado em agosto de 2010)

Tal como o saber que é transmitido pelas gerações, também é recorrente dentre os produtores a transferência de alguns animais aos filhos, objetivando a socialização deles com a criação em seu exercício mais direto. Por outro lado, se os animais não forem frutos do processo de reprodução da matriz da criação, sendo adquiridos mediante compra ou laços de troca entre os produtores, aplica-se então o princípio da autonomia do processo de escolha das variedades e a orientação produtiva.

P ó Durante esse período, veio alguém aqui para dar alguma assistência ou algum curso para vocês?

C ó Às vezes vem.

P ó Para a criação de galinhas de vocês teve alguma ajuda?

V ó Não. Nada.

P ó Nem para orientar para botar remédios?

V ó Não. Nada disso. Somos nós mesmos que nos viramos. É tudo a gente. (Valdinei, 45 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina e

Cristina, 40 anos, agricultora, há 11 anos no PA, lote 24, entrevistados em agosto de 2010)

Como já anteriormente mencionado, os investimentos cognitivos são variáveis diante dos limites de reprodução social do grupo, impostos quase sempre por agentes externos ao respectivo sistema de relações sociais. Assim, conclui-se que o entendimento do processo de construção desse saber prático não pode ser elaborado a partir de elementos isolados ou dados em si, mas pela compreensão do sistema de posições que os agentes ocupam (Brandão e Ramalho, 1986).

A apresentação e o reconhecimento desse sistema de saberes práticos fundamentais à gestão do lote e à efetividade do projeto enquanto assentado colocam-me na contra-mão da via de acusação e de desqualificação na qual os assentados encontram-se atualmente submetidos. Os dados analisados são reveladores dos modos de construção de saberes entre os assentados rurais. Não se pode perder de vista que são construídos a partir de investimentos diversos, enquanto tentativa de superar constrangimentos e limitações impostas pela aquisição de recursos naturais, principalmente a terra, considerada como em completo estado de degradação. Destaco ainda que o processo de construção desse acervo de conhecimento é contextualmente referenciado e, portanto, orientado segundo princípios específicos que configuram o espaço social da produção de saber.

## **V.2 - O *inteligente* produtor de cana de açúcar**

Senhor José Quissamã, 68 anos, ex-trabalhador da usina, é considerado como exímio conhecedor da produção de cana de açúcar pelos assentados no PA Che Guevara. Esse reconhecimento faz com que ele seja aceito como alguém que está autorizado a ensinar o saber prático fundamental à gestão dos recursos naturais. Esse papel diferenciado frente aos demais assentados lhe é atribuído porque, durante sua vida, teve uma contínua vivência em Marrecas e, por isso, pode acompanhar, não apenas pela observação mas também pela colocação em prática, os diferentes usos dos recursos hídricos, edáficos e florísticos da região. Esse processo de acumulação é correlativo a sua história de vida, o que lhe possibilitou ser portador também da história da apropriação da natureza local.

Como aponta Ortiz (1971), não há razão para assumir que, em qualquer sociedade, exista um sistema de valor no sentido de uma ideologia que impulsiona o indivíduo e o coloca em ação. Os produtores são movidos a partir de suas próprias experiências de vida, colocadas em prática no contexto sócio-ambiental e econômico que integra.

Acompanhar de perto as mudanças ao longo do tempo, segundo diferentes posições no quadro de trabalhadores da usina, permitiu que Seu Quissamã pudesse produzir um conhecimento mediante o estabelecimento de contraposições entre o tempo da usina e o tempo atual, entre o tempo da abundância de água e o tempo da escassez, o tempo da irrigação e o tempo da água controlada, o tempo de auge e o tempo de falência da usina.

Como entre os Nuer, analisados por Evans-Pritchard (1978), que correspondem a tribos localizadas em terras distintas (terra de origem - oeste do Nilo; os migrantes para o leste - perto e ao sul do rio Zeraf), as condições do tempo e do espaço orientam as formas de apropriação dos recursos e regem seu sistema social. Mas também se correlacionam com o seu sistema de valores e constituem uma das respostas possíveis a este ambiente. Desse modo, ao descrever os conceitos Nuer de tempo, Pritchard distinguiu entre conceitos de *õtempo ecológico* (reflexos das relações com o meio ambiente) e conceitos de *õtempo estrutural* (reflexos das relações mútuas constitutivas da estrutura social). Contrapondo esses conceitos, o autor demonstra que o tempo ecológico está regido por mudanças cíclicas na natureza e como o homem responde às limitações numa escala de tempo anual, migrando de aldeias para acampamentos no tempo das cheias e das secas. Nesse sentido, as relações que Seu Quissamã estabelece com o ambiente local, mediante a colocação em prática de um conhecimento próprio, individualizado, permite-lhe avaliar os benefícios e as desvantagens de suas práticas, organizando-se e gerindo os recursos do lote da melhor maneira possível.

Outrossim, Seu Quissamã, na medida em que galgava diferentes posições, acumulava, na prática, um saber que é reconhecido. Ter exercido todas as funções possíveis na usina, de clandestino a trabalhador fichado, foi aspecto fundamental e trajetória privilegiada relativamente aos demais assentados, porque muitos destes são desconhecedores da região.

Sobre esse aspecto, ao analisar os processos de profissionalização do trabalho do agricultor, Galeski (1979) coloca em destaque as formas de aprendizagem de saber em conexão com o *lugar* do indivíduo, de tal forma que esse conhecimento permite criar identidade e reconhecimento.

Assim, ao percorrer todas as funções que poderia alcançar como trabalhador, acumulou um conhecimento detalhado e amplo que lhe permitiu, no processo de constituição do assentamento, escolher o lote com as condições mais favoráveis. Afinal, era conhecedor das limitações locais. Portanto, é portador de um conhecimento coletivo ou historicamente construído, que lhe permite ainda prever usos e os efeitos da utilização de determinadas técnicas e instrumentos de trabalho. Seu saber é diferenciado porque o é também o sistema de posições que ocupou como trabalhador durante sua história de vida.

Iniciando sua socialização na função de bombeiro, percorria as terras da fazenda à procura de água para servir aos cortadores de cana em deslocamento no canavial. Não apenas precisava achar o local de oferta, mas também selecionar a qualidade desse recurso. Em geral é uma função atribuída aos meninos ou aos mais velhos, por não exigir tanto esforço físico para sua realização, porque se restringia à localização das fontes de água e à serventia aos trabalhadores nas lavouras de cana. Nesse contexto, pode acumular um conhecimento não apenas dos lugares de água potável, mas ainda da não potável; enfim, sobre o ambiente, tendo em vista que não é em qualquer lugar que a água se encontra disponível. Seu profundo conhecimento sobre o ambiente de oferta de água é demonstrado no trecho de entrevista:

P - E aí o senhor trazia de onde esses galões de água?

J ó Trazia de longe... de onde está aquela cana ali e levava lá para muito longe... Muito longe. Lá onde tinha um coco... Era um pau com uma caçamba na ponta. Chegava lá enchia e ia embora. Tinha água a vontade. Não faltava água. Era a melhor água que existia. E hoje está difícil. Depois que passou a irrigação, que botou vinhoto na vala para adubar as roças, aí foi acabando com a água daqui. Eles passaram o vinhoto, o lodo da usina que era daquela cana que moía, aquele caldo ruim. Então vinha tudo por essa vala.

P ó Essas valas que tem aqui contornando o lote?

J ó É... Isso não é só daqui não. Essa daqui, na hora de um chuveiro joga para o Capão Redondo.

P ó Aqui passava bastante água?

J ó É, mas isso era na hora de um peso de água, um peso de chuva, entendeu? Isso aqui não era para irrigação. Já aquela lá, ia enchendo a água para não embebedar as plantas. Aquelas valas só viviam cheias. E tinha uma bomba lá no rio Colégio. Enchia dia e noite. Então conservava cheio. Lá no Rio do Colégio. E então aquela bomba ali jogava água dia e noite. Ai, o solo ficava bom porque a água estava pertinho. Mas depois que acabou esse negócio, essas areias aí onde botavam a água com vinhoto... Acabou. Porque, com uma seca dessa... Está quase três meses sem chover... por aí. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)



É também exímio conhecedor da diferença entre os tipos de solo e sua declividade, da oferta de água, segundo as condições climáticas, períodos de chuvas e de secas. Um saber que lhe permite, por contraposição, afirmar que durante o sistema de irrigação da usina, mediante a construção de valas e valados, tinha-se o controle da oferta de água na lavoura; controle este relativamente às terras submetidas ao alagamento nos períodos das chuvas abundantes. Em resposta à provocação, José Quissamã sistematiza seu conhecimento a respeito da adequação do cultivo ao solo.

P ó Teve alguma vez que o senhor plantou e não conseguiu colher a mandioca?

J ó Não, é muito difícil perder. Agora, por causa do mês, até pode perder. Com enchente também a gente perde! Mas até que enchente não houve não!

P ó O senhor nunca perdeu o aipim com a enchente não?

J ó Não. O aipim eu só planto em lugar alto! Os baixos são para plantar cana e as coisas que agüentam água! Então, o aipim já coloco no alto. Coloco no alto por causa disso! Agora estou vendo essa bananeira velha aqui para deixar essa raiz dela ali morrer e depois fazer outra plantação. Daí, a gente faz um pé de abóbora, um de melancia, para aproveitar esse mês aí que vem agora.

P ó Então o senhor aproveita para não perder nada, é isso?

J ó É. Tem pegar areia aqui e pegar areia lá. Tem o pé de manga ali também. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Seu Quissamã conheceu desde jovem o ambiente, percorrendo e se valendo do olhar de coletor para reconhecer os recursos. Percorrendo desde cedo a área da fazenda onde os trabalhadores cortavam a cana, pode conhecer bem o ambiente em termos de oferta de recursos naturais.

Trabalhando como aradista, pode acumular um conhecimento sobre o solo pelo aumento da responsabilidade do trabalho que realizava. Este conhecimento lhe permitiu estabelecer relações entre o tipo de solo e sua capacidade produtiva, valorizando os diferentes *tipos*. Assim, vai assumindo um patrimônio individual de saber sobre a natureza e tipo de solo, como é demonstrado no trecho a seguir:

J ó A areia é o seguinte: a areia é uma terra mais folgada e a terra preta, terra barra, é uma terra liguenta. No barro vai empoçar um pouquinho a água e na terra ela vai embora.

P - Terra liguenta é o que?

J ó É a terra que é mais ligada que o barro. O barro tem cola. Então a água filtra, mas filtra e tem dificuldade. E na areia não. A água vai embora. E essa cana que tem aí até hoje está sobrevivendo nessa terra porque aqui tem água, o terreno é mais baixo mesmo. O solo sendo

baixo favorece. Aqui é alto. Isso aqui é ressecado. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Esse saber sobre o solo permite a ele reconhecer e valorizar os diferentes *tipos*, como, por exemplo, o solo *mituca*. Essa mudança de posição, permitiu ao Senhor José Quissamã, também a mudança do ponto de vista, principalmente devido à socialização no trabalho. Assim, de cada função que percorreu como trabalhador da usina, pode acumular diferentes tipos de perspectivas de gestão dos recursos e estabelecer comparações a partir das situações que vivenciou. Com o conhecimento adquirido, pode, inclusive, avaliar as formas de apropriação dos recursos dos outros assentados, como é o caso da *queimada de pasto*.

J - A cana para caldo está produzindo bastante porque está numa área de mituca, que é uma área de solo de barro que em cima é seco, mas que cavando um ou dois palmos para baixo, você encontra um barro fresquinho que mantém a cana. Esse solo cobre aqui uns dois lotes. Na verdade, o solo cobre todo o Capão Redondo que é uma área alagadiça. Aqui no lote, a área do terreno da frente é uma área de areia e que não dá para colher nada. E o vizinho botou fogo no pasto acreditando numa chuva que não veio. Esse pasto ele vai perder. A queimada é bom de se fazer no pasto quando chove em dois ou três dias depois porque aí brota toda a vegetação. Então, além de perder o pasto que estava ruim, ele não vai ter a produtividade que era esperada para o alimento do gado. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Evans-Pritchard também demonstra em seu livro os Nuer o saber desse povo sobre o conhecimento do espaço e como este saber influencia na tomada de decisão sobre a melhor forma de aproveitamento possível. Como ficou demonstrado, para os Nuer, as condições edáficas locais interagem entre si de modo a compor um sistema que condiciona a vida e influencia a estrutura social. De tal forma que, no período das enchentes, migram para a aldeia que oferece proteção contra as inundações e que é propícia ao desenvolvimento da horticultura; enquanto que, no período das secas, migram para as terras mais altas dos acampamentos. Assim, como no caso dos assentados rurais no Pa Che Guevara, esses movimentos<sup>31</sup> dos grupos são marcados por uma temporalidade que varia de acordo com a sazonalidade.

---

<sup>31</sup> Balandier (1969) apresenta uma análise a respeito da diferença entre mudança e transformação. A primeira delas realiza-se enquanto uma alteração desejada e que pressupõe um planejamento anterior. Em

José Quissamã, valendo-se de contraposições, demonstra o conhecimento sobre a fauna, apontando as mudanças a partir da redução de algumas espécies e do aparecimento de outras, segundo as alterações na paisagem.

P ó Na época da usina, tinha muito pássaro aqui?  
J ó Não. Isso aqui é lugar de pouco pássaro. Isso aqui é lugar de brejo. Ali, tinha na água algumas marrecas. Agora, essas aves que têm aí para fora aqui não existia.  
Filho ó O que tem muito é eucalipto... Tinha... a gente foi acabando com eles.... Ai, depois, eles tiraram o eucalipto para plantar cana. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

O conhecimento que gradativamente Seu Quissamã foi acumulando, não se restringe ao solo ou aos recursos hídricos. É, igualmente, um conhecedor das plantas e sabedor da melhor forma de manejo desse recurso, como fica demonstrado ao falar do mato, reconhecendo diferentes tipos de capim (*grande, mole, ruim, duro*) segundo sua possibilidade de utilização na alimentação do gado.

O conhecimento que acumulou nesta função permite que, na posição de assentado, avalie as condições do passado. No trecho a seguir, Seu Quissamã fala da perda da diversidade de peixes a partir da implantação do sistema de irrigação da cana pelo usineiro para aumentar a produtividade do solo.

J - Tinha muito peixe aqui. O pessoal fala aí que tinha muita tainha, mas agora fracassou um pouco. Aqui tinha acará, tilápia, traira, sairú que é um peixinho branco. Era tudo nativo. Tinha muita quantidade porque tinha o rio né. No rio tinha muita coisa. Quando puxava a água do rio, ele ia entrando na bomba e vinha para as valas. Muita gente apanhava aqui mesmo dentro das casas. Até as crianças pegavam! Botavam mijoada e pescava. Mijoada é botar a rede e deixar para apanhar no outro dia. Às vezes apanhava o peixe com o juquiá, mas quando a água estava mais baixa. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Trabalhando na usina como fiscal de turma, *acompanhava de perto* os trabalhadores durante o plantio da cana. Pode tomar parte de todo o processo produtivo deste cultivo, desde o momento da escolha do solo e da seleção das variedades melhores adaptadas, até a oferta de água e o ciclo agrícola de acordo com as condições climáticas. Assim, o entrevistado fala do aipim *manteiga* ou *amarelo*, do aipim *preto* e *pretinho*

---

contrapartida, a transformação decorre de movimentos que conjectura uma operação da própria estrutura que compõe o sistema.

*verdadeiro* e do aipim *vermelho*. Mas seu conhecimento não se restringe a este sistema produtivo, como fica demonstrado no trecho abaixo, quando provocado a falar sobre este outro cultivo:

J ó Plantei o aipim agora para não perder a peça de aipim.  
P ó Eu não sabia, porque o aipim a gente compra e, às vezes, está ruim, está duro. Então é porque está velho já?  
J ó Isso é malandragem. Tem gente que pega o aipim branco, que não é bom e bota até dentro de uma água para ficar escura para vender como o pretinho.  
P ó Então seu eu quiser comprar o aipim bom...  
J ó É o pretinho! É muito bom. O aipim branco também é bom, mas tem a época dele, a época de colher. Ai, essa mangueira vem de lá para molhar lá. Mas eles molham com esgoto! Disse que tem que ser na água preta e se não ajudar a molhar as plantas, Deus castiga.  
P ó É! Mas senhor José Quissamã, é preta a casca dele?  
J ó A casca dele é! Tem gente que compra aipim branco e bota na lama para ficar escuro.  
P ó Quando colhe e tira a raiz, também é mais branquinha se for a do aipim ruim?  
J ó É branca! E ele põe ali uma água, ou seja lá o que for, aí ela fica escura! E quando tem aipim com cicareli, também não amolece. Então, às vezes, vem o comprador e compra uma roça ruim. Ai, passam cinco, seis meses e ele nem esquentar a cabeça. Não vai colher.  
P ó Tem que ficar quanto tempo para poder colher um bom aipim?  
J ó Fica de 8 meses a um ano para poder colher!  
P ó Aí colhe uma vez só?  
J ó É! Aqui, eu plantei para não perder a rama.  
P ó Rama que o senhor fala é o que?  
J ó É esse pauzinho aqui que, quando a gente tira, é só plantar em outro canto.  
P ó Tirou assim? É assim que tira o aipim pela raiz? E ai, aquela rama que sobra, enterra de novo?  
J ó Se tiver numa época boa, planta a rama em outro canto!  
P ó A época boa é quando?  
J ó Junho e julho.  
P ó É porque é frio?  
J ó Não, é frio! Ela pega porque são os meses dela! Olha, janeiro é muito bom para aipim, mas é muito quente e se plantar, perde!  
P ó Então aqui em junho e julho são os melhores meses para o aipim?  
J ó São os melhores!  
P ó Está com tudo pegadinho aqui na roça né?  
J ó Aqui, esse pé eu ia cortar, mas vou deixar ficar mais de vez um pouco.  
P ó E o senhor, com o aipim, está fazendo consórcio com a banana?  
J ó Não. Aqui, minha filha, a terra que a gente tem, tem que aproveitar de tudo, entende? Porque tem gente... Tenho quantos hectares de banana? Meio hectare! Mas tem gente que não sabe o que tem dentro. Não dá! Não tem como!  
P ó Então aqui o senhor então vai misturando com um pouquinho de cada coisa?

J ó Eu vou embolando. Aqui, olha, para plantar a mandioca aqui no meio da banana, não presta!

P ó Ah não?

J ó 25 mil, como é que não presta?!

P ó A árvore ela tomba assim e aí o senhor deixa ficar tombada?

J ó Não, é porque o pé caiu, cortou alguma coisa e caiu. Então, eu tenho um hectare de banana, mas porque que não planta no meio? Porque não quer!

(...)

P ó E não fica ruim plantar o aipim com consorcio?

J ó Depende da planta, depois que ela cresce, depois que ela fechar por cima, aí faz sombra nas outras plantas e, assim, não vai dar boa rama! Mas é momento! Enquanto está pequenininha, pode plantar. Pequenininha pode! Olha aqui... Está vendo?! Eu fiz. Tem que saber aproveitar as ramas! (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em agosto de 2010)

Na função de vigia do barracão e de administrador, obtem o reconhecimento, por parte do usineiro, de sua qualidade profissional, o que só foi possível mediante posse do conhecimento necessário à gestão dos bens do patrão. Se essa posição lhe favoreceu, por outro lado também lhe prejudicava porque, frente aos demais trabalhadores, estava em condição desfavorável pois, a todo momento, era forçado a gerir situações conflitantes entre seus vizinhos trabalhadores. No trecho abaixo o assentado descreve uma situação conflitiva que vivenciou naquele momento:

J - Quando a usina acabou, quando a usina foi fracassando aos poucos, eu trabalhava aqui como encarregado de turma. Tomando conta de turma. É o pior serviço que tem. Porque a gente não pode ser bom com todo mundo. Por qual motivo? A gente é bom e não pode ser bom. Mas precisa haver o respeito porque, se eu trabalhar com uma pessoa que ele não me respeita, eu não posso ser bom com ele. Tem que chamar a pessoa para perto, explicar a verdade, mandar ele para casa uns dois ou três dias, para quando ele voltar, saber obedecer o chefe. Porque senão não respeita a gente. Tem gente que é de encrenca mesmo. Às vezes, parava a turma para conversar. Mas acontece que eu era encarregado e tinha o administrador verdadeiro que rompia a fazenda. Via o pessoal lá parado. E é o que, José? É o fulano. Ah, e você não age com ele por que? Você está aqui para isso. Está bem, eu falava. Daí eu passei a ser vigia. Fui ser vigia do barracão lá do coleginho, perto de onde tem a usinazinha do assentamento. Trabalhei um 7 anos de vigia. Voltei a ser fiscal e corria a fazenda. Depois, fracassou a administração e fui ajudar a tomar conta da turma e, no final, foram mandando o povo embora porque não tinham condições nem de pagar o povo. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Na função de administrador, posição privilegiada de observador, mediava a relação entre agrônomos e trabalhadores da lavoura de cana. Nesse contexto, era responsável pelas adequações entre o saber acadêmico dos agrônomos e o saber prático dos trabalhadores da lavoura. Assim, tinha um domínio prático e fundamental à execução do trabalho.<sup>32</sup>

J - Eu vim ser administrador. Tinha ali uma lagoa dentro do canavial que arregaçava a água, rompia por cima e ganhava o canavial. Tinha água por aqui, no meio da perna. Então, um dia a gerência me chamou junto com o dono e perguntou para mim: José, não tem jeito de acabar com essa água daqui não? Eu disse: - Jeito tem, só não me cabe. Cabe a fulano que é mais forte do que eu. É ele aí que manda. Aí ele ficou me olhando... O que eles fizeram? Foram para lá e botaram umas férias para o administrador, e me mandou tomar conta da fazenda. Quando foi uns quatro dias ou três, ele falou: José, agora a água ali você tira. Vou te dar a reta e você bota isso seco e me deram alguns operários para me ajudar. Abri uma vala de fora a fora e dentro de pouquinho tempo a água já estava lá no campo. Do rio do Colégio para cá era uma lagoa só. Só que impedia a cana porque não podia apanhar. Foi aí que ele perguntou para mim se tinha jeito. Disse: tem. E aí, como é que faz? E acabou ajudando porque ele é mais forte do que eu. E eu não vou me submeter na retaliação de outro. Aí, deu uma retro ao rapaz e me botou para trabalhar. Depois ele começou a me cobrar para tirar água. Pedi a retro ao rapaz e fiz o serviço. Eles aprovaram e invocaram comigo para eu ficar na administração da usina. Não era ruim trabalhar na administração porque a administração é o seguinte: você tem uma solução para mandar para a turma. Olha, fulano, chegou uma coisa assim e assim e assado. Você manda tantos homens para tal lugar, tantos para tal lugar. Manda fulano deitar a cerca, apanhar o cavalo e cair fora. Então, eu sei que fui eu que fiquei na administração e o que eu aprovei, quiseram mandar o homem embora. Outro ainda não é aposentado não. Ele vai aposentar amanhã ou depois. Se ele não for trabalhar, se precisar de uma pessoa para quebrar um galho aí. Ele é até melhor do que eu, eu concordo. Agora, você manda ele embora para eu ficar. Eu não quero! O homem ia ficar me olhando. Então não quis. Ele aposentou. Ele saiu de lá e eu entrei. Mas só que este homem está de mal comigo até hoje por falta de compreensão dele. E isso já tem uns 15 ou 20 anos. Porque se você tem uma propriedade, não é ele nem eu que mandamos. Quem manda é você. Você que manda. Você que tem uma fazenda sua. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Pela sua trajetória, incorporou também os saberes sobre as técnicas de manejo dos recursos, mediante o trato direto com os instrumentos de trabalho para lidar com a terra, cuidar dos sistemas produtivos e criações, principalmente incorporando os mecanismos de controle de pragas e condições adversas. É um saber que vem sendo reelaborado e

---

<sup>32</sup> Sobre essa questão da mudança tecnológica da irrigação, em contraposição ao saber científico e o saber prático, ver Neves (1997).

adaptado aos limites encontrados na condição de assentado, mas que ademais é contraposto ao tempo passado, mesmo que seja desconhecido.

J ó A banana é uma planta que, ela chega no tempo, tem praga. O que dá praga aqui é a laranja. Ai, boto o remédio só quando passa a dar a praga nas folhas. Ai, passa o remediozinho ali nas folhas... mas o remédio é fraco. Prepara o remédio assim: apanha um copo de urina de vaca, uma pedra de sabão virgem e um pedaço de fumo. Bota de molho e depois bota na bomba e lava os pés. Lava tudinho e aí some. Mas, aqui, tem gente que usa o arsênio para formiga... Mas isso acabou. Não usa mais. Agora é um outro que tem. Eu tenho aí um restinho ali e boto nas formigas também. Só serve para formiga.

P ó Naquela época da usina tinha muita praga?

J ó Não. Essas pragas todas são de um tempo para cá. Isso surgiu ai. Você planta e tem uma pragazinha branquinha, miudinha, uma coisinha. Ela acabou com os cajueiros. Não foi aqui não, isso foi para lá... para lá... lá dá e mata a planta mesmo. Quando os pés de laranjas meus tiveram essa praga também, foi uma formiguinha pretinha. Ela trepa no pé de laranja e eu não sei o que ela faz ali que ela bota um lodo no pé de laranja. Tipo uma sujeira que ela coloca no pé de laranja e aí não deixa a planta brotar. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Da posição de pré-trabalhador da usina à função de gestor dos bens do usineiro (administrador), José Quissamã pode construir uma carreira plena; e acumular um conhecimento não só sobre o ambiente, como do ato do plantio e da gestão dos recursos naturais.

Em consequência, vivenciando o processo de falência da usina, soube dela tirar proveito. Sobre esse aspecto, transcrevo o trecho da entrevista em que o assentado relewa o seu ponto de vista sobre esse processo e em que condições pode gerir as condições adversas que foram sendo impostas.

J ó A usina ficou na pior e pior mesmo... passou por muita dificuldade. Aí eu tratava todo mundo bem. Eu gosto de tratar todo mundo bem. Pode ser um velhinho, pode ser um rico que eu dou atenção. Porque eu não sei quem é aquele velhinho não. Às vezes pode ser uma pessoa mais pobre do que eu. Então é o tal negócio. E por esse motivo eu fiquei na usina ainda. Às vezes a usina não tinha dinheiro, mas dava ali um abonzinho de 20, 30, 40 reais, só pela consideração que eles tinham... Eu acho. Ou então deixavam a gente plantar para colher. Eles me deram um cantinho para eu criar um gadinho. Então eu também criei um gado. Do gado, eu tirava o leite e levava para casa e vendia. Quando sobrava para fazer o queijo, vendia o queijo. E assim eu fui vivendo. Eu não parei porque eu estava perto de me aposentar e aí eu tive que agüentar o chicote mesmo para eu completar os tempos de serviço para me aposentar. E quem estava

nessa hora ai, saiu fora e alguns tiveram prejuízo. E, no final, fiquei sozinho aqui. Sozinho com Deus. Foi todo mundo embora. Mandou todo mundo embora. E eu apanhava o cavalo, rodava a fazenda todinha que eu era administrador... Eu fazia tudo. Todo mundo foi embora e só eu fiquei. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Durante a realização do trabalho de campo, pude observar que, enquanto assentado, José Quissamã utiliza-se de seu vasto saber prático acumulado durante sua vivência para gerir seu lote. Nele, investe na diversificação dos sistemas produtivos, tanto para o autoconsumo familiar, quanto para comercialização na *venda* de sua família. Apesar de não ter lidado anteriormente com determinados sistemas produtivos, permite-se experimentar, porque é conhecedor das condições de solo, de oferta de água e do ambiente local, mesmo porque seu lote é fruto de processo de escolha individual. Por esse motivo, é capaz de desenvolver a melhor forma de aproveitar o espaço em relação aos demais assentados. Tal como ele explica:

J ó Aqui, minha filha: a terra que a gente tem, tem que aproveitar de tudo, entende? Porque tem gente... Tenho quantos hectares de banana? Meio hectare! Mas tem gente que não sabe o que tem dentro. Não dá! Não tem como! Então aqui eu vou misturando um pouquinho de cada coisa. Eu vou embolando. Aqui, olha, para plantar a mandioca aqui no meio da banana, não presta! (refere-se a forma de plantio dos outros assentados que planta a banana separadamente das outras culturas)

P ó Ah não?

J ó 25 mil, como é que não presta?! (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em agosto de 2010)

Por ser assentado e não definitivamente titulado proprietário do lote, Seu Quissamã se pensa como um cuidador da terra alheia ou, para usar suas palavras, *tomador de conta*, o que para ele limita a transferência da terra aos filhos por herança. Contudo, com seu conhecimento adquirido pode, mesmo com essa limitação, obter renda a partir da exploração do pedaço de terra que está sob sua responsabilidade. Explica ele:

J ó O INCRA não dava terra para criação de gado. Ele pode até dar agora, depois que muita gente reformou aí direito. Eu não considero que o meu menino tenha terra aqui não. Eu não. A gente só toma conta. O governo não dá nada a ninguém não! Não dá nada de graça né... Então a gente vai lutando e o que vende aqui dentro, se eu vender aí para fora ai, ele também tem o ganho dele. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)



Cabe destacar ainda que o saber de Seu Quissamã é demonstrado a partir da utilização de termos próprios do entendimento que só pode vir à tona mediante minha ação provocativa. O conhecimento desses termos, mesmo que não leve em consideração seus princípios de funcionamento, faz com que o assentado seja reconhecido como portador de um saber diferenciado que, embora esteja em condições adversas, permite a gestão dos sistemas produtivos no lote sob riscos reduzidos de perdas.

Se, frente aos outros assentados, o lote coberto pela *mata* não é valorizado, Seu Quissamã, portador de um vasto conhecimento sobre a região, apresenta os significados e a importância desse recurso, isto é, da reposição da fertilidade do solo *macega*, de onde pode esperar melhor cultivo e se aproveitar de recursos marginais.

P ó Hoje, o que o senhor planta aqui no seu lote?

J ó Isso, quando eu apanhei... Quando eu apanhei, ninguém via nada. Era uma mata. De planta, o que tinha aqui era só um aipinzinho ali atrás. Um pezinho de planta. Devia ter umas 20 e poucas bananas. Hoje já tenho umas 400. Quando eu apanhei o lote, era só mato. Mato é um capim grande que dava aqui e escondia a casa. Só via o telhado... Você ia ali para os fundos do lote e era tudo tapado. Ninguém via nada. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

J ó Minha filha, quando eu apanhei isso aqui, você podia ficar ali e sentar. A gente se escondia por aqui e você não via! Tudo de mato! Então, a mulher adoeceu e não pode tocar e o homem, Deus levou. Mas também não tinha coragem. Ele era uma pessoa que gostava nem de tomar banho de rio! Ai, quando foi passar o lote... A gente não passa terra... Então, se eu quero passar o lote para você, eu vou fazer o valor da terra aqui. Tem o valor da comida, da bananeira e das plantas. Porque aqui, a terra eles não podem vender. Acho eu. Pode passar o lote por causa de doença ou seja o que for... Ai, é outra coisa, só que não tem como passar a terra. Então, aqui essa cana eu posso aproveitar ela porque eu plantei. Daí, eu tiro dois anos para caldo e pego o restante e dou ao gado! Porque a cana vai até lá embaixo. É muita terra, minha filha! Algumas canas o preço é bem barato. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em agosto de 2010)

Assim, dominar o tipo de cobertura vegetal adequada a cada tipo de solo, faz dele também um grande criador de gado.

J ó Aqui é o pasto bom. É o pangodão, tem o pangola... Não é o capinzinho ali. E aquele capim aonde a vaca come ali, o gado come dele, esse é o capim forte. E o capim mole dá em qualquer lugar... Aqui, olha... Aqui tem muita raça de qualidade. E esse daqui é forte, olha. Olha o mole... esse não vale nada.. Esse aí não serve para pasto não. O animal fica fraco, ele não se desenvolve... É um pasto que não

tem vitamina. Lá na lagoa é patorá, pasto de brejo mesmo, porque não dá outro pasto. É uma lagoa... Ali, o pasto entra para dentro... a tabua entra. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em 20/02/2010)

Diante das posições que veio galgando, Seu Quissamã pode acompanhar uma série de transformações nos recursos e, por tal experiência, é capaz de periodicizar as mudanças.

A partir dessa experiência de vida, chegou a conhecedor dos limites, o que lhe permitiu investir na diversificação de alternativas para gestão da força de trabalho familiar. Com a falência da usina, seus filhos, também ex-trabalhadores, lançaram-se em outra opção de mercado de trabalho, principalmente porque, com a saída dos filhos, Seu Quissamã obtinha certo aumento do rendimento do grupo familiar pela vinculação dos filhos ao trabalho assalariado e, por outro lado, na medida em que se mantinha na terra, assegurava as condições de retorno no fracasso da investida. Essa condição só seria possível mediante o recebimento da aposentadoria. Nesse sentido, é também portador de um conhecimento que permite prever, relativamente, as situações de descontrole que caracteriza o trabalho assalariado, mediante o cálculo por rendimento e atendimento de demandas da família.

J ó A água de coco é muito bom para a saúde. É muito bom. Mas eu estou com um gato que vem lá do Rio e que leva o meu coco todo. São meus filhos... Levam para o Rio. Ai, o que acontece é o seguinte: eu não plantei ainda. Não plantei. Mas também tem gente que compra aqui para levar para lá para o Rio... Compram aqui por 20 centavos, 25, 30 e então não recompensa a gente vender. É muito barato mesmo... Então, eu deixei aí para os netos e para os filhos tomarem quando eles vêm ai.

P ó O senhor plantou para vender?

J ó Não. Eu plantei para ajeitar a propriedade, porque a renda melhor minha aqui é com a banana... Porque a cana, hoje, você planta, mas é... Como se diz? Chega na hora da moagem, não tem preço. E a banana bate e na hora vende. O aipim também, tudo que bate, vende na hora.

P ó O senhor leva tudo o que o senhor produz para vender?

J ó Tudo... Não vendo fora não. É fácil vender. Foi como você viu: o rapaz ligou encomendando o aipim. E ele leva daqui duas caixas para o Rio. Porque ele vai para lá e leva para ele. Aqui, o pessoal vai lá na venda que fica perto do posto mesmo... Chega lá, minha esposa já está lá. Tem a nora também que tem um barzinho para vender. Ai, o pessoal chega, compra um quilo, dois quilos e vão embora. Eles gostam dos produtos. Porque, o que acontece é o seguinte: essa planta aqui não leva o remédio! Essa banana de fora, o que acontece? Eu não estou fazendo pouco caso, porque as vezes pode até ser melhor do que a minha, mas tem que deixar dever no pé. Então, quando colhe, está

de vez e assim para mercado, essas coisas, não pode estar verde. Eles botam o remédio e a banana fica madura.

Filho ó O pessoal lá no Rio fala assim para mim: olha, traz banana de lá porque de lá não leva remédio. Essa daqui tem mais gosto.

(José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em 20/02/2010)

Como pondera Galeski (1979) o trabalho do agricultor é, de acordo com esta perspectiva analítica, construído nos termos de uma relação familiar onde, neste contexto, o grupo doméstico é movido por uma lógica que lhe é inerente e está de acordo com o respeito à capacidade física de seus membros e respectivos lugares dentro do grupo.

J - E hoje, para um homem só trabalhar, é muita terra.

P ó O senhor não tem ajudante não?

J ó Não. Os meus filhos não vieram para roça não. Não aprovaram não! Eles estudaram e um deles foi ser motorista de caminhão lá no Rio, o outro é bombeiro.

(...)

P ó E os filhos do senhor vêm até aqui ajudar?

J ó Se eu ligar, vêm. Um trabalha de pedreiro, mas a família nossa é muito unida. Pensamos muito nisso, muito mesmo. Ele pode está trabalhando, mas se eu ligar e falar que estou precisando de ajuda aqui, ele vem! Só não são homens de roça! (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em agosto de 2010)

José Quissamã se orienta, produtivamente, segundo a demanda de consumo e ciclo de vida da família, bem como pelos gastos com formas de sociabilidade do seu grupo doméstico.

J ó fez quando... nós, agora, vamos... se Deus quiser, dando saúde, esperar a morte chegar. Nós vamos correr tanto para que? Já criamos os filhos. Os filhos estão criados. Por obrigação... não temos. Pelo que eu vejo, na família nossa, não precisa nem a obrigação. Por um motivo: quando eles precisam de mim, eu estou com eles. Quando eu preciso deles, eles estão comigo.

P ó é verdade. Um ajuda o outro né.

J ó é. É assim que a família nossa vai...

P ó Aí ele vem aqui, colhe as bananas...

J ó ele vem aqui... ele vem aqui ... ele trabalha no Rio.

P ó é?

J ó Aí ele vem aqui passear... aí como a família ... está aí há dois meses ai... ele vai embora hoje ou amanhã... ai, o que quiser... se ele não pode me ajudar, mas me deu até um trocadinho para eu pagar o trabalhador que eu preciso. E aí hoje ele vai... quando for embora, ele leva umas coisinhas para ele. E a vida é essa. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Outrossim, Seu Quissamã pode acumular conhecimento prático não apenas por socialização no trabalho da fazenda do usineiro, mas também por redes sociais que integra e participa por vínculos familiares e vicinais. Nesse contexto, tornou-se também conhecedor dos produtos passíveis de comercialização na região, da quantidade e qualidade dos recursos a serem oferecidos, das alternativas dos consumidores; enfim, um saber que lhe facilita construir e se valer de economia de proximidade pelas relações que tem com os vizinhos.

(telefone toca)

J ó É como eu te falei: aquela outra moça que estava aqui.... Eles ligam para eu levar o que precisam. E agora a senhora está vendo! A senhora é testemunha. Então eles ligam para cá pedindo para eu levar.

P ó E o senhor leva para aonde?

J ó Eu levo lá para casa e vendo em um barzinho que tem assim na frente da minha casa.

P ó E é fácil de vender?

J ó Para mim não há dificuldade não. Tudo o que produzo aqui, eu vendo. (José Quissamã, 68 anos, agricultor, ex-trabalhador da usina, 5 anos no PA, lote 46, entrevistado em fevereiro de 2010)

Cabe ressaltar que a incorporação de tecnologias modernas (celular e moto) permite a ele unir a unidade de produção e a unidade de consumo e comercialização, mediante o encurtamento da distância e o aceleração da entrega dos produtos a serem comercializados pela sua esposa. É também conhecedor das redes de relações para vender e fazer circular a produção a partir da criação de outros circuitos, porque dispensa a mediação do atravessador.

Diante de seu conhecimento sistematizado a partir da provocação e do percurso pelo lote, orgulhando-se da diversidade de investimentos que realiza, José Quissamã se auto-reconhece como sabedor, ao afirmar que *o estudo deles (técnicos) é muito grande, mas a experiência nossa aqui é maior*. Desse modo, coloca em questão o caráter transversal da relação entre natureza e cultura, a partir de sua vivência num espaço socialmente praticado; e minimiza o valor dos saberes que não são produzidos sob essa base interativa e localizada.

## Considerações finais

No Brasil, grande parte dos autores que se dedicaram ao estudo das condições de acesso à terra tem demonstrado que o patrimônio rural ao qual os assentados têm recebido como parte do processo de reforma agrária apresenta-se em estado de notável degradação. Esta condição impõe uma série de limites aos projetos individuais dos assentados, além das limitações às formas de aproveitamento dos recursos naturais e sua transformação em rendimento. Como decorrência dessas adversidades, os assentados se vêem num processo contínuo de desvalorização de suas terras, principalmente a partir do aspecto da improdutividade. A reversão deste quadro crescente de limitações só é possível mediante vultosos investimentos por parte desses agentes o que, em poucas situações, conseguem ter acesso a fundos de financiamentos ou podem lançar mão recursos próprios como, por exemplo, é o caso daqueles que são portadores de aposentadorias e outros benefícios.

A transformação da terra considerada degradada e improdutiva em lote produtivo mediante investimentos próprios é tarefa que os assentados realizam a despeito da condição de titulares de um direito que não lhes assegura a propriedade. Nesta condição, os assentados contribuem para a efetividade da função social da propriedade além de ajudar no processo de restituição das condições naturais locais.

Igualmente, em inúmeros casos, os assentados também são forçados a gerir uma série de outros aspectos externos que contribuem para impedir o projeto que eles têm enquanto assentados rurais. Um desses condicionantes externos, como se observou, é a lentidão dos processos burocráticos na qual se deparam quando submetidos à avaliação de pedidos de financiamento de instituições públicas ou à captação de subsídios para investimento no lote. A demora desses processos posterga o resultado final dos projetos que esses produtores pretendem desenvolver e que, se efetivados, os definem como assentados. Além disso, esta delonga do trâmite burocrático posterga a efetivação dos sistemas produtivos e, ainda assim, impõe limites à reprodução da criação.

Assim, o papel que esses pequenos produtores desempenham em relação ao patrimônio rural é equivalente à propriedade da terra nas mãos de fazendeiros que, lançando mão de recursos próprios, fazem com que a terra realize sua função social; ou seja, que seja assegurado o uso em consonância com os ditames clamados pelo bem comum.

Como se pode notar, os assentados rurais, pouco a pouco, mesmo com recursos precários, devido ao baixo valor de mercado que os produtos agrícolas alcançam no mercado, contribuem para o processo de recuperação das condições naturais dessas terras. Esse processo de recuperação (restituição de um ecossistema ou de uma população silvestre degradada a uma condição não degradada, que pode ser diferente de sua condição original)<sup>33</sup> tem início quando do preparo da terra para iniciar o plantio, mediante a correção do solo com insumos químicos e adubos (orgânicos e inorgânicos), se estendendo com os projetos de irrigação das lavouras.

Se, por um lado, os assentados prestam um serviço coletivo à sociedade, por outro, são subjugados como preguiçosos, incapazes e por não produzem dentro dos padrões capitalistas esperados. Esse sistema acusatório, por vezes, invade o meio acadêmico e contamina os trabalhos de pesquisa que vem sendo realizados, mormente quando os pesquisadores revelam dados que *a priori* foram elaborados do que se espera para o modelo de vida dos produtores rurais. Por este viés, os assentados entram em processo de assentamento já desqualificados.

Diante disso, o Projeto de Assentamento Che Guevara é um caso exemplar. Fruto de um processo de exploração da terra para atender aos objetivos da agroindústria canavieira, a terra que pertencia a então Fazenda Marrecas foi altamente experimentada em termos de uso de tecnologia. O investimento tecnológico surgiu como alternativa à tímida resposta que a terra inapropriada oferecia frente às exigências do mercado açucareiro. Com solo inadequado, era praticamente impossível, sem investimentos, alcançar o patamar que a produção canavieira chegou na região. Com a implantação do sistema de irrigação e com os investimentos massivos em máquinas agrícolas, extraía-se das terras um valor maior do que ela poderia oferecer.

Assim, as terras da Fazenda produziam para a usina Baixa Grande toneladas de cana irrigadas a partir de um sistema de irrigação que lançava o vinhoto no solo e que, repetindo-se por anos, hoje faz com que este esteja em condição pior de degradação do que no início do processo de exploração, como consideram os assentados.

Não obstante, os lucros que os usineiros obtinham com a alta produtividade dos canaviais campistas não permitiram a eles gerir as dívidas que contraíram com os financiamentos bancários e outros créditos que assumiram para dar início à plantação de cana. Assim, as terras que hoje fazem parte do PA Che Guevara refletem os efeitos de um

---

<sup>33</sup> Artigo III da Lei 9.985/2000 é SNUC.

longo processo de industrialização da agricultura, principalmente porque essas terras não correspondiam a essa aptidão.

Nesse sentido, as terras do PA Che Guevara derrubam a pressuposição de que mediante investimento tecnológico quaisquer limites podem ser superados, principalmente se impostos pela natureza. Como pude observar durante a realização de trabalho de campo, os assentados enfrentam uma série de fatores naturais limitantes. O solo em grande parte dos lotes é de constituição arenosa e salitrado; além disso, muitos lotes estão em área alagadiça o que, freqüentemente, faz com que os produtores, durante os períodos de chuvas mais intensas, percam tudo que investiram. A disponibilidade de água é restrita a alguns locais e, portanto, nos lotes mais afastados da área de reserva e dos canais, eles têm que investir na reabertura dos valados e outros sistemas para captação de água a partir do desvio da água dessas fontes. A alteração do curso da água desses canais contribui ainda para acarretar outro problema: o assoreamento do leito desses rios, não somente porque diminui o fluxo hídrico como porque, durante as cheias, facilita a ação da erosão. Além disso, com o solo descoberto, as sementes podem cair no leito desses canais e germinar, como ocorre, por exemplo, com as *tabuas*, vegetação característica de áreas alagadas. Para permitir a implementação da lavoura canavieira, a vegetação nativa praticamente se perdeu. As árvores e arbustos que pude observar chegaram há cerca de 11 anos, quando da instalação das famílias de assentados. A plantação de eucaliptos introduzida para recuperação da área também já foi retirada. A fauna, principalmente de peixes, do mesmo modo se perdeu com a introdução das indústrias na região da praia e da Lagoa Feia.

Ainda em relação aos limites que os assentados enfrentam para dar continuidade ao projeto de assentamento também podem ser originados a partir da própria unidade familiar, como, por exemplo, o ciclo de vida da família. Para muitos dos assentados entrevistados, a idade avançada representa uma série de limites físicos (doenças) e também o crescimento dos filhos e a saída deles para estudar, trabalhar e constituir família conjugal.

Esses limites internos coadunados à demora dos procedimentos burocráticos têm provocado uma decalagem entre a resposta dos recursos produtivos e o ciclo de vida da unidade familiar de produção. Pois, na medida em que os assentados adoecem ou pela velhice são tolidos de *tocar* os sistemas produtivos que planejaram para o lote, encontram-se impedidos de assegurarem as condições de sobrevivência de sua família. Esta condição se agrava se nenhum dos membros da unidade familiar é beneficiado com proventos, sejam pagamentos por prestação de serviços a terceiros, aposentadoria ou benefício por doença

e/ou invalidez. Nesses casos, os produtores têm diminuída a possibilidade de efetivação do projeto individual esperado para o assentamento.

Outrossim, a saída dos filhos do lote para estudo ou para constituírem família conjugal influencia negativamente na implementação dos projetos que planejaram enquanto assentados. A ajuda dos filhos é fundamental, sobretudo quando os titulares do lote (pais e mães) encontram-se impossibilitados de darem continuidade ao trabalho. E essa situação se agrava quando os assentados têm que enfrentar anos de espera para receber a ajuda técnica e financeira que solicitam e precisam.

Gostaria ainda de ressaltar que, frente a tantas adversidades que me deparei durante a realização do trabalho de campo, fui levada a refletir sobre os modos como esses assentados buscam alternativas para se manterem no lote. Essas formas de negociação que estabelecem entre si e com os recursos pressupõe que esses agentes são portadores de saberes práticos para gestão da unidade produtiva.

Alguns pesquisadores, na contramão dos estudos que vêm sendo realizados, têm evocado o saber para valorizar o modo de vida de agricultores e também representantes das chamadas populações tradicionais. No entanto, esse conhecimento não é demonstrado, mas naturalizado. Assim, investir na identificação destes saberes, no entendimento de suas formas de construção e compreender a que ele pode responder são questões primordiais nesse contexto. Portanto, firmei compromisso com a demonstração desses diferentes tipos de saberes que os assentados rurais construíram ao longo de suas histórias de vida para gerirem os recursos naturais que, por transmissão, receberam. As diferentes formas de conhecimento que, na ocasião, destaquei demonstram que esses assentados são portadores de um saber prático que, na medida em que é compartilhado, sofre também ajustes e adaptações segundo interesses e condições apresentadas por cada unidade produtiva. Assim, os assentados demonstram ter um conhecimento prático que lhes é comum, contudo não homogêneo, porque reorganizado.

Além disso, compartilhar e dominar estes saberes não quer dizer que os assentados sejam deste modo identificados. Na situação que elegi para estudo, alguns assentados são identificados como capazes de ensinar aos outros e, nesse contexto, reconhecidos como portadores de um saber exemplar que é valorizado pelos demais integrantes do grupo. Cabe destacar que esses assentados considerados como *experts*, *sabidos*, *inteligentes* só puderam ser assim avaliados porque foram beneficiados com lotes de melhores condições naturais. Esse beneficiamento, contudo, como demonstrei anteriormente, é fruto do conhecimento



que possuem sobre o solo, a água e outros recursos naturais locais.

Por outra via, a incorporação ao estudo daqueles assentados rurais que abandonaram o lote constitui-se enquanto uma das alternativas analíticas. Sua exclusão se dá somente pelo pouco tempo que tive disponível para análise do material, contudo a contribuição que oferecem ao tema da produção e transmissão de conhecimentos práticos é de igual relevância. Principalmente porque, rejeitando do mesmo modo o sistema acusatório que lhes é imputado, podem trazer à tona um saber que não foi suficiente para dar continuidade ao projeto que desenvolveram enquanto assentados. E, nesse contexto, podem ainda revelar questões que extrapolam o domínio de um universo de conhecimento prático, mas que giram em torno do ciclo de vida, da falta de crédito e apoio técnico, da distância das estradas e outras redes de escoamento da produção e etc. Incorporá-los ao estudo pode, igualmente, demonstrar qual é o projeto local esperado que esses produtores têm enquanto assentados rurais. Para tanto, como destituídos de uma formação escrita, tomando para análise esses casos de assentados que não deram certo, esses agentes podem ser instigados a falar e a produzir associações, mediante a busca à memória, sobre os saberes que foram sendo produzidos, contrapostos e deixados de lado desde sua chegada no assentamento. Em sendo assim, não excludo o saber que esses assentados possuem, apenas não os revelo neste texto.

Nesse sentido, firmada neste embate, a contribuição que ofereço não se limita apenas ao campo antropológico, enquanto tema especial sobre o entendimento das formas de construção e transmissão de saber prático. Revelar esses saberes representa uma contribuição para o debate sobre reforma agrária e políticas relacionadas ao programa de assentamentos rurais no país.

## Referências

- ABÉLÈS, Marc. **Le lieu du politique**. Paris: Société d'Ethnographie, 1983.
- BALANDIER, Georges. **Antropologia Política**. São Paulo: Editora da USP, 1969.
- BERGAMASCO, Sonia M. P. P. A realidade dos assentamentos rurais por detrás dos números. **Estudos Avançados**, v. 11, n.31, p. 37-49, 1997.
- BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues e RAMALHO, José Ricardo. **Campesinato Goiano. Três estudos**. Goiânia: Editora da UFGO, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. As categorias do entendimento na antropologia. In: **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo, 1988: 27-48.
- CHAYANOV, A. **La teoría de la economía campesina**. 2 ed. México: Papyrus, 1987.
- CRUZ, Rodrigo Pennutt da. **Assentados em vida salobraõ: diferenciações sociais no processo de constituição do Assentamento Rural Che Guevara/Campos dos Goytacazes**. Monografia. Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, 2010.
- DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1977: 13-42.
- ELDER, Glen; ROBERTSON, Elizabeth y CONGER, Rand. La transmission d'un mode de vie dans l'Amérique rurale. **Communications**, v. 59, n. 59, p. 101-18, 1994.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.
- GALESKI, Boguslaw. Problemas sociológicos de la ocupación de los agricultores. In: SHANIN, Teodor. **Campesinos y Sociedades Campesinas**. México: Fondo de Cultura Economica, 1979: 162-181.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997
- HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida. Trabalho familiar de pequenos produtores no nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e a restinga**. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- LEFF, Henrique. **Epistemologia ambiental**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2002.

- LEITE, Sérgio *et al.* (Coords.). **Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. Brasília: NEAD; São Paulo: UNESP, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1962.
- LUBATTI, Maria Rita da Silva. **O folclore na vivência atual de Açú, Marrecas e Quixaba (Campos, RJ)**. Rio de Janeiro: Editorial Livramento, 1979.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Baloma: os espíritos dos mortos nas Ilhas Trobriand**. In: **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1984: 155 ó 272.
- MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra. Parentesco e herança numa área rural**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- NEVES, Delma Pessanha. **Crescentes e minguentes. Estudo das formas de subordinação dos lavradores de cana ao capital**. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.
- NEVES, Delma Pessanha. **Lavradores e Pequenos Produtores de Cana. Estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- NEVES, Delma Pessanha. **Por Trás dos Verdes Canaviais**. Niterói: Editora da UFF, 1989.
- NEVES, Delma Pessanha. **Os fornecedores de cana e o Estado intervencionista: estudo do processo de constituição social dos fornecedores de cana**. Niterói: Editora da UFF, 1997.
- NEVES, Delma Pessanha. **Assentamento Rural: reforma agrária em migalhas**. Niterói: Editora da UFF, 1997.
- NEVES, Delma Pessanha. Construção de novas competências para o desenvolvimento rural. In: Mota, Dalva Maria da *et al.* (Orgs.). **Agricultura familiar e abordagem sistêmica**. Aracaju: SBSP, 2005: 183-198.
- NICOLITE, Micaela *et al.* Oscilação do nível de água e a co-oscilação da maré astronômica no baixo estuário do Rio Paraíba do Sul, RJ. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 27, n. 2, p. 225-239, 2009.
- ORTIZ, Sutti. Reflections on the concept of  $\text{peasant culture}$  and  $\text{peasant cognitive systems}$ . In: SHANIN, Theodor. **The peasantry as a culture**. Harmondsworth: Penguin Books Ltda, 1971: 322-335.
- PEIXOTO, Marcos (Coord.). **Plano de desenvolvimento sustentável do Assentamento Che Guevara**. Rio de Janeiro: Incra/UFRRJ, 2001.

- PESSANHA, João Batista. **Um estudo sobre a lavoura canavieira em Campos dos Goytacazes na atualidade.** [Dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Regional e Gestão de Cidades, UCAM, 2004.
- SANTOS, Priscila Tavares e Cruz, Rodrigo Pennutt da. Produção de esteiras de *tabua*: alternativa para reprodução social dos agricultores assentados no P.A. Che Guevara/Campos dos Goytacazes, RJ. **IV Simpósio Reforma Agrária**, Araraquara: Nupedor, 2010.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim.** Porto Alegre: Movimento, 1974.
- WOORTMANN, Ellen F. e WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** Brasília: Editora da UnB, 1997. 192p.

## ANEXO

### Glossário

**Anarcadiáceas** ó grupo botânico de árvores e arbustos que produzem frutos carnosos em forma de coração. Seus principais representantes são a mangueira e o cajueiro.

**Aração** ó produzir sulcos na terra para iniciar o cultivo.

**Arecáceas** ó grupo botânico de arbustos representados, no assentamento, pelas palmeiras e coqueiros.

**Assoreamento** - redução da profundidade e da correnteza nos corpos hídricos mediante o despejo de sedimentos.

**Bactérias quimiosintetizantes** ó seres vivos que decompõem as substâncias nitrogenadas existentes na natureza, principalmente a amônia.

**Bombacáceas** ó grupo botânico de árvores e arbustos que produzem uma paina utilizada pelos pássaros na construção do ninho. No assentamento, é representada pela paineira.

**Ciclo vegetativo** ó período que vai da fase de plantio da semente até à fase de colheita da planta.

**Condições edáficas** ó condições em que se encontra o solo, principalmente oferta de nutrientes para a planta.

**Debulhagem** ó ato de retirar a casca da semente, antes de iniciar o plantio.

**Destorramento** ó ou desterroamento, processo de fragmentação da terra.

**Diversidade ictiológica** ó diferentes tipos de peixes existentes num determinado ambiente.

**Edafoclimáticas** ó diz respeito às condições do solo e do clima, simultaneamente.

**Enleiramento** ó ato de fazer linhas, fileiras com o solo para iniciar o plantio.

**Espécie** ó indivíduo único, seja ele integrante do grupo dos animais ou das plantas.

**Fenológicos** ó diz respeito aos fenômenos periódicos dos seres vivos em relação com as condições ambientais como, por exemplo, o clima.

**Fibroso** ó alimento rico em fibras e, por isso, de consistência endurecida.

**Florescimento** ó corresponde às etapas da produção e crescimento da flor.

**Folhas crassas** ó folhas que armazenam em seu interior maior quantidade de água, porque adaptada a regiões secas.

**Gemas basais** ó corresponde à parte lateral da planta que irá permitir seu crescimento.

**Germinação** ó corresponde à fase inicial de crescimento da planta a partir da semente.

**Gradagem** ó corresponde à etapa de preparação do solo que é posterior à da aração.

**Grau de sacarose** ó quantidade de açúcar encontrada na cana de açúcar.

**Leguminosas** ó também conhecidas como Fabaceas, é grupo botânico que tem o fruto em forma de vagem. Na região do assentamento, seus principais representantes são a pata-de-vaca, a alfafa, o feijão, o flamboyant.

**Malváceas** ó grupo botânico que tem como representante principal no assentamento o hibisco.

**Matas ciliares** ó vegetação que margeia corpos hídricos. Sua manutenção é fundamental à preservação da qualidade da água.

**Mirtáceas** ó grupo botânico que na região do assentamento é representada pelas árvores frutíferas, como a goiabeira, o jameiro, a pitangueira e a jabuticabeira.

**Moráceas** ó grupo botânico de árvores frutíferas representadas, no assentamento, pela jaqueira e amoeira.

**Nematóides** ó vermes causadores de doenças.

**Perene** ó ciclo de desenvolvimento anual.

**Permeabilidade** ó capacidade do solo em permitir a passagem da água.

**Plantas invasoras** ó são plantas provenientes de outras regiões que não a do assentamento e com essas competem por recursos.

**Plantio em curva de nível** ó é uma técnica de plantio que segue o traçado característico das curvas. Em geral, é feito para reduzir os efeitos da erosão.

**Porosidade** ó capacidade do material que compõe o solo em armazenar a água.

**Propagação por estaquia** ó técnica de reprodução da planta por estacas, mediante a coleta de ramos verdes.

**Raça** ó categoria local usada para classificação dos animais e plantas em tipos.

**Rubiáceas** ó grupo botânico que tem como principais representantes no assentamento o café e o genipapo.

**Seiva** ó líquido que percorre o corpo da planta, equivalente ao sangue dos animais.

**Terraceamento** ó técnica agrícola de controle da erosão mediante a construção de rampas niveladas em terrenos inclinados.

**Vasos condutores** ó sistemas de canais que transportam pelo corpo da planta a seiva.